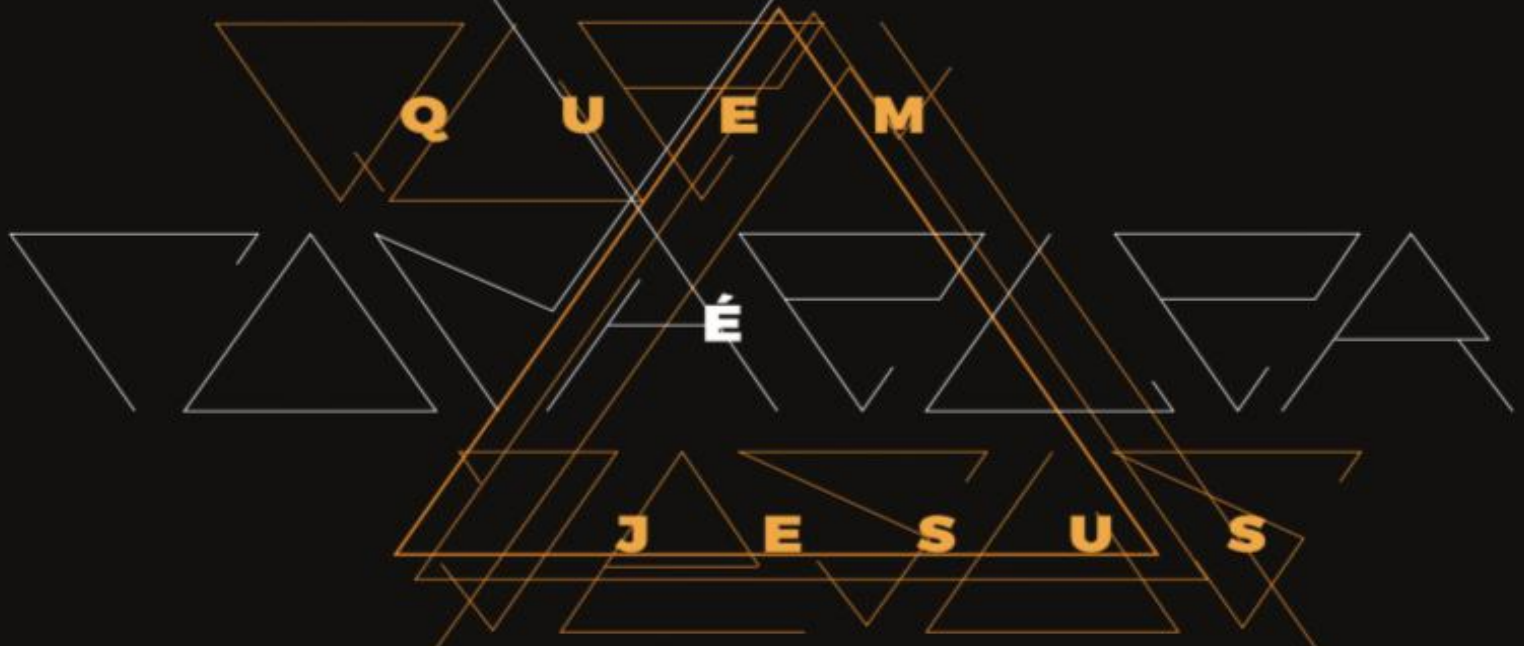
alessandro vilas boas

QUEM É JESUS



DOMA
EDITORA

alessandro vilas boas

QUEM É JESUS

1ª Edição

DOMA

S. J. Campos, SP
2019

Editora **DOMA**
Avenida Nove de Julho, 765 • Sala 301 • Jardim Apolo
12243-000 • São José dos Campos, SP
telefone: (12) 3600-5980
e-mail: contato@editoradoma.com • www.editoradoma.com

por Alessandro Vilas Boas

Quem é Jesus

As referências bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), salvo menção contrária.

Todos os direitos reservados à Editora DOMA. É proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Edição, preparação e revisão:
Débora Mühlbeier Lorusso

Revisão:
Chico Milk

Capa:
Jefferson dos Santos Dias

Ilustrações:
Lucas Silveira

Fotografia:
Equipe Som do Reino

Diagramação:
Waldemar Sugulhara

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Vilas Boas, Alessandro.

V697q Quem é Jesus / Alessandro Vilas Boas. – São José dos Campos (SP): Doma, 2019.

159 p. : 14 x 21 cm

ISBN 978-85-53106-05-9

1. Bíblia – Citações. 2. Jesus Cristo – Ensinamentos. 3. Vida cristã. I. Título.

CDD 248.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

SUMÁRIO

Prefácio

Vida, por quê?

Retorno ao simples, mas não simplista
Nem céu, nem inferno
O céu em você

Resposta certa

Deus não me chamou para ser cantor

O primeiro chamado

Chamado e vocação

Morre, sim!

Jesus não conhece todos

Primeira menção de conhecer
Coraítas

Jesus conhece você?

Um lugar que basta

Filho como Ele é

Conhecer e ser bastam

O que Deus faz no céu?

Vive a Si mesmo
Vive família

Quando Jesus orou por mim

Vida eterna é conhecer a Deus
A obra é Cristo em nós
Glória de volta?
Bom mesmo é o meu Pai
Para que sejam um como nós
Como Tu me enviaste, envio
A favor deles, santifico-me
Jesus orou por mim

A glória é para eles
Como amaste a mim
Quero conhecer Jesus
Por trás da música

Nunca imaginei que poderia viver o que vivo – sou eternamente grato ao meu Senhor. Em Seu infinito amor, Ele me salvou da vida que eu merecia. Em primeiro lugar, esta obra é para você, Jesus.

A meus pais, que me criaram com amor e me cobriram de conselhos, amparo e orações. Obrigado por todo sacrifício.

À minha esposa, Brunna Vilas Boas, que me mantém focado no Senhor e me instiga a viver algo a mais – você é a mulher mais incrível desta Terra.

A minhas filhas, Ana Julia e Maria Luiza, que ainda nem entendem o quanto me ensinam. Vocês me fazem um homem mais parecido com Cristo.

A vocês, dedico todo fruto. A vocês, tudo que desenvolvi nesta caminhada. Vocês são donos do meu amor.

Em *Quem é Jesus*, nosso querido Alessandro Vilas Boas nos leva em uma aventura. O objetivo da jornada é experimentar Jesus de uma maneira mais autêntica e pessoal. E, é claro, quem melhor para falar disso do que alguém com tanta experiência prática? A composição de músicas de adoração tão transformadoras como “Quero conhecer Jesus” – dentre muitas outras – mostra que Alessandro é altamente qualificado para assumir o tema e falar de quem Jesus realmente é.

Nas páginas deste livro, encontramos um tesouro de princípios comprovados, que nos levam ao desenvolvimento de um relacionamento mais íntimo com nosso Amado. *Quem é Jesus* revela que Ale não é apenas um músico talentoso e um grande adorador, mas também um aluno das Escrituras, que carrega autoridade baseada em conhecimento bíblico e maturidade teológica.

À medida que você ler estas páginas, algumas crenças tradicionais serão desafiadas. Porém, se aplicar esta revelação à sua vida pessoal, você será certamente transformado.

— Mark Shubert

O desfibrilador é um equipamento usado na tentativa de trazer de volta à vida um ser humano que está partindo. A pessoa que está partindo não sabe, mas alguém está dando choques nela para que ela volte... Alessandro possui o dom de liberar choques de realidade: doutrina versus sofismas dogmáticos. Isso é bom demais!

Talvez sua própria teologia esteja levando você a perder a vida. Então abra este livro e deixe o choque mostrar-lhe que há uma vida de Deus que vivifica e renova pelo espírito de revelação! Embriague as letras que matam com o Espírito que vivifica. *Enjoy it!*

— Leandro Barreto

Uma das definições que eu daria às Sagradas Escrituras é: a revelação progressiva que Deus dá de Si mesmo aos homens – a saber, Cristo (Ap 1.1). Há um desejo profundo no coração do Deus trino de revelar-se àqueles que foram feitos à Sua imagem e semelhança, e a plenitude desta revelação é Seu Filho (Jo 14.8,9).

Nesta literatura, Alessandro compartilha sua jornada na busca de conhecer o Filho de Deus e Seu soberano propósito. É um convite para as profundezas de Deus – uma santa convocação para sermos achados nEle, para termos o pleno conhecimento de Seu coração. Recomento não apenas a literatura, mas também o autor, um jovem profeta cheio de fome e sede pelo nosso Senhor!

— Leandro Vieira

Quem é Jesus é apenas uma fagulha de uma mensagem que mudou a vida do Alessandro. Ao longo dos anos, nós o temos visto chorar sobre João 17 – não apenas por ele mesmo, mas para que o

Brasil e toda nossa geração seja uma só com Jesus. Esse clamor fez com que ele encarnasse a mensagem.

Se o único objetivo da vida eterna fosse conhecer Jesus, ainda iríamos desejar vivê-la? Acreditamos que esta é uma mensagem poderosa para nossa geração crescer saudável e com fundamento: viver pelo conhecimento da pessoa de Jesus e do coração do Pai.

— Gabriel e Priscila Cantarino, pastores na Igreja ONE (SP)

No livro *Quem é Jesus*, por meio de uma linguagem acessível, o autor Alessandro Vilas Boas apresenta ideias simples – e não simplistas –, revelações profundas e conceitos enraizados na essência. Cada capítulo é um pequeno tijolo que contribui para entendermos a obra final e podermos responder: afinal de contas, quem é Jesus?

Nunca foi sobre canções e ministério, mas sim sobre uma vida reta, justa e faminta por Deus – a qual temos o prazer de testemunhar de perto. Alessandro não somente escreveu este livro, mas vive intensamente cada uma destas palavras.

Oramos para que sua mente seja renovada, seus olhos se encham de lágrimas e seu coração seja aquecido por esta obra, que traz verdades marcantes para esta geração.

— David e Ana Cardoso, pastores na Igreja ONE (RJ)

Eu tenho o enorme prazer de comprovar a veracidade da mensagem aqui escrita, porque sei que se trata da verdade no coração de meu marido. Vejo todos os dias como ele tem prazer em doar sua vida em devoção à Cristo. Seu maior desejo é que todos sejam transformados pela revelação do Noivo.

Espero que este livro signifique tanto para você quanto significa para nós. Você não está lendo sobre uma música, mas sobre a mensagem de uma vida gasta em busca de conhecer nosso amado Jesus. Ao final destas páginas, você entenderá mais sobre

quem Ele é e sobre quem você é. Oro para que você seja incendiado de amor e queira entregar completamente sua vida aos pés de Jesus. Que você nunca mais seja o mesmo!

— Brunna Vilas Boas

PREFÁCIO

Quem é Jesus: essa é uma das perguntas mais importantes. A resposta determina toda a vida agora – e também a próxima.



Talvez não exista ninguém na história da humanidade que foi mais estudado, pesquisado e dissecado do que Jesus. Muitas pessoas dedicaram seus dias nessa jornada. Não poucos tirariam dez em uma prova sobre quem Cristo é. Milhares de obras foram escritas sobre Ele.

Será que estamos no caminho certo? Pois procuramos livros para estudar determinadas pessoas pelo fato de elas já terem morrido ou serem inacessíveis, contudo Jesus está vivo e acessível! Não teríamos mais êxito se, ao invés de apenas ler a respeito, nós passássemos tempo com Ele?

Um dia, o próprio Jesus perguntou aos discípulos quem *o povo* dizia que ele era. A reposta foi: “Alguns dizem que você é Elias (por causa dos milagres), outros, Jeremias (por causa das duras palavras), João Batista (devido ao ministério revolucionário), ou algum outro profeta”. Todas as definições eram bíblicas, teológicas e muito bem pensadas, porém nenhuma estava correta.

Então Jesus direciona a pergunta aos discípulos – àqueles que não estudaram sobre Ele, mas andaram com Ele. Pedro diz: “Tu és o Cristo, filho do Deus vivo”. Jesus reconhece que aquele entendimento não veio de carne ou sangue. Em outras palavras, Jesus afirma: “Isso não veio de raciocínio humano, de estudo, de inteligência, ou de esforço. Essa resposta veio de uma revelação do Pai”. Não há como responder à pergunta mais importante do mundo sem revelação do Pai.

Tenho a honra de prefaciar um livro escrito não por alguém que passou a vida dissecando Jesus, mas alguém que tem investido seu tempo em passar tempo com Ele. Você tem em mãos um livro escrito por um amigo de Jesus. Você tem em mãos um livro sobre conhecer a Deus não pelos livros, mas por experiência e convivência.

Quando Ale canta *Quero conhecer Jesus*, ele não está pensando em um livro que trouxe uma nova revelação, mas em um quarto, com a porta fechada, onde se passa tempo a sós com o Criador do Universo, que é nosso Salvador.

Prepare-se para ser provocado e despertado por uma fome por conhecer mais a Deus – de fato, e não em teoria. Boa leitura!

— Douglas Gonçalves *Líder do Movimento JesusCopy*



VIDA, POR QUÊ?

Nada como começar do começo – então vamos ao início do mundo. Quem nunca perguntou por que tudo existe? Mais que isso: por que tudo existe exatamente desse jeito, nesse formato, com essa lógica? Por que eu, particularmente, estou na Terra? Qual a ideia por trás da existência de cada ser humano?

Tenho sido levado por Jesus a pensar cada vez mais no começo, tanto para poder entender o agora quanto conseguir projetar o futuro. Quem sou eu ou o que significa ser igreja? As respostas se encontram no início. Para que, especificamente, Deus me chamou? Preciso voltar à Criação para encontrar respostas divinamente adequadas. Ou melhor, algumas estão ainda antes: na eternidade.

Quero convidar-lhe a trilhar comigo esta jornada superior a tempo e espaço, que vem conduzindo-me a compreender que Deus não me chamou para ser cantor, nem pregador, nem funcionário, nem nada do que imaginei praticamente toda minha vida cristã. Descobri que há tanto mais, mas tanto, que não poderia guardar só para mim. Meu primeiro livro não poderia falar de outro tema.

Sinto-me em dívida de gratidão pelo pequeno feixe de luz que iluminou meu entendimento, por isso escrevi estas páginas. Elas são apenas gotas diante de um oceano que é a abrangente, complexa e, ao mesmo tempo, simples verdade acerca do propósito de tudo. Entretanto arrisco-me a dizer que apenas uma porção é suficiente para que sua vida nunca mais seja a mesma – “se eu apenas lhe tocar a veste”, disse a mulher transformada para sempre. Foi assim comigo. Oro, com fé, para que você vá muito mais longe que eu fui, não só em entendimento, mas experiência. No fim dos dias terrenos, espero encontrar-lhe e compartilhar o senso de dever cumprido, de propósito satisfeito, com a alegria de quem entendeu o porquê de existir – e o viveu plenamente. E com os olhos marejados dizer: Eu ainda amo o meu Senhor.

Gostaria de convidar-lhe a fazer esta simples oração comigo, que aprendi e tenho repetido em minha caminhada:

Senhor, você comprou minha vida naquela cruz. Eu sou totalmente Seu. Eu te amo! Mude minha vida, eu nunca mais quero ser o mesmo. Em Seu nome, oro. Amém.

Retorno ao simples, mas não simplista

O ano de 2017 foi particularmente difícil. Aos olhos humanos, eu fui longe. Ganhei visibilidade. Minhas músicas atravessaram fronteiras. Para muitos, o ano de maior sucesso do cantor, do ministro Alessandro Vilas Boas. Mas não se engane: eu não comecei em 2017. As coisas não aconteceram de repente.

Sem contar que sucesso não mede nem autoridade, nem caráter. Nem tudo que está dando certo é *o* certo. Confundir autoridade com sucesso humano é o mesmo que dizer que Saul era mais próximo de Deus que Samuel. Porém autoridade, caráter e sucesso podem, sim, caminhar juntos – é possível.

Aliás, é bom lembrar que ninguém com autoridade no que prega ou faz começou ontem. Tempo é fundamental. Autoridade só vem ao conquistar uma vida que comprove a mensagem que você carrega.

Hoje, em 2019, quando escrevo este livro, faz um ano que comecei a ocupar com muita frequência palcos e púlpitos. Porém não faz só um ano que estou nas ruas. Não faz um ano que adoro. Não faz um ano que choro pela igreja de Deus. Não faz só um ano que ministro no secreto.

Minha história com Deus começou cedo, quando ainda criança, entretanto não vou colocar esses anos na conta. Posso dizer que, no mínimo, uma década já se foi desde que comecei a procurar, com intensidade distinta, cumprir o chamado divino – apesar de não o entender bem inicialmente.

Quando chegou 2017, embora em evidência crescente no cenário musical, fui levado por Jesus a um esconderijo espiritual. Ele me pediu, claramente, um pouco de isolamento. Pediu-me para frear e silenciar. Até mesmo da Igreja ONE, que ajudei a fundar em São Paulo (SP) e pastoreava na época, precisei distanciar-me. Levei um tempo para entender por que, justo naquele contexto, o Senhor me pedia atenção e busca exclusivas.

A primeira coisa que compreendi: Ele desejava que eu voltasse ao simples. Mensagens simples, verdades simples. Não se trata de algo raso ou simplista. Há poder e profundidade no simples de Deus. A questão é que, talvez, nós tenhamos complicado um pouco o que era para ser direto e objetivo. Provavelmente, perdemos o fio da meada. Foi difícil, para mim, encarar isso. Tudo parecia tão certo!

Outro ponto: no meu esconderijo, tive certeza de que o avivamento não está por vir, mas já começou no Brasil. “Ah, Alessandro! Mas só é avivamento se as pessoas estão indo para as ruas, se o mover está nas ruas!”, alguém pode dizer. Minha resposta: Talvez você não esteja indo, mas eu estou – e não estou sozinho. Não são necessárias cem pessoas orando, mas dez que realmente se colocam na brecha! Isso já acontece há um tempo, sim. Não sou louco de dizer que chegou à maturidade, mas ouso dizer que já começou.

É importante ressaltar que não pretendo discutir ou tentar provar nem que o avivamento começou, nem que este é o último e grande avivamento, nem o que é avivamento. A proposta deste livro é outra. Entretanto precisamos concordar que o Senhor está fazendo algo fresco em nosso país. Vivemos dias únicos.

E essas não são afirmações de alguém apenas empolgado com que está vendo nas igrejas, nas conferências, nas cidades. Sabe onde eu vi o que Deus está fazendo? Em meu quarto, e não em cima das plataformas. Por isso digo com convicção: Deus está se movendo.

Quando comecei a pregar, minhas mensagens sempre passavam pelo Salmo 51, versículo 17. Eu só conseguia falar de coração quebrantado e contrito. Participava de uma reunião na faculdade, e tudo que queria era adorar a Jesus e chorar aos pés dEle. Então o Senhor me disse que muita gente precisava ser cuidada, precisava de pastoreio. “Você poderia soltar seu violão um pouquinho por amor a mim?”, disse-me Jesus. Eu soltei.

Lembro que comecei a marcar cafés com amigos da faculdade. Ia atrás daqueles que eu sentia que estavam sós, fracos, ou que apenas tinham fome de algo novo. Em pouco tempo, meus dias começaram a ser preenchidos por tempo de qualidade com diversas pessoas que, depois, viraram meus discípulos. Alguns caminham comigo até hoje.

Eu estava em um novo lugar em Deus. O curioso é que, fisicamente, eu me mudara para uma rua chamada João Batista, que ficava no bairro Belém. Coincidência? Não, não acho que foi à toa. Acredito que o Senhor primeiro me conduziu ao deserto, para falar e ensinar sobre coisas do coração dEle. Ele me moveu para mover em mim a partir daquele novo ambiente.

Já em uma etapa diferente, de cuidado e pastoreio de vidas, Ele resolve me convocar novamente à simplicidade. O Senhor passa a ensinar-me que avivamento está relacionado a essa tal simplicidade. O que o Senhor quer, afinal? Quer que eu volte a falar de quebrantamento?

Muito mais que isso. Ele queria me levar de volta ao Jardim...

Nem céu, nem inferno

Deus fez um jardim e o colocou no Éden. Também criou homem e mulher e os alocou lá, no Jardim do Éden, onde Se relacionava com eles. O casalzinho quebrou o vínculo. Todo mundo sabe a história, certo?

Foi aí que o próprio Deus profetizou acerca de Seu Filho. Preste atenção porque isto é muito bom: não foram homens os primeiros a profetizar a vinda de Jesus, foi o próprio Pai!

> *Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. Gênesis 3.15*

Jesus veio: *"um menino nos nasceu, um filho se nos deu"* (Is 9.6). Ele sofreu em nosso lugar, *"foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades"* (Is 53.5). A morte não o segurou, *"porquanto não era possível fosse ele retido por ela"* (At 2.24) – *"ele ressuscitou"* (Mc 16.6)! De filho único (Jo 3.16), passou a *"primogênito entre muitos irmãos"* (Rm 8.29). Ou seja, permitiu a você e a mim também sermos contados como filhos de Deus, ao lado de nosso irmão Jesus. Veja *"que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus"* (1 Jo 3.1)!

Depois de um brevíssimo apanhado, quero contar-lhe um segredo: o propósito de toda essa obra de Jesus não é – nunca foi – tirar você do inferno. A ideia também não era garantir-lhe um lugar no céu.

A história do início das coisas explica: o homem não foi criado para ir ao céu, não foi desenhado para ser livre do inferno. Você vê algo parecido com isso no Éden que, de todos os lugares, é o que mais reflete a ideia original do Criador? Sinto informar, mas o Jardim não era sobre céu e inferno. O grande ponto não é nem o futuro no céu, nem o futuro no inferno.

O propósito de Jesus foi restaurar o que existia no Jardim, retomar o plano inicial. Alguém diria que o plano foi interrompido pelo pecado. Ei! Não seja pessimista assim! No Jardim, Jesus era nosso Senhor. Depois do pecado, Ele é ainda mais: também é nosso Salvador! Meu amigo, Deus nunca foi derrotado.

E o plano divino não mudou, continua o mesmo do início das coisas. Em Jesus, Deus deseja levar o homem de volta para o lugar de onde jamais deveria sair: o Jardim. O lugar onde a humanidade é plenamente à imagem de Deus, semelhante a Ele. O lugar de relacionamento. O lugar no qual se vive família: a fusão perfeita da Trindade e da humanidade.

Jesus nunca deixou de viver tudo isso. Ele era, é e sempre será exatamente como o Pai. Ele se relaciona tão de perto com Deus que pode dizer que é um só com Ele. Ele exerce uma função clara dentro da família do Pai, desde a eternidade. Quando veio à Terra, o fez para, revelando a Si mesmo, também revelar o Pai e o propósito de tudo.

Nunca mais esqueça: nem céu, nem inferno. O objetivo é, a partir da surpreendente obra de reconciliação de Jesus, voltar ao começo, ao plano original, ao Jardim. Estando nesse lugar espiritual, a prioridade é estar com Ele, desfrutar dEle, ser como Ele. Não subestime: isso realmente basta. Quando você volta a viver o propósito original, só aí encontra plena satisfação.

Calma! Fará cada vez mais sentido, apenas continue caminhando comigo.

O céu em você

Antes que você pense que estou menosprezando o céu, vou falar dele. O que é mais legal no céu? As ruas de ouro? O mar de cristal? O design sensacional que Apocalipse descreve das portas da Nova Jerusalém? A música que não para? O fato de não existirem mais lágrimas e dor? A árvore da vida? A companhia de santos de todas as épocas? Talvez, voar e ultrapassar paredes com os seres celestiais?

Não, não é nada disso. Ele é o centro do céu, o porquê, o motivo. O céu é como é por causa dEle, e não o contrário. Deus é a razão do céu, o cerne. Sem Ele, o celestial não faria sentido. Iremos morar *no* Pai.

> *Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada.*
>
> *João 14.23*

O Pai não é apenas quem eu adoro, mas *onde eu irei morar*. Deus não é só o dono do céu; Deus *é* o céu. Aquele que se assenta no trono é que faz o céu ser o que é.

Escrevi este refrão em meados de 2015, que explica bem:

> *Não é o trono que importa, mas Aquele que se assenta.*
> *Onde Jesus estiver, o céu estará!*

Agora fica mais fácil entender o que quero dizer com não se tratar de céu ou inferno, mas do desejo de Deus ao criar o homem: relacionamento. Conhecê-Lo, em conversas na viração do dia... isso define o que é o Jardim. Isso define o que é o céu. É tudo sobre Ele.

Sendo assim, a frase correta não é “Deus quer levar você ao céu”, mas “Deus quer colocar o céu em você”. Por quê? Porque o céu é, nada mais, nada menos, que Ele. Por isso é certeiro dizer que o céu, a eternidade, começa já aqui, na Terra, quando Ele passa a habitar o coração de um homem.

Livrar do inferno não deixa de ser uma verdade. O fato de que os filhos de Deus irão morar em um lindo lugar, e o Senhor será o seu Deus para sempre, também. Contudo são consequências, não o propósito. São resultados, não o objetivo.

Tudo sempre foi sobre Ele, mesmo antes de existir mundo ou humanidade. Depois que tudo passou a existir, Ele continuou sendo o centro. Depois de a humanidade perder "fisicamente" o Jardim, Ele se tornou o Jardim e seguiu como o centro de tudo. Mesmo antes de chegar o esperado Grande Dia, Ele já pode, hoje, adiantar o céu em nós, porque o céu é sobre Ele – o céu é Ele. Ele era, é e sempre será o centro de todas as coisas. *"Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez"* (Jo 1.3).

Você consegue imaginar chegar na Nova Jerusalém e, apesar de ficar boquiaberto com as novidades, deparar-se com coisas que não lhe são estranhas, porque você já as viveu daqui? Não, você não está entendendo. Ele não só conduz sua vida de volta ao Jardim, de volta ao propósito da Criação, como pode colocar, desde já, o céu em você! Não amanhã, não no fim – hoje, agora. Isso significa viver e fazer hoje o que você continuará vivendo e fazendo para sempre! O quê? Ele! É tudo sobre Ele!

Conhecê-Lo e ter relacionamento com Ele é o que faz sentido. É o porquê de existir. Era antes da queda, precisou ser restaurado com o sangue de Jesus para ser novamente, com plenitude, e continuará a ser por toda a eternidade. O céu em você, Ele em você, você nEle.

"(…) em minha carne verei a Deus" (Jó 19:26)

> Repare aquilo que o devoto Jó prevê: "Verei a Deus". Ele não diz "verei os santos", embora, sem dúvida, isso será uma felicidade indizível, mas "verei a Deus". Não está escrito: "Verei os portões de pérola, verei os muros de jaspe, contemplarei as coroas de ouro", mas "verei a Deus". Essa é a essência do céu; essa é a alegre esperança de todos os crentes.

É o prazer deles vê-Lo agora, pela fé, nas ordenanças. Os crentes amam observá-Lo em comunhão e em oração, porém, no céu, eles terão uma visão aberta e sem nuvens, e assim verão “como ele é” (1Jo 3:2), e serão feitos inteiramente semelhantes a Ele. Semelhantes a Deus: o que mais podemos desejar? Ver a Deus: há algo melhor que podemos ansiar?

Alguns leem a passagem, “em minha carne verei a Deus”, e encontram uma alusão a Cristo, onde a “Palavra se fez carne” (Jo 1:14), e que gloriosa contemplação dAquele que será o esplendor dos últimos dias. Seja assim ou não, é certo que Cristo será o tema de nosso eterno pensamento, e não desejaremos qualquer outra alegria além daquela que é vê-Lo.

Não pense que isso será um lugar estreito para a mente viver; antes será uma fonte de prazer, e essa fonte é infinita. Todos os Seus atributos serão objeto de contemplação, e como Ele é infinito em cada aspecto, não há receio de exaustão. Suas obras, Seus dons, Seu amor para conosco, Sua glória em todos os Seus propósitos e em todas as Suas ações serão temas eternamente novos. O patriarca aguarda ansiosamente essa visão de Deus com satisfação pessoal – “e os meus olhos, e não outros o contemplarão” (Jó 19:27).

Perceba os pontos de vista da bem-aventurança celestial; pense o que acontecerá com você. “Os teus olhos verão o rei na sua formosura” (Is 33:17). Todos os brilhos terrenos se desvanecem e obscurecem quando olhamos fixamente para Ele, porém lá será um brilho que nunca poderá escurecer, uma glória que nunca irá desaparecer. “Eu verei a Deus”.

Devocional Manhã e Noite, Charles H. Spurgeon

Depois de uma citação espetacular de Spurgeon, termino este trecho com uma canção, escrita há muito tempo, que os anjos não podem cantar:

Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu.

Cantares 6.3

Repito: essa canção, os anjos não podem cantar. Por quê? Porque anjos não foram feitos *um* com Cristo, não são Sua Noiva – mas você, sim. Isso é o céu em você: ser dEle, e Ele, seu. Será que existe música mais bela?

Resposta certa

Vida, por quê? Por Ele. Talvez ainda soe extremamente superficial para você, mas pretendo carregar essa frase com tanto significado que, ao final deste livro, ela baste como resposta para sua existência. “É tudo sobre Ele” será não só uma sentença, mas lema de vida.

Perdoe-me a repetição, mas preciso retomar a história para clarear o que desejo expressar. Por causa da separação causada pelo pecado, Jesus veio construir uma ponte e religar o homem ao motivo de tudo: Deus. Cristo morreu a minha e a sua morte, ressuscitou a minha e a sua ressurreição, santificou-Se em nosso lugar – mesmo já sendo plenamente Santo. Como sumo sacerdote, ofereceu-Se a Si mesmo em sacrifício por nós.

Deixe-me explicar de outra maneira. Cristo não veio apenas morrer por você. A obra do Filho não termina na morte, mas sim na vida. Se Jesus apenas tivesse morrido por você, vã seria a sua fé. Pense: sofrer em seu lugar pouparia da punição, mas não daria a você o direito de viver uma *nova vida* – não apenas uma vida segundo os padrões deste mundo, mas a vida eterna. Cristo morreu a morte que eu merecia e ressuscitou a vida que eu não merecia!

Então Ele ressuscita e não somente retoma Seu lugar de direito na Trindade, mas também nos dá direito a um lugar ao Seu lado. Você me faz um favor? Leia esse parágrafo de novo, e mais uma vez, e outra vez ainda. Você é parte da Trindade. Se Eles – Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo – são um e uma porção desse um é Jesus, onde você está após a conversão a Cristo?

> *Naquele dia, vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós.*
>
> *João 14.20*

Eu preciso gastar mais tinta nesse tópico. Segure a expectativa, voltaremos em outro capítulo. Apenas deixe-se

abismar com a verdade de que você passou a ser parte da Trindade.

> *A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste.*
>
> *João 17.21*

Voltando à história: Deus planejou toda essa obra em Cristo para reconectar o homem a Si mesmo, não apenas para levá-lo ao céu ou livrá-lo do inferno. Qual a resposta humana? Sair do Jardim, todos os dias. E eu não estou falando só de pecado.

Pense comigo: depois de tudo que Jesus fez para que pudéssemos acessar novamente o Pai em intimidade, em uma posição de filhos como o próprio Jesus é, com lugar à mesa de banquete do Senhor, parte da própria Trindade, nós nos voltamos a Deus para, ousadamente, questionar:

“Pai, qual é o meu chamado?”

Jesus pagou um alto preço para levar você de volta ao Jardim, ao lugar de intimidade, e você já quer sair? Custou sangue devolver o acesso à unidade, mas você não quer ser um com Ele, quer uma agenda. “Dê-me uma agenda. Envia-me”.

O motivo de tudo – Ele – é relegado a patrão. Os funcionários querem saber o que é necessário fazer, quando e onde fazer. Oram, jejuam, clamam para ouvir se devem ser cantores ou pastores, evangelistas ou profetas, mestres ou tesoureiros, dançarinos ou planejadores de eventos.

Preste atenção, porque o que vou afirmar é devastador: se Deus criou o homem para pregar, então criou Adão para cair. Uau! A pregação só se fez necessária em razão da queda, certo? Se não houvesse pecado, não seria necessário pregar para o homem se converter.

A questão é que é impossível ter sido essa a ideia de Deus. É simples: o homem foi criado antes de existir pecado, antes de ter acontecido a queda e, portanto, antes de ser necessário pregar! Logo, Deus não criou o homem para ser pregador. Isso leva a entender que Cristo não me salvou para ser pastor, obreiro, diácono ou qualquer outra coisa. Cristo me salvou para ser filho!

Quando Deus me chamou à simplicidade, em meio a um contexto de “sucesso” e muita atividade ministerial, foi para lembrar-me que o motivo, o propósito, a razão é Ele. Não se trata de um ministério, mas de relacionamento.

Talvez eu ainda não tenha sido suficientemente claro, então vou resumir: Deus não me chamou para ser cantor. Antes e acima de tudo, Deus me chamou para Ele. Essa é a resposta certa – e única realmente satisfatória – para o porquê de minha existência. Vida, por quê? Por Ele.



DEUS NÃO ME CHAMOU PARA SER CANTOR

Quando se estuda a Bíblia, alguns princípios devem ser considerados para que o entendimento não seja distorcido. Primeiramente, apesar do compilado de escritores, há um só Autor e Inspirador de todas as Escrituras – isso significa que aquilo que está na Bíblia é, de fato, a Palavra de Deus. Sendo assim, o que precisamos buscar é a interpretação correta de verdades divinas e incontestáveis.

Nessa busca, um método foi encontrado: a Lei da Primeira Menção. Já ouviu falar? Em suma, deve-se olhar com especial atenção à primeira vez que algo é mencionado na Bíblia. Considerando que é de autoria do próprio Deus, podemos cravar que, se está lá, está dito. É definitivo. Mesmo assim é raro que um princípio apareça apenas uma única vez – geralmente outros trechos relacionados reforçam ou ajudam a explicar.

Contudo a primeira menção sobressai. Inclusive, é possível identificar uma tendência: várias vezes, os princípios aparecem contundentes e especificados na primeira menção; já nas aparições sequentes, são abordados de forma mais geral.

De qualquer forma, a primeira vez que uma palavra, um símbolo, uma profecia ou um conceito aparece na Bíblia merece atenção – provavelmente, será crucial para chegar à interpretação mais precisa. Ou melhor, não se deve interpretar parte nenhuma das Escrituras sem considerar seriamente a primeira aparição desse assunto.

Em resumo, o princípio da primeira menção é uma linha segura para a interpretação bíblica correta. A primeira vez que o tema é citado estabelece um padrão para compreensão do resto. Entretanto nunca devemos criar doutrinas ou definir entendimentos baseados apenas em um verso! A Bíblia toda precisa validar o que estamos dizendo – enquanto que a primeira menção estabelece um fundamento sólido para o entendimento.

Um exemplo é a adoração. Se você quer entendê-la, precisa voltar ao relato bíblico sobre a adoração de Abraão:

> *Então, disse a seus servos: Esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós.*
>
> *Gênesis 22.5*

Essa foi a primeira menção do verbo “adorar”. Não necessariamente foi a primeira adoração de todos os tempos, mas o Autor escolheu que o primeiro registro bíblico fosse este: Abraão a caminho para sacrificar o próprio filho em um altar de adoração a Deus. Não poderia ser mais profundo! Talvez esse caráter sacrificial da adoração tenha sido diminuído, quando deveria ser destaque.

Devemos aplicar a Lei da Primeira Menção sempre, e vamos fazer isso aqui.

O primeiro chamado

Você já reparou quando foi que “chamar” apareceu pela primeira vez na Bíblia? Não, não foi no contexto de Isaías, que eternizou a frase “envia-me a mim”, a mais clássica quando o assunto é chamado. Também não foi antes, na escolha de Abraão, ou do povo de Israel, nem na convocação do rei Davi.

Quase que obviamente, a primeira menção se encontra no primeiro livro da Bíblia. Qual história? Criação, claro. Quando eu disse que Deus me levou ao começo de tudo, não era brincadeira!

E chamou o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás?
Gênesis 3.9

Essa foi a primeira menção bíblica de Deus chamando alguém. Trata-se de uma fala do Criador à criatura. Veja que Ele não chamou Adão para uma obra ou um serviço, mas para Si. Deus chamou Adão para Si próprio! De volta à Presença, à comunhão que tinham, todos os dias, naquele Jardim. De volta a Si. O Criador comparecera no horário marcado, na viração do dia, mas o homem não estava lá – então acontece o primeiro chamado divino, o primeiro devidamente registrado.

Se a primeira menção leva à interpretação mais adequada, então não podemos ignorar essa verdade. Chamado não tem a ver com executar um serviço para o Reino de Deus! Valia para Adão, o cabeça de toda a nossa raça, e continua valendo para toda a humanidade descendente dele: chamado, antes de ministério, obra, serviço ou qualquer outra coisa mencionável, é para relacionamento. Primeiro, somos chamados a Ele.

Deus não perguntou: “o que você fez de errado, Adão?”. Também não questionou: “o que você está executando para Mim e para o Meu Reino?”. Pense comigo: onipresente e onisciente, Deus sabia onde, fisicamente, Adão estava. Não era essa a informação que o Criador buscava...

“Onde você está, Adão?” – disse Ele. Desde o início de tudo, há provas de que Deus não obrigaria o homem a estar com Ele, a passar tempo com Ele. Ele chama, Ele convida. Mesmo sabendo exatamente onde estamos e o que fizemos de certo e errado, Ele simplesmente chama para Si e aguarda nossa resposta. Acima de qualquer erro ou realização, Ele quer a minha presença. Antes de qualquer coisa, Deus quer você.

Jesus veio, aprendeu a obediência pelo que sofreu (Hb 5.7-10) e, então, fez-Se sacrifício no lugar dos homens para quê? O objetivo não era tornar-me cantor nem fazer de você um grande pastor ou um grande empresário, mas restaurar o propósito eterno de Deus: relacionamento com o Pai. *“Ninguém vem ao Pai senão por mim”* (Jo 14.6) – não faz muito mais sentido ler esse versículo agora? Deus pergunta ao homem onde ele está e Jesus afirma que, por meio dEle mesmo, é possível responder: “estou aqui, de volta no Jardim... para retomar nossa conversa diária, na viração de cada dia”.

Note que aquela pergunta de Deus havia ficado sem resposta: “Onde está o homem?”. Isso porque o Criador não encontrou mais o homem que criara, mas uma imagem deturpada. O que fora criado, à imagem de Deus, não existia mais; o pecado havia destruído. Sim, viramos humanos caídos. Arrisco dizer que nos tornamos animais – só assim para explicar tanta barbárie.

Depois de Adão, o único homem que existiu segundo o padrão de Deus foi Cristo – o ultimo Adão. Quando Pilatos olhou para Cristo sangrando e disse: *“Eis o Homem!”* (Jo 19.5), naquele precioso dia, Deus achou o homem!

Cristo não morreu para fazer de você um profeta. O Messias não ressuscitou para dar-lhe um cargo. Jesus morreu para dar você ao Pai, e o Pai a você. Ele foi erguido de braços abertos para simbolizar a maneira como o Pai espera por mim e por você: pronto para um abraço de intimidade.

A profundidade desse princípio é infinita e eterna. Se não entendemos qual é o principal chamado divino, também não damos o valor devido à resposta que Deus espera. Sendo assim, de que adianta buscarmos freneticamente saber qual nossa função no Corpo de Cristo? Se a base não existe, sobre o que estamos tentando construir?

O grande risco – ou triste realidade – é a igreja estar levantada sobre o alicerce errado. Talvez alicerce nenhum, por isso tanto tombo. Quando erguemos a comunidade com base naquilo que *fazemos*, e não no que *conhecemos do Pai*, é inevitável ter como resultado uma igreja fraca, cheia de facções e competições. Assim que nos convertemos, uma das primeiras coisas que nos dizem é: "Você tem um lindo chamado pela frente"; ou, então: "Deus exaltará você sobre os seus problemas". A consequência é uma geração de cristãos que tem como maior expectativa de vida ver essas grandes promessas cumpridas. O foco não é Cristo, o alicerce não é Jesus; é tudo sobre o próprio umbigo. Para alcançar o chamado, não interessa por cima de quem será necessário passar, ou com quem parar de falar.

Entende o risco? Isso não se parece com família, mas empresa. A igreja não é o meio de Deus de me alavancar, *eu sou o meio* de Deus edificar uma família na Terra – isso se chama igreja. Vamos voltar a falar disso adiante, porque é simplesmente imprescindível.

Chamado e vocação

Embora esteja descontruindo uma mentalidade ativista – se vivemos com foco naquilo que fazemos, e não no que nos tornamos, fracassamos em ambos –, de maneira alguma quero dizer que não devamos fazer nada. Não se trata de deixar de cooperar com o Corpo, porque todo aquele que se parece com Cristo dá a vida pelos irmãos. Porém existe algo fundamental a aprender para equilibrar a balança.

Chamado é diferente de *vocação*. Usar essa nomenclatura já ajuda a enxergar melhor o quadro. O chamado divino é para Si, a vocação é para o Seu Reino.

Vocação é importante? Claro, mas não vem antes. Em tudo na vida, desde a nossa casa até a nossa profissão, priorizar é chave para o sucesso. Não se faz primeiro o que é urgente, mas o mais importante. Nessa escala de valores, relacionamento precisa preceder qualquer serviço ou ministério. Estar com Ele, naquela comunhão planejada lá no Jardim, deve ocupar o primeiro lugar, tanto no coração como nas atitudes.

Não me refiro apenas a um momento religioso de oração em seu quarto, mas uma vida de contato, de alguém que entende que foi feito *um* com Deus – essa é a coisa mais importante.

Mais uma vez: não se trata de obrigação. Deus poderia ter dito a Adão: “Por que você fez isso? Por que você escolheu se afastar de mim?”; mas não foi essa a postura após a queda. Deus *chamou* Adão... “Onde estás?” – disse, como quem procura um filho, como quem chama um amigo. Por quê? Porque o mais importante havia sido perdido, que é a proximidade! O Senhor perguntou *onde* Adão estava porque passou a existir uma distância: Adão já não estava mais no lugar da intimidade!

Adão se afastara de seu Criador. Ouso dizer que isso doeu mais para Deus do que o pecado em si. Talvez seja esse o motivo da exclamação mais terrível de Jesus:

À hora nona, clamou Jesus em alta voz: Eloí, Eloí, lamá sabactâni? Que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

Mateus 15.34

Em outras palavras, Deus Filho chorava pelo afastamento! Por estar, pela primeira vez em toda a eternidade, longe de Deus Pai! É possível que Cristo tenha sofrido mais por estar distante do Pai do que por sentir o pesar de nossos pecados sobre Seus ombros...

Foi disso que se tratou a cruz. Não se reduz tamanho sacrifício a uma convocação de recrutas à guerra, ou de trabalhadores à seara.

Deus criou o homem para estar com Ele e ser completamente satisfeito nEle. O pecado criou um abismo de separação. Como Jesus resolveu o problema insolúvel? Fez-Se a ponte! O fim dessa ponte chega em que lugar? No Pai! Esse lugar basta... É a esse lugar que Deus chama. Tanto chamou Adão quanto chama a cada um de nós, todos os dias.

Peço licença para convidar-lhe a um exercício de memória. Desde a sua conversão, quanto você dedicou de busca para responder especificamente a esse chamado divino, de relacionamento com o Pai? Agora, pense quanto você dispensou de orações, jejuns e retiros perguntando ao Pai qual é seu “chamado” – na verdade, querendo saber qual sua vocação.

A própria igreja empurra a tal busca, de querer um ministério, de descobrir um “chamado divino” que dê propósito à vida. A questão é que esse não é o propósito, mas a consequência de cumprir o verdadeiro propósito!

Por que você acha que tantos ministros de Deus tiram a própria vida? Por que tantos pastores caem em profundo desânimo com relação à vida e à igreja? Porque não há satisfação fora do propósito eterno de estar com Ele. Ninguém encontrará plenitude exercendo apenas uma vocação. É claro que existem alegrias, mas plena satisfação só há no Amado.

Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente.

Salmos 16.11

Onde há plenitude de alegria? Na presença de Deus. E delícias perpetuamente? Em Sua destra. E quem está à Sua destra? O Filho! Se você já se sentiu vazio, embora extremamente ativo no Reino, talvez tenha priorizado a vocação em detrimento do grande, insubstituível e satisfatório chamado divino a Ele próprio, ao Filho Jesus.

Ministrando no Brasil e em algumas nações, posso contar um pouco do que vi. O ativismo tem matado mais cristãos do que o próprio pecado. “O quê?!”, posso ouvir o pensamento de muitos leitores agora. Muita calma para compreender tais palavras, muita calma!

Muitos de nós chegam horas antes do culto e saem quando todos já estão em suas casas, dormindo. Se você perguntar por que eles fazem o que fazem, não sabem responder. Se o nosso *por que* não é resolvido, o nosso *o que* falhará. Se não estamos plantados junto às águas correntes do relacionamento, não daremos frutos. Talvez alguns resultados, mas não frutos.

Algum dia você recebeu uma palavra profética de que seria grande, uma pessoa poderosa no Reino? Tenho certeza que já ouviu algo pelo menos parecido com isso. Eu tenho uma vocação para a música e o ministério de louvor. Recebi várias palavras de que minhas músicas seriam tocadas em diversos lugares do Brasil e do mundo.

Agora, imagine quantas pessoas no Brasil receberam a mesma promessa. Reduza o universo para apenas sua cidade. Diminua para sua própria igreja. A pergunta que não quer calar é: não vai faltar púlpito? É muita gente para pouco palco! É muito artista para pouca plateia. Seriam necessárias conferências diárias para tanta banda se apresentar.

Será que aquela palavra que você recebeu não possuía outro significado? Talvez Deus queria você grande nEle... mesmo que nos bastidores. Porque a satisfação não está no palco ou na exposição de um ministério, mas em conhecê-Lo de perto. É isso que vai dar sentido não apenas à sua existência, mas à toda e qualquer vocação.

Nós somos chamados a conhecer Jesus, a conhecer o poder de Sua ressurreição. Nós não somos chamados apenas a ser uma “bandinha”, a ter um “ministeriozinho”, mas a ser, antes, uma igreja gloriosa, Sua noiva! Somos chamados a ser satisfeitos nEle antes de frutificar por Ele e para Ele. É tudo sobre Ele – primeiro sobre Ele.

Paulo foi um dos escritores que melhor traduziu essa essência em palavras:

> *Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda **por causa de Cristo**. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da **sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus**, meu Senhor; **por amor** do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, **para ganhar a Cristo e ser achado nele**, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; **para o conhecer**, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos.*
>
> *Filipenses 3.7-11*

Por causa de Cristo, por causa da sublimidade de conhecê-Lo, por amor, para ganhá-Lo e ser achado nEle... considero todo o resto como perda. É importante ressaltar que Paulo não está deixando para trás pecados e mazelas. O que a carta aos Filipenses deixa claro é que o apóstolo considerava seus próprios *talentos e estudos* inferiores ao privilégio de conhecer a Cristo. Você percebe como isso é grande? Você consegue mensurar o valor?

Todos possuímos vocações, mas cada vocação serve à igreja, e não ao vocacionado. Não é para fazer bem ao que possui o dom, mas para edificar a igreja. Pelo menos dois capítulos da primeira carta aos coríntios são dedicados a falar só sobre os dons (12 e 14). Paulo os relaciona ao bom funcionamento do corpo, dizendo que cada membro, exercendo bem sua função, contribui ao todo. Ou seja, não se trata de um rim trabalhar exclusivamente para se sentir bem, mas visando à saúde de todo o resto do organismo.

> *A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes.*
>
> *Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um* ***visando a um fim proveitoso****.*
>
> *Contudo, Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha, para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado,* ***em favor uns dos outros****.*
>
> *1 Coríntios 12.1, 4-7, 24,25*

> *Assim, também vós, visto que desejais dons espirituais, procurai progredir,* ***para a edificação da igreja****.*
>
> *1 Coríntios 14.12*

Minha vocação para cantor não objetiva minha própria satisfação – sou satisfeito nEle. Minha vocação serve a outros, não a mim mesmo. Por mais que vocação possa coincidir com algo que gosto muito de fazer, o propósito não é que eu me sinta bem. Eu não sou o objetivo de minha vocação. O propósito dela é servir ao Corpo de Cristo!

Uau! Isso é libertador. Não importa o que eu faça, eu já estou completo. O meu fazer serve aos meus irmãos, além de impulsionar outros a também chegarem no lugar da verdadeira satisfação em Deus. Assim, crescemos como um Corpo, como uma família. Na

Igreja ONE, sempre repetimos o seguinte: *Tudo o que fazemos é uma desculpa para estarmos juntos ao redor dEle, tornando-nos como Ele é.*

Quando somos achados nEle, na Videira Verdadeira, os frutos naturalmente aparecerão. Isso porque a seiva dEle está passando por dentro de nós! O resultado é transbordar por meio de frutos. Frutificar é consequência de, primeiro, estar nEle – não o contrário. Ser "achado nEle", para usar as mesmas palavras do apóstolo Paulo, está imediatamente antes de exercer um ministério e ser frutífero.

> *Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado; permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos.* ***Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto****; porque sem mim nada podeis fazer.*
>
> *João 15.1-5*

O fruto é a continuação de um galho, que é a extensão de uma árvore, que é a parte crescida de raízes, que ficam abaixo da superfície e se originam a partir da morte de uma semente (*"Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca"*, Is 53.2). Jesus morreu e não ficou a sete palmos da superfície – ressuscitou como a Videira Verdadeira, com firmes raízes resultantes de Seu sacrifício substitutivo. Essa Videira aceita, inclusive, o enxerto de ramos.

Quem sustenta o ramo? A raiz, não o próprio ramo. A seiva, não o galho. Isso significa que o fruto não vem exclusivamente do ramo. Aliás, o ramo, por si, não produz fruto. Você já viu algum galho caído no chão começar a produzir uma maçã?

Deus é responsável pelo crescimento, porque vem dEle a vida. Ela passa no ramo, mas não nasce nele. O ramo não é nada sem a árvore, a raiz e toda a vida que flui dessa estrutura. O problema talvez seja que nos importamos mais com os frutos do que com o fato de que, primeiro, precisamos estar na Videira, sendo um só com ela.

Imagine só: Deus, que teve tanto a ideia da criação como a da cruz, que criou um plano de redenção para que Seu povo voltasse aos Seus braços, imagine esse Deus ouvindo a seguinte oração de um recém-enxertado: “Pai, qual é o meu ministério? Estou aqui disponível, envia-me a mim. Quero viver as promessas que recebi”. O cidadão acabou de passar pela ponte que leva de volta ao Pai e já quer ir embora fazer alguma coisa!

O triste é que muitos são ensinados a fazer isso desde a conversão. Talvez os ministros pensem que, para segurar alguém que é frio na igreja, basta dar-lhe um trabalho, um título ou alguma coisa para fazer. Meu Deus! O que deve manter-nos no evangelho é a beleza de Jesus, e não o que fazemos!

Não confunda vocação com chamado. Deus nos chama a Ele, ao Jardim do relacionamento e da intimidade. Como consequência de sermos achados nEle, completamente satisfeitos nas delícias da presença dEle, então frutificamos – cumprimos vocações que objetivam não a nós mesmos, mas o corpo de Cristo.

Ainda registro outro trecho bíblico que explica bem essa escala de prioridades que coloca o chamado divino acima das vocações:

> *Saiu aquele homem para o oriente, tendo na mão um cordel de medir; mediu mil côvados e me fez passar pelas águas, águas que me davam pelos tornozelos. Mediu mais mil e me fez passar pelas águas, águas que me davam pelos joelhos; mediu mais mil e me fez passar pelas águas, águas que me davam pelos lombos. Mediu ainda outros mil, e era já um rio que eu não podia atravessar, porque as águas tinham crescido, águas que se deviam passar a nado, rio pelo qual não se podia passar. E me disse: Viste isto, filho do homem?* ***Então,***

> ***me levou e me tornou a trazer à margem do rio. Tendo eu voltado, eis que à margem do rio havia grande abundância de árvores****, de um e de outro lado. Então, me disse: Estas águas saem para a região oriental, e descem à campina, e entram no mar Morto, cujas águas ficarão saudáveis. Toda criatura vivente que vive em enxames viverá por onde quer que passe este rio, e haverá muitíssimo peixe, e, aonde chegarem estas águas, tornarão saudáveis as do mar, e tudo viverá por onde quer que passe este rio. Junto a ele se acharão pescadores; desde En-Gedi até En-Eglaim haverá lugar para se estenderem redes; o seu peixe, segundo as suas espécies, será como o peixe do mar Grande, em multidão excessiva. Mas os seus charcos e os seus pântanos não serão feitos saudáveis; serão deixados para o sal. Junto ao rio, às ribanceiras, de um e de outro lado****, nascerá toda sorte de árvore que dá fruto para se comer; não fenecerá a sua folha, nem faltará o seu fruto****; nos seus meses, produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário;* ***o seu fruto servirá de alimento, e a sua folha, de remédio****.*
>
> *Ezequiel 47.3-12*

É possível dividir essa visão do profeta em duas partes: antes de mergulhar no rio e depois de voltar à margem. A primeira parte é a condução do homem pelas águas até não dar mais pé. Remete ao relacionamento com Deus, que adquire profundidade até chegar a um ponto em que pés humanos não encontram mais chão, então a correnteza divina é que conduz. Talvez, nesse lugar de profundidade, sobrem apenas homens que morreram, que pararam de tentar nadar com suas próprias forças.

Entretanto, o profeta é levado de volta à margem. É interessante todos os itens descritos a partir daí nem sequer terem sido mencionados antes. Quais itens? Árvores, peixes, frutos. Eles só aparecem depois que o homem mergulhou em águas profundas! Então, somente então, os frutos servem de alimento e a folha, de remédio – ou seja, edificação de outros.

Consegue enxergar o padrão? Em João, o símbolo utilizado para a fonte da vida é a Videira. Em Ezequiel, são as águas. O ponto em

comum: o homem precisa estar, primeiro, *na* Videira ou *nas* águas para, por causa da vida que flui delas, poder frutificar pelos outros.

Se invertemos a ordem, nem nós mesmos ficamos satisfeitos, nem conseguimos alcançar frutos bons, que permanecem e são relevantes. Acredite no que estou dizendo: nem eu nem você vamos ser felizes só fazendo, sem primeiro estar cheios do conhecimento de Cristo.

Leia novamente este versículo:

> ***Estai em mim, e eu, em vós****; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim.*
>
> *João 15.4*

O Senhor Jesus nos convida a estar nEle, morar nEle, pensar nEle – ou seja, viver nEle, viver com Ele!

Preciso deixar um alerta aqui. Se você prioriza o Jardim, o resto diminui. Nem ministério, nem dinheiro, nem qualquer bênção chegará perto de satisfazer. Paulo usou a palavra “esterco” para definir o valor de tudo em comparação com conhecer Jesus. Cuidado! Descobrir o sentido da existência pode tornar você um inconformado.

Nenhuma vocação sacia como Ele. Nenhum resultado se compara a estar com Ele. Nenhum desempenho chega perto do prazer de dobrar-se aos pés do Amado. É simples: não fomos criados para executar; antes, existimos para ser um com Ele. Como estar satisfeito com a existência sem viver a razão pela qual existimos?

Morre, sim!

Continuo bonzinho, mas quero convidar você a apanhar com mais força. O que mais encontramos na igreja de hoje é crente esperando a promessa se cumprir para ter satisfação. “Quando eu alcançar a promessa, aí sim vou ficar como quem sonha” – usa até jargão bíblico para justificar a insanidade da inversão de valores. Canta, clama, suspira pelos dias vindouros nos quais experimentará as promessas. A reivindicação é desesperada: “Eu não morrerei sem ver as promessas se cumprirem na minha vida!”.

Novidade para você, meu amigo: não é a promessa que satisfaz. Você está esperando pela coisa errada. Não funciona assim. E uma pancada mais forte ainda: você morre, sim, sem ver a promessa.

“Que heresia, Alessandro!” – alguns devem estar pensando agora. Não sou eu quem afirma, é a própria Bíblia. A Palavra de Deus é a expressão de verdades irrefutáveis, então leia com atenção:

> *Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé* ***não obtiveram, contudo, a concretização da promessa****, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados.*
>
> *Hebreus 11.39,40*

Muitos que me ouvem perguntam como eu leio a Bíblia. A resposta é: leio com atenção, sem pressa, buscando pelo *“espírito de sabedoria e de revelação”* (Ef 1.17). Se os versículos que citei também existem na sua Bíblia, então é hora de passar por essa porta e adentrar um caminho sem volta. O conhecimento da verdade liberta, e você nunca mais será o mesmo depois de experimentá-lo – a verdade, sozinha, não liberta; mas o conhecimento dela, tanto teórico como prático, esse sim é libertador.

Vamos voltar aos versículos anteriores para compreender o contexto. Hebreus 11 é conhecido como o capítulo dos “Heróis da Fé”. Relata histórias de homens que creram sem ver. Encontramos sentenças como *“divinamente instruído acerca de acontecimentos*

que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca" (v. 7, acerca de Noé) e *"partiu sem saber aonde ia"* (v. 8, sobre Abraão). De repente, o escritor de Hebreus apunhala:

> ***Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas**; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria. E, se, na verdade, se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar. Mas, agora, aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade.*
>
> *Hebreus 11.13-16*

Uau. Não é que dá pra morrer mesmo sem ver a promessa?

O capítulo continua com relatos contundentes. Isaque, José, Moisés, Raabe. Vêm, então, mais alguns nomes e uma sequência de acontecimentos – aí entram os versículos 39 e 40, que usei para começar esta conversa. Leia-os junto com os anteriores:

> *E que mais direi? Certamente, me faltará o tempo necessário para referir o que há a respeito de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas, os quais, por meio da fé, subjugaram reinos, praticaram a justiça, obtiveram promessas, fecharam a boca de leões, extinguiram a violência do fogo, escaparam ao fio da espada, da fraqueza tiraram força, fizeram-se poderosos em guerra, puseram em fuga exércitos de estrangeiros. Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos. Alguns foram torturados, não aceitando seu resgate, para obterem superior ressurreição; outros, por sua vez, passaram pela prova de escárnios e açoites, sim, até de algemas e prisões. Foram apedrejados, provados, serrados pelo meio, mortos a fio de espada; andaram peregrinos, vestidos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, afligidos, maltratados (**homens dos quais o mundo não era digno**), errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra.*
>
> ***Ora, todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa**, por haver Deus*

provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados.

Hebreus 11.32-40

Meu amigo, é até difícil continuar depois de uma pancada dessas. A Bíblia está dizendo que a promessa a Abraão, sem nós, não foi perfeita. A promessa de Abraão se cumpriu em mim, se cumpriu em nós – não nele mesmo, não na vida de Abraão! O versículo diz explicitamente que, sem nós, Abraão e toda essa galera santa não foram aperfeiçoados!

Veja agora em outro livro a verdade sendo repetida e ampliada, mostrando que a bênção prometida a Abraão se concretizou aproximadamente dois mil anos depois:

...para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos, pela fé, o Espírito prometido.

Gálatas 3.14

Sabe aquela história de que você não vai morrer sem ver o cumprimento da promessa? Então, você foi enganado. Morre, sim, sem ver a promessa. Talvez até suas orações mudem depois de encarar esse fato.

Mas por que, então, recebemos promessas?

Para responder, primeiro vamos separar promessa individual de coletiva. A individual se cumpriu em Cristo: agora somos filhos como o próprio Jesus o é. Filhos não precisam de mais promessas, já que tudo que é do Pai também é dos filhos, por direito de filiação. O irmão do pródigo ficou enciumado porque o pai sacrificou um novilho para festejar o retorno daquele que estava perdido, mas a questão é que ele próprio já era dono de todo o rebanho, junto com o Pai!

Muitas vezes, vivemos como escravos, lutando para ter coisas que já nos foram dadas por meio da adoção. Não devemos fazer-nos órfãos morando com o Pai.

Podemos dizer que, quando se trata de promessa individual, já temos o sim para todas elas em Cristo Jesus. A partir do momento que nos tornamos irmãos de Jesus, filhos de Deus, também passamos a ser coerdeiros de tudo que pertence ao nosso Pai Celestial.

> *Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio.*
>
> *2 Coríntios 1.20*

> *Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo.*
>
> *Romanos 8.17*

A pergunta retorna: por que, então, Deus promete que você vai ser uma bênção nesta geração? Que sua música vai ecoar pela Terra? Que sua pregação vai atingir milhares? Que sua riqueza vai superabundar a ponto de gerar prosperidade em sua própria cidade? Que sua igreja vai abarrotar de gente? Que seu ministério vai voar? Por que Deus promete tantas coisas?

Para o povo! Para a Terra! Para a igreja! Não apenas para um único homem. Isso é o que chamo aqui de promessa coletiva. Quando Deus fala que sua música vai ecoar pela Terra, Ele não quer tornar você um *pop star* para seu ego inflar, mas para, por seu intermédio, conduzir muitos à sala do Trono. Quando Deus fala que sua igreja vai bombar, a ideia não é fazer de você um pastorzão adorado pelas multidões, mas proporcionar um ambiente saudável para que multidões sejam devidamente amadas, tratadas, discipuladas. A proposta de Deus de usar Seus filhos é para que a igreja chegue à estatura ideal, pronta para casar-se com Seu Filho.

> *Com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de*

> *Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo.*
>
> *Efésios 4.12,13*

Já vimos que vocação objetiva a edificação da igreja, não do vocacionado. Promessas também! Elas visam ao povo, não apenas ao que recebeu a promessa. É por isso que aqueles que colocam vocação e promessa em primeiro lugar vivem frustrados. O objetivo não é satisfação própria. A promessa pode nem se cumprir enquanto você vive, da mesma forma que foi com Abraão.

Perceba que a promessa de uma terra que manava leite e mel nunca foi sobre Moisés. Deus levantou aquele líder em favor de Seu povo. A prova é que Moisés morreu, e Deus continuou caminhando com Seu povo sob a liderança de outro homem: Josué. Quanto maior a vocação e maior a promessa, maior deve ser o sentimento de servo. O grande mérito de Moisés, porém, é que, no processo de servir ao povo, tornou-se amigo de Deus! E esse era o desejo de Deus para Moisés.

Gabriel Cantarino, um dos pastores junto comigo na Igreja ONE, costuma dizer o seguinte:

> *Deus deseja fazer você humilde, e não pequeno. E toda vez que Deus faz um homem grande é pensando no povo.*

Uma questão para você parar tudo e pensar um pouco: e se você descobrisse hoje que todas aquelas promessas que você ouviu um dia só vão se cumprir daqui a algumas gerações? E se você soubesse hoje que, sem as futuras gerações, você não será perfeito, aperfeiçoado? Você consegue, mesmo assim, dizer que é plenamente satisfeito – ainda que não presencie o cumprimento das promessas?

Isso significa que a história não acaba em você mesmo. O cumprimento da promessa vai muito além de seu próprio bem-estar.

Tudo que você precisa para ser pleno está nEle. Você não *necessita* das promessas cumpridas para ser completo. Se você é um elo na corrente que resultará, gerações à frente, em uma promessa cumprida, isso basta – desde que, em todo o processo, você seja achado nEle. É tudo sobre Ele! Nesse sentido, seja um semeador de promessas, não um colecionador delas. Plante em sua geração e ofereça a colheita ao Senhor.

Você não recebeu a promessa de que multiplicaria muito enquanto pastor para, com isso, ficar bem feliz. A promessa é para o povo! Você já recebeu tudo por ser filho, meu querido. Você tem tudo apenas cumprindo o principal chamado, de conhecer a Cristo e ser achado nEle, de responder à pergunta da vida: Quem é Jesus? Aí é que mora a verdadeira satisfação! Isso é cumprir o chamado!

Já no campo das vocações, o cenário muda. Você não é o centro, e sim o outro. Enquanto não se entende que a fonte da satisfação não está no cumprimento da vocação é impossível fugir da frustração. Perceba: ao cumprir responsável e diligentemente sua vocação, ainda assim é possível que você esbarre com pessoas que não reconhecem seu esforço, pessoas que traem. Se o motivo de sua felicidade estiver conectado aos resultados de sua vocação, é claro que você estará vulnerável à frustração. Imagine se Jesus fosse basear Sua satisfação nos resultados que presenciou – ataques, condenação injusta, morte terrível. Ele fez tudo certinho e recebeu o quê? Tudo de pior!

O prazer do Filho estava em cumprir Seu chamado, não apenas Sua vocação. O prazer do Filho era estar com o Pai e, assim, fazer a vontade do Pai.

O que acontece quando construímos uma igreja sobre vocações e promessas, e não em cima do firme fundamento de conhecer Jesus e ser satisfeito nEle? Geramos igrejas sem fome de Deus.

“Fiquei 50 dias no monte e Deus me deu uma música”. Não é tão difícil ouvir um testemunho desse, de alguém que desejou

intensamente e buscou com muita força uma parte do cumprimento de sua vocação. Agora me diga quantas vezes você ouviu um cristão dizer: “Fiquei 50 dias no monte e Deus me mostrou um pouco mais sobre o caráter que eu não tenho”. Repare no que uma vez disse David Wilkerson:

> *Muita gente passa a vida fazendo coisas boas e legítimas, porém o Senhor não é o primeiro para elas. Ele não é o centro de sua vida. Se ele fosse, não o colocariam de lado. Elas achariam tempo para ficar com ele!*

Infelizmente, temos muito fogo na igreja – só que não por Jesus. Pessoas queimam por uma vocação, mas não pelo verdadeiro chamado. Perder o emprego faz o crente buscar muito mais do que a atração sincera pela beleza de Jesus. Igrejas oram mais para vencer o diabo do que para estar com Cristo em intimidade. Estamos construindo Babel achando que estamos alcançando o céu.

Alguém precisa olhar para o Filho do Homem e apaixonar-se por quem Ele é, e não por aquilo que Ele dá – mesmo que o objeto da busca seja uma “unção nova”.



JESUS NÃO CONHECE TODOS

A maioria consegue concordar rapidamente quando ouve que Deus é onisciente, onipresente e onipotente. Porém quero provar, com a ajuda de nada menos que a própria Bíblia, que Jesus não *conhece* todos.

-

Não precisa ficar apavorado nem rasgar suas vestes gritando "blasfêmia!", no melhor estilo fariseu. Quando Deus me convocou a voltar ao simples, não queria que eu aceitasse uma versão simplista do evangelho. Eu sei que muitas pregações ficaram fáceis demais. A questão é que a verdade é simples, mas não significa que é fácil. Às vezes chega amarga ao estômago, como aconteceu com João:

> *Fui, pois, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele, então, me falou: Toma-o e devora-o; certamente, ele será amargo ao teu estômago, mas, na tua boca, doce como mel.*
>
> *Apocalipse 10.9*

É doce, mas é amarga. Vamos começar com a parte amarga antes de chegar ao mais doce que se pode existir.

> *Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo. Cinco dentre elas eram néscias, e cinco, prudentes. As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas. E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram. Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! Saí ao seu encontro! Então, se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas. E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão-se apagando. Mas as prudentes responderam: Não, para que não nos falte a nós e a vós outras! Ide, antes, aos que o vendem e comprai-o. E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para*

> *as bodas; e fechou-se a porta. Mais tarde, chegaram as virgens néscias, clamando: Senhor, senhor, abre-nos a porta! Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço.*
>
> *Mateus 25.1-12*

Você acaba de ler a já bastante conhecida parábola das dez virgens. As cinco néscias não levaram azeite consigo, enquanto que as prudentes tinham até reserva. É interessante notar que todas eram virgens, o que dá a entender que não se tratavam de mulheres que não conheciam o Noivo, ou seja, não se trata de quem não aceitou Jesus. Todas se preparavam para o casamento.

Contudo o fim não foi o mesmo para as dez. As néscias ouviram as palavras ácidas do Noivo: “Não vos conheço”. Sim, elas ficaram de fora porque o Noivo declarou não as conhecer.

Você leu o mesmo que eu? Jesus, o onisciente, realmente disse que não conhecia cinco daquelas dez mulheres? Como assim?

> *Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?*
>
> *Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.*
>
> *Mateus 7.22,23*

Mais uma vez, Jesus diz a alguns que nunca os conheceu. Que pessoas são essas? Ímpios? Descrentes? Errantes deste mundo? Não, bem o contrário: pessoas que não apenas professavam a fé como também profetizavam, expeliam demônios e faziam milagres no nome de Jesus. Muitos de nós nem fizemos todas essas coisas! Mas a sentença de Jesus foi: “Nunca vos conheci”.

Ele sabe tudo, mas não conhece todos. Está confuso? A chave é entender o que realmente significa “conhecer”. Então vamos voltar à estratégia da primeira menção.

Primeira menção de conhecer

A primeira vez que “conhecer” aparece nas Escrituras também é em Gênesis, no relato do início de tudo.

> ***Coabitou*** *o homem com Eva, sua mulher.*
>
> *Gênesis 4.1*

A palavra traduzida como “coabitar”, no original hebraico, é *yada*. Segundo o Léxico de Strong, significa “conhecer, aprender a conhecer, perceber, ver, descobrir, discernir, saber pela experiência, reconhecer, estar familiarizado com”. Ela é utilizada pela primeira vez na Bíblia para retratar o contato íntimo de Adão e Eva.

É extremamente interessante pensar que essa foi a primeira menção de conhecer. Não é apenas saber, é realmente ter contato. E não se trata de conhecimento superficial, mas íntimo, desnudado, sem maquiagem.

Não estou falando de prazer sexual, por favor. Reveja seus conceitos se soou negativo, porque talvez sua alma esteja doente, ou sua mente contaminada com distorções acerca do que é a relação sexual. A questão é que talvez seja impossível imaginar outro contexto que expresse melhor o que é conhecer profundamente, intimamente, do que quando Adão coabitou com Eva.

A Bíblia inaugura o sentido de conhecer assim, quando conhecer significa ser um só. Meu Deus, é de esculhambar com a cabeça, você não acha? A primeira menção de conhecer revela extrema intimidade! De tocar, abraçar e relacionar de perto. É sentir o cheiro, reconhecer o tom de voz, olhar nos olhos. Se a primeira menção determina muito do que se pode interpretar de uma expressão, então sugiro que você nunca mais olhe para a palavra “conhecer” na Bíblia sem pensar em intensidade, em profundidade.

Em Mt 7.23, encontramos palavra equivalente, em grego:

ginosko. O significado é “chegar a saber, vir a conhecer, obter conhecimento de, perceber, sentir”.

> *Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?*
>
> *Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.*
>
> *Mateus 7.23*

O mesmo termo, *ginosko*, é usado em Jo 17.3, em um sentido mais amplo: conhecer e nunca mais parar. Veja:

> *E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.*
>
> *João 17.3*

Vale ressaltar que a palavra grega também era utilizada como expressão idiomática judaica para relação sexual entre homem e mulher, concordando com o que vimos no hebraico, em Gênesis.

Por último, o contexto que eu mais gosto: Jo 8.32. Leia:

> *E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.*
>
> *João 8.32*

Tendo em mente a primeira menção, além dos demais cenários nos quais a palavra “conhecer” é aplicada biblicamente, precisamos reconhecer que “conhecer a verdade” é mais que entender intelectualmente. Trata-se de experimentar. Não apenas conhecimento, mas conhecimento pleno. Provar completamente.

A palavra “conhecimento”, em grego, é *gnosis*. Já o termo “conhecereis”, que aparece em Joao 8.32, vem de outra palavra grega: *epignosis*, cuja tradução é “pleno conhecimento” e significa um conhecimento progressivo. A medida que experimentamos, mais

e mais, crescemos. Ou seja, é conhecer por experimentar. Que incrível!

A igreja primitiva viu Jesus em carne, por isso alcançou os níveis que alcançou. Hoje, se você falar em ver Jesus *em carne*, você será quase motivo de escândalo. Porém é dessa proximidade que trata o primeiro registro do termo “conhecer”. É realmente conhecer em carne. Presenciar. Viver. Sentir na pele, como quando se nega comida com o propósito de jejuar. Como quando se gasta tempo de joelhos em oração até as pernas formigarem. Assim como quando se perde a voz em clamor e secam-se as lágrimas em quebrantamento. Quando os ouvidos realmente ouvem a voz do Deus invisível, mas real. Como quando borbulha o coração a ponto de sentir queimar e apertar o peito. Quando nossa carne toca a dEle e é, de alguma forma, transformada.

Deus realmente sabe todas as coisas. Ele sabe quem você é, quantos fios de cabelo têm na sua cabeça, sabe todas as obras que você tem realizado, sabe que você corre a nação por Ele, sabe o quanto você tem servido ao Reino, sabe que você arruma as cadeiras da igreja sem ninguém notar, sabe que você tem esse e aquele dons... mas será que Ele conhece você? Se você não se relaciona intimamente com o Senhor, talvez Ele não lhe conheça. O risco de ouvir o mesmo que o Noivo disse às cinco virgens néscias é grande. Detalhe: nós já entendemos que fomos chamados, primeiro e acima de tudo, a Ele. Meu chamado não é para ser cantor, mas para estar com Ele. O plano original de Deus ao criar o homem foi relacionamento. O que o entendimento de “conhecer” acrescenta? Que não é qualquer relacionamento! Meu propósito de existir e meu chamado principal são para *conhecer* Jesus e isso significa viver um relacionamento íntimo com Ele!

O livro “Por que Tarda o Avivamento”, de Leonard Ravenhill, registra com clareza esse conceito:

> *Que Deus nos ajude a querer ser populares no lugar onde a popularidade realmente conta: junto ao trono de Deus.*

O meio termo é o mesmo que nada, 90% de Cristo é o mesmo que 0%. Deus não aceita esmolas. Ou conhecemos e somos conhecidos por Ele, intimamente, ou corremos o risco de ouvir: “Nunca conheci você”, mesmo tendo pregado em conferências, expulsado demônios, tocado bateria, teclado e sanfona no louvor, dado aula para as crianças na igreja, sido um pastorzão de multidões e organizado 1.537 retiros. Jesus sabe quem eu sou, mas quer me *conhecer* de verdade, em intimidade. Para isso fui criado, para isso existo. É tudo sobre Ele.

O meio termo é morno – e a Bíblia destina os mornos ao vômito (Ap 3.16). Ou você queima por *conhecer* Jesus, ou não adianta mais nada. Ou você responde ao principal chamado – que é relacionamento íntimo, não superficial –, ou não adianta executar nenhuma vocação, seja pastoral, em missões, na sua profissão, seja qual for.

O que eu estou tentando aqui é conduzir a uma encruzilhada, a uma bifurcação. Só existem dois caminhos possíveis, ou você escolhe conhecer e ser conhecido da maneira que Deus planejou desde o Jardim, ou você vai trilhar um caminho sem garantia de satisfação. Isso porque nunca haverá plenitude longe do propósito eterno, refletido no Jardim, por melhor intencionado que você seja. A fome que você sente só é realmente saciada nEle, o resto nunca passará de aperitivo.

Quando dizemos a jovens que eles estão sendo muito radicais, muita oração, muita adoração, muita loucura, será que não os estamos matando? Será que não estamos impedindo nossos jovens de experimentar a satisfação de cumprir o verdadeiro chamado?

Diga a Paulo que apanhar por Cristo era radicalidade! Fale a Pedro que ele não precisava ser crucificado de ponta cabeça! Meu Deus! Não podemos privar as pessoas do privilégio de viver intensamente.

É necessário que estejamos dispostos a pagar qualquer preço; não importa quanto custa; qualquer preço vale seu sorriso e sua presença.

Smith Wigglesworth

Nunca me sinto melhor do que quando me esforço ao máximo para Deus.

George Whitefield

Ajuda muito olhar para homens que viveram essa intensidade. Sim, tem muita gente que viveu e muita gente vivendo em relacionamento íntimo com Deus. Não é inalcançável, senão Deus seria injusto. Por que ele criaria o homem para viver algo que o homem não consegue viver? Ache o erro. É claro que o erro está em acreditar que não dá! Então vamos injetar ânimo em nós mesmos lembrando de alguns homens de Deus.

George Whitefield foi conhecido por acender um fogo de avivamento em um período espiritual geladíssimo na Inglaterra e, também, nos Estados Unidos. Enquanto púlpitos se fechavam à sua pregação, ele desbravou o culto ao ar livre – o que era até escandaloso, naquela época –, indo para as ruas para falar de Jesus sem inibição. Isso teria inspirado até John Wesley e seu irmão Charles a adotarem a pregação em qualquer ambiente.

Observe a intensidade deste trecho do livro “Heróis da Fé”, de Orlando Boyer:

> *Havia como “um fogo ardente encerrado nos ossos” deste pregador – George Whitefield. Ardia nele um zelo santo de ver todas as pessoas libertas da escravidão do pecado. Durante um período ininterrupto de vinte e oito dias realizou a incrível façanha de pregar a 10 mil pessoas. Sua voz podia ser ouvida perfeitamente a mais de um quilômetro de distância, apesar de ter físico fraco e sofrer dos pulmões.*

Mas o que se fala do relacionamento desse homem com Deus, além de suas realizações? Alguns dizem que quase nunca

Whitefield pregava sem chorar, além de só ler a Bíblia de joelhos. Orava e jejuava sem parar, isso é consenso. Uma frase atribuída a ele também revela muito de sua devoção: “Que o nome de George Whitefield seja esquecido e apagado, na medida em que o nome do Senhor Jesus seja conhecido”.

Também no livro “Heróis da Fé”, encontra-se um relato do próprio Whitefield:

> *Foram-me concedidas manifestações extraordinárias do alto. Cedo de manhã, ao meio dia, ao anoitecer e à meia noite, de fato durante o dia inteiro, o amado Jesus me visitava para renovar-me o coração.*

Evan Roberts foi um dos responsáveis pelo famoso Avivamento Galês, que virou notícia mundial no fim do século XVIII e início do XIX. Em poucos meses, um país inteiro foi transformado. Começou com sua busca pessoal. Ele orava basicamente duas coisas: para que ele mesmo fosse cheio do Espírito Santo e pelo reavivamento do país. “Aviva Gales!”. Um dia, teve uma visão do número cem mil e entendeu que esse seria – e foi – o número de almas salvas no País de Gales.

Também teve uma profunda experiência, que impulsionou seu ministério, orando, em um culto, as seguintes palavras: “Dobra-me, dobra-me, dobra-me!”. Sobre esse dia, veja o relato do próprio Roberts, extraído do livro “O Avivamento do País de Gales”, de Nancy L. DeMoss e Maurice Smith:

> *Senti uma força ou energia viva entrando no meu peito. Perdi o fôlego, minhas pernas ficaram trêmulas. Caí de joelhos, suava muito e as lágrimas jorravam – achei que estava até sangrando. Era terrível por uns dois minutos. Então clamei: “Dobra-me, dobra-me, dobra-me! Oh! Oh! Oh!”. Senti que era Deus enviando o seu amor para me dobrar e eu não compreendia o que havia em mim para ser amado. Depois que fui “dobrado” (quebrantado), uma onda de paz encheu meu interior. Ao mesmo tempo, a congregação cantava com entusiasmo: “Estou chegando, estou chegando, Senhor, a ti”. O que*

veio à minha mente depois disso era o dia do juízo final quando as pessoas serão dobradas contra sua vontade. Senti meu coração cheio de compaixão pelas pessoas que serão obrigadas a se dobrarem diante de Deus no dia do juízo. Desse dia em diante, a salvação das pessoas pesava muito sobre mim.

Durante essa reunião, que durou aproximadamente seis horas, Roberts circulou entre as pessoas, instando com elas para que confessassem a Jesus. No final, convidou que ficassem mais um pouco apenas aquelas 60 e tantas que haviam aceitado a Jesus. Por volta de meia-noite, pediu que orassem, uma após outra: “Envia o Espírito Santo agora, por amor a Jesus”.

Roberts começou sozinho, mas levou milhares a esse ritmo de oração e busca pelo Espírito, até que cultos de avivamento varreram o país. Ainda assim, ele recusava o rótulo de celebridade. Às vezes, até ficava em silêncio para não interferir nas reuniões e deixar o Espírito comandar. Se necessário, dormia na rua para poder acordar antes da reunião da manhã e ter um tempo de oração, assim não gastava tempo com o deslocamento.

Leia agora trechos do livro “O Fogo do Reavivamento”, de Wesley L. Duewel, que descrevem cultos comandados por Roberts e o resultado nas ruas:

Um jornalista de Londres que assistiu às reuniões ficou surpreso ao ver como os cultos prosseguiam quase sem liderança ou orientação humana. Hinos, leitura da Palavra, oração, testemunhos dos convertidos e breves exortações por várias pessoas sucediam-se segundo o Espírito guiava. Os grandes hinos da igreja eram cantados durante três quartos da reunião; a ordem reinava, embora mil ou duas mil pessoas estivessem presentes. Se alguém se demorava muito na exortação, outra pessoa começava um hino. Evan Roberts insistia continuamente: “Obedeçam ao Espírito”, e o Espírito mantinha a reunião pacífica e ordeira.

Como um só homem, primeiro com um suspiro de alívio e depois com um grito de alegria delirante, toda a audiência ficou de pé... Todo recinto naquele momento parecia terrível com a glória de Deus – usamos a palavra “terrível” deliberadamente; a presença santa de

Deus era tão manifesta que o próprio orador sentiu-se dominado por ela; o púlpito onde se encontrava estava tão cheio com a luz de Deus que ele teve de retirar-se!

Em muitos casos, os fregueses entravam nas tavernas, pediam bebidas e depois davam meia-volta e saíam, deixando-as intocadas no balcão. O sentimento da presença de Deus era tal que praticamente paralisava o braço que ia levar o copo à boca.

"Ah, mas era muito radical...". Meu irmão, um país inteiro mudou por causa de um cara que orava intensamente! Um cara sedento, inconformado. Eu não sei você, mas eu quero ser um desses! Não pela minha força, não por mérito, mas por resposta ao amor que me atingiu bem no meio dos meus ossos.

Existem tantos outros heróis que gostaria de citar! Charles Finney, John Wesley, Daniel Nash, John Knox... A lista é longa, mas vou falar de alguns atuais.

Lou Engle, líder do ministério The Call, realizou em 2016 um megaevento em Los Angeles, nos Estados Unidos, chamado "Azusa Now". O objetivo do primeiro evento Azusa Now era comemorar 110 anos do grande avivamento da Rua Azusa, que aconteceu em 1906.

No início do século, tudo aconteceu a partir de orações fervorosas de um pastor negro, filho de ex-escravos, William Seymour. Aquele homem de Deus insistia ser necessário um grande batismo com o Espírito Santo – o que, em pouco tempo, aconteceu. O avivamento durou dez anos e fez nascerem diversas denominações pentecostais como a Assembleia de Deus.

Profeticamente, Engle resolveu organizar o Azusa Now, crendo em um avivamento para os nossos dias. A reunião durou 15 horas! Já foi até replicado em outros lugares. Beleza, legal, mas quero falar mais da postura de Engle.

Eu assisti um documentário que mostrava esse homem, há mais de duas décadas, orando: "Deus, para o aborto na América. Deus, traz o avivamento para a América". Estava eu olhando o Instagram e

vejo Engle em frente ao Senado Americano orando o quê? “Deus, para o aborto na América. Deus, traz o avivamento para a América”. São décadas de perseverança *na mesma* oração, queimando pelo que Jesus queima, independentemente das circunstâncias. Que exemplo de fé, que homem de visão!

Lembro-me de uma conversa que tive com Gregório Mcnutt, uma de minhas maiores inspirações. Ele já tinha seus 20 e poucos anos pregando pelo Brasil. Em determinado momento, falei algo sobre Jesus. A fisionomia dele mudou e logo começou a dizer: “Oh! Jesus, cara! Oh!”. Era impossível, para ele, que o nome de Cristo passasse despercebido, sem despertar reação.

Em sua lápide foi escrito: “Esse cara amou Jesus demais da conta”. Um dos homens mais apaixonados por Cristo que eu já conheci. Deixo aqui minha sincera homenagem, bem como lágrimas de gratidão pelo seu poderoso legado de paixão, fogo e lágrimas.

Dia desses, vi Asaph Borba em uma conferência. Anos e anos de experiência, tanto tempo de ministério, e ele estava lá, tocando seu violão. Então ouço a oração sincera daquele homem: “Quero ser conhecido como amigo de Deus”.

Nem lembro do resto do evento. Deitei e comecei a chorar. Que oração profunda! Depois de ter rodado tanto por aí, ter gravado tantos álbuns, ter estado em tantas partes do mundo para levar o evangelho..., mas Asaph ainda quer amizade! Meu Deus do céu, espero que isso também atinja você como me atingiu! É tudo sobre Ele!

Uma letra que Asaph Borba escreveu retrata muito bem o interior de grandes homens:

Quem vê de longe não sabe, não sabe o quanto eu andei
Quem vê de longe não sabe, não sabe o quanto eu chorei
Quem vê de longe não sabe o caminho estreito no qual passei
Pra seguir as pegadas de Cristo, rastro de quem me amou

Quem vê de longe não sabe, não sabe o que eu já vivi
Quem vê de longe não sabe, não sabe o quanto aprendi
Quem vê de longe não sabe o caminho que Deus me ajudou trilhar
Pra deixar as pegadas na areia e assim outros pudessem passar
Assim outros pudessem passar

Rastros de amor, foi o que eu segui
Rastros de amor, quero deixar aqui
Acima de todo o brilho do mundo, o exemplo é o que deve ficar
Para que aqueles que seguem meus passos nunca venham a se desviar

Rastros de amor, foi o que eu segui
Rastros de amor, quero deixar aqui
Acima de todo o brilho do mundo, o exemplo é o que deve ficar
Para que aqueles que seguem meus passos
Nunca venham a se perder
E como Jesus possam ser

Quem vê de longe não sabe...

MÚSICA: *"Rastros de Amor"*
ÁLBUM: *Rastros de amor – 35 anos*

Essas são só algumas histórias, mas o ponto é o mesmo: nossa geração ficou tão mole! Não quer passar tempo com Deus, imagine gastar décadas de oração por algo que está no coração do Pai! Uma geração que grita por avivamento, mas não quer sentir as dores de parto junto com Jesus para gerar esse avivamento. Quer resultados, mas não quer intimidade com Ele. Não quer tocar e ser tocado. Não quer orar: "Dobra-me", prefere ficar pedindo: "Envia-me". Quer ser cantor, tecladista, missionário, pastor, mas não passa uma hora sequer em oração pedindo para ser simplesmente amigo de Deus. Não quer o preço que é seguir os rastros de amor de Jesus.

Uma pergunta para você que, hoje, já vive um ministério em tempo integral: você teria coragem de largar tudo e ir trabalhar oito horas por dia em uma empresa? Se a resposta é não, talvez você ame mais sua vocação que seu chamado.

Quando Deus pede Isaque, na verdade, Ele quer Abraão.

Leandro Vieira

Não importa o lugar ou o que você faz, o que importa é se você O conhece e se Ele conhece você. Esse é o chamado, que deve ser cumprido com nada menos que tudo de mim e tudo de você.

Vocação será consequência. Resultados serão consequência – e se eles não vierem, não necessariamente significa que você falhou, talvez a promessa se cumpra só em outra geração. A questão é estar satisfeito nEle, é conhecê-Lo de perto a ponto de ouvir qual a Sua vontade e executá-la custe o que custar. Isso trará satisfação, mesmo que tudo ao redor não pareça tão legal. Na verdade, esse tudo ao redor terá o mesmo valor que tinha para Paulo: esterco.

Algumas vezes, ao pregar essa mensagem, fui abordado por companheiros de evangelho que disseram: “Ale, não se torne tão duro, tão radical…” ou “Essa mensagem não se encaixa”. Já me confundiram com alguém que não vive pela graça, mas pela meritocracia da busca.

Como disse anteriormente, tudo o que tenho foi-me dado por Cristo, em Sua ressurreição. Não oro porque preciso, não busco para ser amado – eu oro e busco *porque* fui amado! Mas o que me intriga a respeito desse discurso da “graça” é que ela é tratada como se tivesse um fim em si mesma. Aí é mencionada, o tempo todo, junto com a expressão “eu sou”, “eu sou”, com o centro no homem. Poucas vezes, o tema da pregação é sobre Ele.

Eu quero que minha devoção seja uma resposta não religiosa, não baseada em minha autojustiça. Deus me livre costurar o véu que Cristo rasgou. Por outro lado, Deus me livre de não viver uma

vida digna de morrer por amor a Cristo. Deus me livre de, em meu corpo, não carregar as marcas de Cristo.

A graça não só me possibilita a ter todas as coisas, como também a abrir mão de todas as coisas por a amor a Cristo.

> *Mas, pela graça de Deus, sou o que sou;* ***e a sua graça, que me foi concedida, não se tornou vã; antes, trabalhei muito mais do que todos eles****; todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo.*
>
> *1 Coríntios 15.10*

> *Porque vos foi concedida a graça de* ***padecerdes por Cristo*** *e não somente de crerdes nele.*
>
> *Filipenses 1.29*

Eu sei que a pregação hoje ficou fácil, mas eu quero voltar à simplicidade do início, que exige tudo de mim em nome de conhecer Jesus – antes de qualquer outra coisa, acima de tudo.

Ponha fogo no seu sermão ou ponha seu sermão no fogo.

John Wesley

Fato é que muita gente quer se divertir, ouvir boa música, frequentar igrejas descoladas, mas não quer Jesus. Não entendeu nada. Não é disso que se trata a vida, não é para isso que estamos aqui. Alguns homens compreenderam e responderam – alguns famosos, alguns anônimos, mas todos com uma história de impacto ao redor de si. Não por causa deles, mas porque eles estavam nEle.

Coraítas

Vamos ler um dos Salmos? Salmos são bonitos, vamos lá:

> *Quão amáveis são os teus tabernáculos, Senhor dos Exércitos!*
>
> *A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo!*
>
> *O pardal encontrou casa, e a andorinha, ninho para si, onde acolha os seus filhotes; eu, os teus altares, Senhor dos Exércitos, Rei meu e Deus meu!*
>
> *Bem-aventurados os que habitam em tua casa; louvam-te perpetuamente.*
>
> *Bem-aventurado o homem cuja força está em ti, em cujo coração se encontram os caminhos aplanados, o qual, passando pelo vale árido, faz dele um manancial; de bênçãos o cobre a primeira chuva.*
>
> *Vão indo de força em força; cada um deles aparece diante de Deus em Sião.*
>
> *Senhor, Deus dos Exércitos, escuta-me a oração; presta ouvidos, ó Deus de Jacó!*
>
> *Olha, ó Deus, escudo nosso, e contempla o rosto do teu ungido.*
>
> *Pois um dia nos teus átrios vale mais que mil; prefiro estar à porta da casa do meu Deus, a permanecer nas tendas da perversidade.*
>
> *Porque o Senhor Deus é sol e escudo; o Senhor dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente.*
>
> *Ó Senhor dos Exércitos, feliz o homem que em ti confia.*
>
> *Salmos 84*

Muito provavelmente você já leu, ouviu ou até cantou parte desse salmo. O trecho “um dia nos teus átrios vale mais que mil” é queridinho dos músicos, posso lembrar de algumas letras assim. Encontramos declarações apaixonadas como “a minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor”.

Quero que você olhe comigo para a história de quem escreveu essas palavras. Por mais que seja normal olhar para todos os Salmos e pensar automaticamente em Davi, esse não foi escrito pelo rei de Israel, mas pelos filhos de Corá.

Senta que lá vem história. Corá estava entre os israelitas libertos do Egito, sob o comando de Moisés – inclusive, eram primos de primeiro grau. Era da linhagem de Levi e, portanto, servia no tabernáculo (Nm 16.9,10). Ele iniciou uma rebelião, juntando 250 homens de renome para ir contra a liderança de Moisés e Arão. A justificativa foi que todos eram santos, então por que só Moisés e Arão eram “exaltados”?

Em Nm 16.13 e 14, Corá menciona o Egito como terra que mana leite e mel e acusa seus líderes de não terem conseguido realmente levar o povo à Terra Prometida. Dá para ver que o coração ainda estava lá no Egito, com valores invertidos. Enfim, foi uma revolta por poder.

Deus agiu rapidamente contra os rebeldes.

> *E aconteceu que, acabando ele de falar todas estas palavras, a terra debaixo deles se fendeu, abriu a sua boca e os tragou com as suas casas, como também todos os homens que pertenciam a Corá e todos os seus bens. Eles e todos os que lhes pertenciam desceram vivos ao abismo; a terra os cobriu, e pereceram do meio da congregação. Todo o Israel que estava ao redor deles fugiu do seu grito, porque diziam: Não suceda que a terra nos trague a nós também. Procedente do Senhor saiu fogo e consumiu os duzentos e cinquenta homens que ofereciam o incenso.*
>
> *Números 16.31-35*

A Terra se abriu e Corá, Datã e Abirão, cabeças da revolta, além de muitos de suas casas, foram soterrados e mortos. Ainda veio fogo do céu e consumiu os 250 que se juntaram à rebelião.

Uma história drástica, mas curiosa. Veja o que a Bíblia fala um pouco depois:

> *...quando a terra abriu a boca e os tragou com Corá, morrendo aquele grupo; quando o fogo consumiu duzentos e cinquenta homens, e isso serviu de advertência. Mas os filhos de Corá não morreram.*
>
> *Números 26.10,11*

Os filhos de Corá foram poupados! Leia alguns versículos para costurar melhor a história:

> *Os filhos de Corá: Assir, Elcana e **Abiasafe**; são estas as famílias dos coraítas.*
>
> *Êxodo 6.24*

> *São estes os que Davi constituiu para **dirigir o canto na Casa do Senhor**, depois que a arca teve repouso. **Ministravam diante do tabernáculo da tenda da congregação com cânticos**, até que Salomão edificou a Casa do Senhor em Jerusalém; e exercitavam o seu ministério segundo a ordem prescrita.*
>
> *São estes os que serviam com seus filhos. Dos filhos dos coatitas: Hemã, o cantor, filho de Joel, filho de Samuel, filho de Elcana, filho de Jeroão, filho de Eliel, filho de Toá, filho de Zufe, filho de Elcana, filho de Maate, filho de Amasai, filho de Elcana, filho de Joel, filho de Azarias, filho de Sofonias, filho de Taate, filho de Assir, filho de **Ebiasafe, filho de Coré**, filho de Isar, filho de Coate, filho de Levi, filho de Israel.*
>
> *1 Crônicas 6.31-38*

Os filhos da revolta foram poupados e continuaram no serviço levítico, mais especificamente “diante do Tabernáculo”, ou seja, do lado de fora, nos átrios. Eles não entravam na tenda da congregação, mas cantavam em frente a ela. Apesar da vergonha do passado e do fato de terem ficado órfãos e praticamente sem parentes, os coraítas conseguiram ser autores de mais de dez salmos sensacionais, entre eles:

> *Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus?*
>
> *Salmos 42.1,2*

> *Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem-presente nas tribulações.*
>
> *Salmos 46.1*

Percorrei a Sião, rodeai-a toda, contai-lhe as torres; notai bem os seus baluartes, observai os seus palácios, para narrardes às gerações vindouras que este é Deus, o nosso Deus para todo o sempre; ele será nosso guia até à morte.

Salmos 48.12-14

Agora, com toda essa história dos coraítas em mente, vamos ler mais uma vez um trecho de Salmos 84:

Quão amáveis são os teus tabernáculos, Senhor dos Exércitos!

A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo!

Pois um dia nos teus átrios vale mais que mil; prefiro estar à porta da casa do meu Deus...

Salmos 84.1,2,10

Que devoção é essa? Filhos de revolucionários mortos poderiam ter se tornado frustrados, mas não. Servir só diante do Tabernáculo, não dentro dele, poderia ter feito com que eles se sentissem menores, ou que tal serviço não era suficientemente próximo da presença, pelo menos não para conhecer e se apaixonar. Não, essa não foi a postura dos coraítas.

Mesmo que só à porta, eles disseram “um dia nos átrios vale mais que mil; prefiro estar à porta da casa do meu Deus...”! Para os coraítas, tudo bem não poder entrar até o Santo dos Santos e vislumbrar a arca da aliança. Tudo bem não poder entrar no Santo Lugar e acender incenso ao Senhor. Tudo bem, contanto que ali, do átrio, eles pudessem cantar ao Deus de Israel, que fazia suas almas suspirarem...

Existe um paralelo profético aqui. No Brasil, levantou-se uma geração de muitos Corá. Ela afrontou e dividiu a igreja brasileira, mas o próprio Deus se encarregou de engolir a voz dos revoltosos – contudo seus filhos foram poupados. Nós somos esses filhos e temos a oportunidade de servir à casa de Deus com rancor pelo que passou, ou com uma devoção desinteressada com as dores do

passado e apaixonada pelo Senhor do Tabernáculo, pela presença do Deus de Israel.

Entretanto há uma gritante diferença entre nós e os coraítas: eles só podiam ficar à porta e suspiravam, desfaleciam pelo Senhor; nós temos completo acesso ao Santo dos Santos!

Os filhos de Corá chegavam a declarar que não apenas o coração exultava por Deus, mas a própria carne! Você ainda lembra o que falamos há pouco sobre conhecer Jesus em carne? Sim, na própria carne. Se eles, com o acesso distante que tinham, desenvolveram tamanho desejo por estar com Ele, quanto mais nós!

É necessário desmistificar uma coisa: a carne não é do demônio. Deus não jogará sua carne no lixo, muito menos você precisa parar de ser um humano e tornar-se um anjo. Como aprendemos nesse salmo, a proposta de Deus é que nossa carne seja renovada a um estado de santidade, que nossos desejos "carnais" se tornem desejos santos.

Na Bíblia, a palavra carne é tanto utilizada para expressar "corpo natural" como "carnalidade". O que quero ressaltar aqui é que é possível viver na carne sem estar na carne. Ou seja, é possível viver neste *corpo*, mas sem que a *carnalidade* vença. É sim possível, que a carnalidade seja derrotada pelo Espírito, a ponto de meu *corpo* sentir falta de Jesus, a ponto de meu *corpo* exultar pelo Senhor, assim como declararam os filhos de Corá. Nesse sentido, meu *corpo* não está condenado!

Observe o que está escrito em Gálatas:

> *Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim.*
>
> *Gálatas 2.20*

O apóstolo está dizendo que, ao crucificar a própria carne juntamente com Cristo, ela passou por uma transformação. Agora, Paulo vive o evangelho *na carne*! Amigos, Cristo era santo em um corpo natural. O que isso muda? Tudo! Mediante o acesso que nos foi dado pelo sacrifício de Cristo, podemos ser santos, vivendo aqui, em carne.

Pense comigo quantos desejaram o acesso que temos hoje. Jesus se fez a ponte para o homem voltar ao Jardim de relacionamento íntimo com Deus, não precisa mais desejar de longe. A carne dos filhos de Corá suspirava por algo que, hoje, nós podemos *tocar*! À distância de uma oração, uma canção, um pensamento, uma leitura... nós estamos não diante da Tenda, mas diante dEle!

Quando encaramos a informação de que é possível desejar e conhecer Jesus até com a carne, não há como fugir de um sério confronto. Se você e eu ainda lutamos com pecadinhos e desejozinhos carnais, é porque nossa carne ainda não foi tocada por essa paixão!

> *O que era desde o princípio, o que temos **ouvido**, o que temos **visto com os nossos próprios olhos**, o que **contemplamos**, e as **nossas mãos apalparam**, com respeito ao Verbo da vida.*
>
> *1 João 1.1*

Esse versículo fala de conhecê-Lo, por experiência, *em carne*! A parte mais humana dos coraítas clamava só de ver de longe, meu amigo. A nós foi dado o direito de entrar confiadamente diante do trono da graça! Se eles tinham aquele nível de paixão, não podemos aceitar menos que nossa carne exultando no Deus vivo, não podemos nos contentar com menos que “como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma” (Sl 42.1)!

Precisamos amplificar nossa visão, para que nossa devoção cresça junto com ela. Não fomos chamados para o meio termo, mas

para a intimidade apaixonada, rendida – atordoada sem Ele, perdida por Ele.

Jesus conhece você?

Atirei um bumerangue no início deste capítulo e, é claro, uma hora ele voltaria. Não há como encerrar essa parte sem uma reflexão séria e contundente.

Primeiro, Deus não criou o homem para que O conhecesse de longe – a ideia original e o propósito de existirmos neste Universo é para conhecê-Lo intimamente. Em segundo lugar, é impossível sentir-se plenamente satisfeito realizando apenas uma vocação, mas distante do verdadeiro chamado que é estar com Ele. Fomos feitos com um vazio exatamente do tamanho de Deus, nada mais encaixa perfeitamente.

Por último, é possível que, mesmo muito ativos no mundo crente, Jesus não nos conheça. Se não vivemos a intimidade do Jardim, Ele apenas sabe de tudo sobre nós, mas não nos conhece. E seria terrível ouvir isso da boca dEle no último dia.

E aí, meu amigo, Jesus conhece mesmo você?

Sei que já escalamos uma montanha juntos até aqui, então ouso pedir que, depois de terminar os próximos parágrafos, você pare de ler. Por favor, dê a você mesmo um tempo para digerir e ser tocado pelo Espírito Santo – dessa forma, Ele poderá traduzir tudo que vimos até agora de forma personalizada, individual, sob medida.

Vislumbre a mente de Deus criando o homem no Jardim e definindo o propósito de toda a humanidade. Encare a expressão do Senhor quando perguntou onde Adão estava, logo depois da queda – sem condenação, apenas com saudade da proximidade, sabendo que a criatura havia se distanciado.

Transporte-se para o tempo dos coraítas e sinta a mesma vergonha que eles pela revolta dos pais. Agora arrepie-se com tamanha paixão que aquela geração conseguiu desenvolver, cuja carne exultava, cuja alma suspirava, mesmo que apenas à porta. “Ah... quem dera se eu pudesse viver aqui nessa porta, vendo de

longe o Deus de Israel e cantando a Ele! É tudo que meu coração quer!”.

Já nos tempos de Jesus, imagine o peso sobre Seus ombros naquela cruz. Pesava não apenas pelos pecados da humanidade, mas porque, pela primeira vez na eternidade, Ele se viu separado da comunhão com Deus Pai. Aquele que mais entende o que é ser um com Deus estava sozinho – tudo para que você e eu, hoje, pudéssemos novamente ir ao Jardim do relacionamento.

Vendo por esse prisma, deixe-se inundar pelo desejo de cumprir o propósito original. Mais que isso, que o seu coração comece a borbulhar. Que seus olhos encarem os dEle – e as fagulhas de fogo que saem dos olhos de Jesus respinguem lentamente no seu rosto, no seu peito, nos seus braços. Que uma revelação fresca de quem Cristo é te encha até que a sensação de queimar tome sua carne e sua alma.

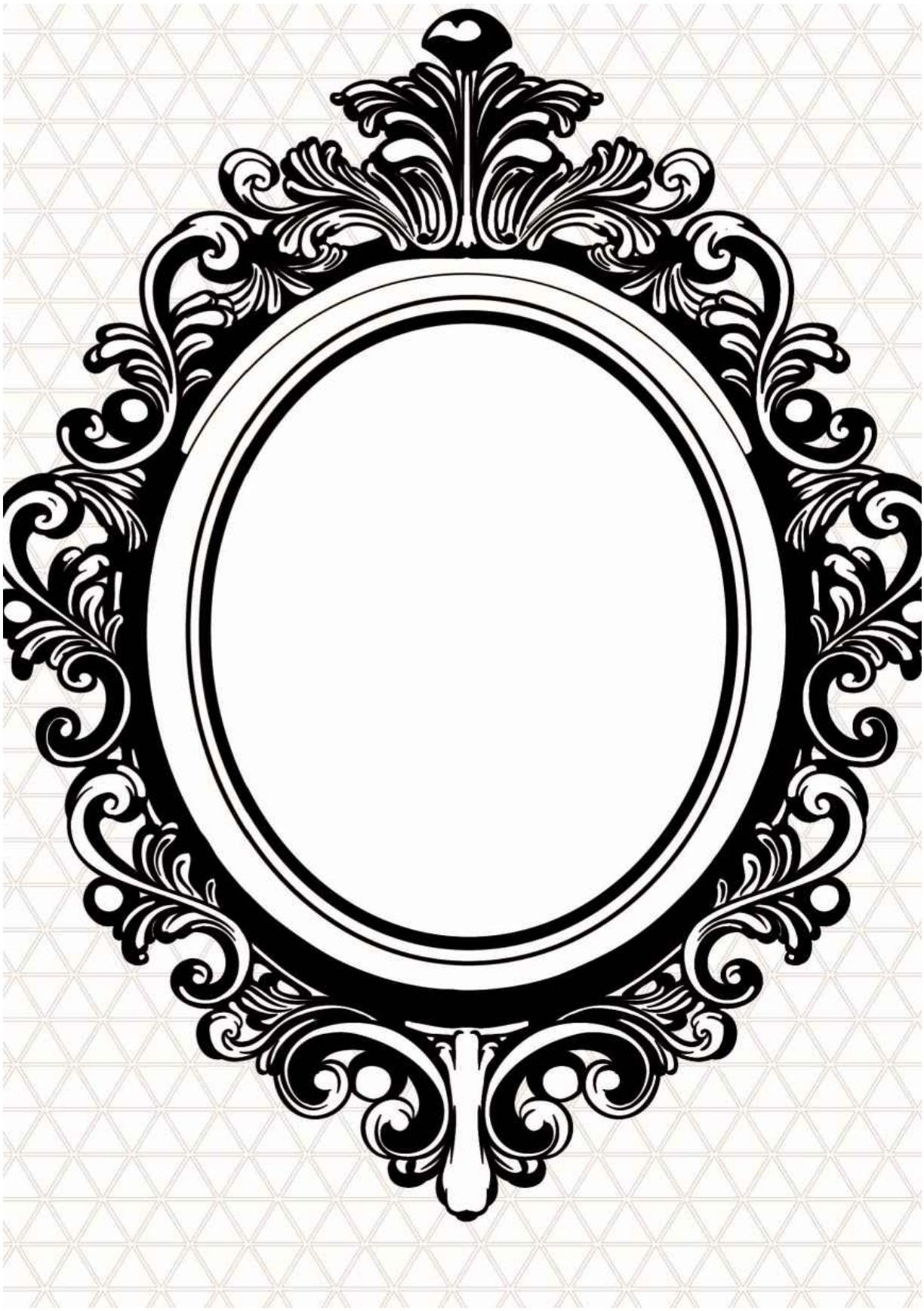
Como o grande avivalista orou, ore também: “Dobra-me!”. Repita essa oração algumas vezes. A partir de hoje – de preferência, a partir de agora, neste exato momento –, entre no Santo dos Santos com uma postura diferente. E não se permita sair do mesmo jeito que entrou. Sim, chegamos àquela encruzilhada que comentei há pouco. Seja qual for o caminho que você escolher, sua devoção nunca mais será a mesma.

Neste ponto do livro, quero ser vulnerável com você. Existe uma pergunta que me persegue. Em meus momentos de adoração, a sós com Ele, a pergunta volta e é sempre a mesma:

Quem é Jesus?

Querido, não responda de maneira rápida e religiosa. Depois de tudo que já conversamos ao longo destes capítulos, essa pergunta deve atravessar você como a mim.

Talvez essa seja a pergunta da minha vida. E eu quero saber a resposta.



UM LUGAR QUE BASTA

> *Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.*
>
> *Gênesis 1.26,27*

Antes de prosseguir, quero propor uma renovação de mente a respeito da criação e da queda. Quando Deus criou o homem, o propósito era que fosse à Sua imagem e conforme a Sua semelhança (versículo 26). Contudo, quando o homem é criado, de fato, Deus o faz apenas à Sua imagem (versículo 27). Isso talvez espante, mas a verdade é que não fomos criados à semelhança, pois ela se adquire no relacionamento entre Deus e o homem.

Vamos lá, não se assuste! Não estou diminuindo a criação, só estou colocando os pingos nos “is”. Semelhança não vem por mágica, mas por convivência, conhecimento.

Meu desejo é esclarecer que não fomos feitos *semelhantes* ou *iguais* a Deus em Sua essência, mas, com certeza, fomos criados com a “matéria-prima” necessária para ser como Ele é. Em nós, já havia todo o potencial para ser como Deus, mas, de fato, ainda não éramos. Fomos criados à imagem e contendo o necessário para ser semelhante.

Se isso não bastou para convencer, pense comigo; como alguém *semelhante* a Deus poderia pecar? Não faz muito mais sentido agora pensar que Adão e Eva caíram por que quiseram ser *iguais a Deus*?

Eu acredito piamente que o *pecado* de Adão e Eva não foi o desejo de serem iguais a Deus; afinal, esse era justamente o desejo de Deus para eles. O erro foi o “como”. Abandonaram o

relacionamento em troca de um fruto – ou, poderíamos dizer, em troca de método, de religião.

O comportamento das primeiras criaturas, criando atalhos para fugir do relacionamento, lembra a história do povo de Israel, que ficava sempre no pé do monte, enquanto Moisés subia para falar com Deus. “Moisés, suba por nós! Ser íntimo dá muito trabalho…” é equivalente a “Dê-me um fruto, serpente, para eu ser logo semelhante a Deus... Relacionamento dá muito trabalho”.

O que perdemos naquele Jardim não foi a imagem. É muito mais profundo. O que nós perdemos foi o acesso direto a Ele, em *relacionamento*, o que traz *semelhança*.

Em toda a criação, Deus *ordena* que as coisas venham à existência. Luz (Gn 1.3), firmamento (Gn 1.6), animais (Gn 1.24). Quando se propõe a criar o homem, Ele, o próprio Deus, *compartilha* de Si mesmo. Olhe como está o relato em Gn 2.7:

> *O Senhor Deus formou o homem do pó da terra, e soprou nas suas narinas o sopro da vida; e o homem se tornou uma alma vivente.*
>
> *Gênesis 2.7 (BKJ Fiel)*

É muito interessante pensar que Deus cria o homem a partir de duas substâncias: a substância da terra e a Sua própria substância. O homem, em sua natureza, carrega o DNA da terra e o DNA de Deus. Uau! Eu fui criado a partir de Deus! É isso que me dá o poder de, por meio de um relacionamento, tornar-me semelhante a Ele. Amigos, isto me empolga: saber que nasci com a capacidade de ser como Jesus!

Veja bem, eu fui criado *para* ser como Ele é, mas não fui criado exatamente como Ele. Por quê? Porque não se trata de apenas parecer com Ele em minha fisionomia, mas sim em meus pensamentos, minhas atitudes, minhas palavras, meus gestos etc. Apesar de eu ter sido feito com a capacidade de ser semelhante a Ele, essa semelhança só é adquirida por relacionamento.

Porém, com o pecado, foi perdido o potencial de ser semelhante – consequência de o relacionamento ter sido cortado. Isso até Cristo aparecer e reconstruir a ponte. Aleluia! O que Ele fez? Devolveu ao homem o poder de ser semelhante!

A proposta não é um corpo musculoso, brilhante – talvez até inclua esse tipo de melhoria, mas não é o foco. Jesus, o Emanuel, morreu, ressuscitou e deu-nos o Seu Espírito. Ou seja, o "Deus conosco" se tornou "Deus em nós".

> *Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio. E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes:* ***Recebei o Espírito Santo****. Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos.*
>
> *João 20.21-23*

Cristo fez o que eu nunca poderia fazer sozinho. Quando me deu Seu Espírito, restituiu a capacidade de ser como Ele. Quando derramou Seu sangue naquela cruz, levou-me a um lugar muito melhor do que eu poderia imaginar: o Jardim do relacionamento, onde a semelhança é construída. Oh! Eu posso ser como Jesus!

> *Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.*
>
> *Mateus 5.48*

> *Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou.*
>
> *1 João 2.6*

Hoje, mesmo que velado, há um pensamento que distancia muito o homem de Deus – é como se não fosse possível ser semelhante a Deus, por mais que o homem tente. Infelizmente, isso está enraizado até nas igrejas, levando pessoas a desistirem da busca por refletir o caráter do Senhor.

Vou repetir mais um milhão de vezes, se for necessário: o plano de Deus não mudou porque o pecado entrou no mundo. A ideia do Criador, a mesma lá do início, ainda é. Ela permanece. O que a tornou realizável mais uma vez foi o sacrifício de Jesus.

O Filho, que é a exata expressão do Pai (Hb 1.3), tornou-se homem para esse fim. Cristo encarnou para que o propósito do Criador pudesse se cumprir mais uma vez, como no Éden. Cristo veio como homem, venceu o pecado e a decadência da natureza pecaminosa para, com isso, retomar o plano: o homem à imagem e *semelhança* de Deus, assim como o próprio Filho é igual ao Pai.

Filho como Ele é

Jesus era filho único antes de descer à Terra. Quando foi enviado, o foi como unigênito de Deus (Jo 3.16). Embora igual ao Pai em tudo, tornou-se exatamente como o homem para salvar a humanidade da distorção provocada pelo pecado e, assim, deixar de ser o único Filho:

> *Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.*
>
> *Romanos 8.29*

Você tem ideia do que esse versículo quer dizer? Irmãos, Cristo abriu mão de ser o único filho para tornar-Se o primeiro dentre muitos! Cristo desceu como unigênito e subiu como primogênito. A partir da cruz e da aceitação pessoal dela, tornamo-nos filhos como o próprio Jesus é. O sangue dEle começou a correr em nossas veias para fazer-nos Seus irmãos de sangue, filhos do mesmo Pai, coerdeiros com Ele de todas as heranças da casa de nosso Pai Celestial:

> *Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados.*
>
> *Romanos 8.17*

O caminho que Jesus percorreu para essa conquista é chamado de via dolorosa não à toa. O preço foi alto, custou tudo. Mas Ele venceu para que pudéssemos ser filhos como Ele é, à semelhança dEle próprio e, portanto, também à semelhança do Pai.

Vamos cavar um pouco mais. O Filho é Deus; Jesus não foi inventado nem é menos Deus do que o Pai. A Bíblia diz em Jo 1.1 que Cristo estava na criação, Ele é o verbo da criação, por meio dEle fez-se tudo o que existe. Isso faz de Jesus o Senhor sobre todas as coisas. Sim, Ele era o dono de todas as coisas. Ele já era, antes de toda a história da redenção.

“Como assim?”. Acompanhe-me.

No livro de Filipenses, está escrito que, mesmo sendo Deus, Jesus não usurpou disso, mas esvaziou-se. Repita comigo: “esvaziou-se”. Meu irmão, ninguém esvaziou, humilhou ou entregou Jesus à morte – Ele se entregou! Sabe como reconhecer um filho genuíno de Deus, irmão do Cristo? Ele não usurpa lugares altos; antes, humilha-se para que outros cresçam.

Cristo se esvaziou de Sua glória, de Sua majestade. Você ainda está comigo? Está entendendo? Cristo, o dono de todas as coisas, deixou-as de lado. Mais que isso, fez-se herdeiro (Hb 1.3). O dono de tudo fez-se herdeiro. Uau! Sim, o dono deixou toda Sua glória aos cuidados do Pai, pois sabia que Ele seria fiel para devolvê-la quando chegasse a hora. Como eu amo a Trindade!

Vamos pensar juntos: Cristo se tornou herdeiro, mas não sozinho – somos coerdeiros juntamente com Ele. Herdeiros de quê? Meu amigo, nossa herança é o próprio Deus! Sim, recebemos o direito de sermos filhos de Deus, assim como Cristo é. Fomos colocados em um lugar de relacionamento com Deus igual ao que o próprio Cristo ocupa. Como dois irmãos, com o mesmo acesso ao Pai.

Sabe o que mais recebemos por meio de Cristo? O Espírito da verdade, o Espirito de Adoção, o mesmo Espírito que ressuscitou Jesus. Sim, o Espírito de Deus mora em mim. A própria vida está em mim. Para quê? Para tornar-me semelhante ao Filho de Deus, filho como Ele próprio é.

Só isso já merecia um salto triplo mortal carpado de alegria e gratidão, vai muito além de todas as canções que possamos cantar. Contudo é impossível parar por aí sem questionar por que, mesmo tendo aceitado Jesus, continuamos tão diferentes dEle, tão diferentes do Pai!

Acredito que, não só no Brasil, mas no mundo todo, o novo de Deus já começou. O que eu acho que é esse novo de Deus? Não

que nunca tenha existido, mas há muito não era vivido: o avivamento que chegou é aquele que nos desperta a ser filhos como Jesus, a ser *semelhantes* a Ele.

Já perguntei antes quantas vezes você jejuou e buscou intensamente qual era o seu "chamado", em contraste com quantas vezes você clamou por caráter, por ser mais parecido com Ele. Quando não entendemos o verdadeiro chamado de estar com Ele, temos fome pela coisa errada! Nossa busca é essencialmente equivocada, ainda que boa.

Quando você tem muito contato com uma pessoa, é comum ficar parecido. Usar as mesmas expressões, às vezes até repetir o mesmo tipo de roupa. A convivência gera semelhança e é por isso que a Bíblia algumas vezes alerta sobre sentar "na roda dos escarnecedores" (Sl 1.1), "más conversações corrompem bons costumes" (1Co 15.33). Não se trata de viver em uma bolha, mas do princípio de que conviver *muito* com alguém torna você um pouco como esse alguém.

Qual você acredita ser o resultado de cumprir seu chamado de estar com Ele? Sim, a consequência é parecer com Ele! Se isso não tem acontecido, algo está errado. Ou você não está próximo o suficiente, ou você acha que tem relacionamento quando na verdade conhece muito de longe.

Vamos voltar ao que Jesus fez. Ele tornou possível ao homem ser novamente semelhante à Deus, como sempre foi o plano. Você precisa, pelo amor de Deus, acreditar nisto: é, sim, *possível*. Ele abriu o caminho de volta ao relacionamento, que gera semelhança. Crer em menos que isso é menosprezar tamanho sacrifício, é diminuir a importância do sangue de Jesus e da vitória dEle sobre o pecado e a morte. Quando você aceita Jesus, você se torna filho como Ele é. Jesus é como? É igual a Deus, é a exata expressão do Pai!

...nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo. Ele, que é o resplendor da glória e a ***expressão exata do seu Ser****...*

Hebreus 1.2,3

O mesmo Espírito que capacitou Jesus a vencer o pecado e caminhar em santidade e caráter hoje habita em você. Isso significa que a mesma capacidade está dentro de você. Pode ser que você não esteja vivendo, mas nunca mais diga que não é possível viver. Não subestime a gloriosa conquista do Filho! Em Jesus, Deus restaurou a possibilidade de viver o plano original de sermos como Ele é.

Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça. Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita.

Romanos 8.10,11

Isso é tão poderoso quanto constrangedor. Vivemos como se o padrão fosse alto demais. “Ah, mas Jesus era Deus” – justificam muitos. Com certeza, já passou pela sua cabeça alguma vez.

Meu querido, Jesus era 100% homem, assim como 100% Deus. A Bíblia diz que ele foi tentado em tudo e venceu. Ele trilhou o caminho e foi vencedor, deixando os rastros para que você e eu pudéssemos seguir Suas pegadas.

Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, ***à nossa semelhança****, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.*

Hebreus 4.14-16

Como Ele conseguiu? Jesus entendia o Seu lugar no Pai! O que Jesus mais queria era estar com o Pai. Por maior que fosse o milagre recém-acontecido entre as multidões, Ele se retirava em seguida para estar sozinho com o Pai. O Espírito Santo O conduziu ao deserto, onde Jesus jejuou por 40 dias e foi tentado pelo diabo – ou seja, Ele sabia o poder da separação, da abnegação. Jesus conhecia muito a Lei e as Escrituras, o que mostra o quanto lia. Cristo conhecia a voz do Pai e só fazia o que ouvia primeiro de Deus, prova do quanto orava.

Enxergando esse cenário, é quase possível sentir na pele a dor da frase “Deus meu, por que me desamparaste?”. A distância do Pai era o que doía para o Filho. E nós fomos feitos filhos como Jesus é. O quanto você sente quando se distancia do Pai? Chega perto do exemplo de Cristo?

Porém quero lembrar o que disse há pouco: Jesus não apenas *fez* para *ser* – Ele já era antes de fazer.

ão estou dizendo que você conquistará o lugar alto de comunhão pelo seu próprio esforço, meritocracia. Não! É *por meio* do Filho. A grande verdade, meu querido amigo, é que você já tem o caminho aberto, por isso não se trata de *conquistar* um lugar, mas simplesmente permanecer no lugar que lhe foi dado. Confie em mim, não se trata de merecer, mas de receber.

Muitos me perguntam como ser constante. Eu poderia dar várias respostas bonitas e poderosas, com vários textos bíblicos, mas preciso resumir desta forma: você deve apropriar-se do sacrifício de Cristo.

Nossa cabeça foi ensinada a fazer, fazer, fazer. A religião nos enfiou isso goela abaixo. Preste atenção: intimidade não é ação. Se fosse, uma mulher que se prostitui conheceria mais sobre amor do que uma mulher casada com o mesmo homem há 40 anos.

Você não se torna íntimo apenas porque ora muito, mas porque Cristo lhe tornou um filho, e todo filho pode ser íntimo! Então como ser íntimo do Pai, assim como Jesus? Aproprie-se do sacrifício e ande como um filho, não como um bastardo. Existe uma enorme diferença entre andar como alguém que terá e andar como alguém que já tem!

Isso muda tudo. Muda a ordem das coisas. Cristo não *fazia* para ser; Ele *era*, por isso fazia. É por isso que, mesmo sendo Deus, mesmo sendo ungido, mesmo sendo poderoso, andava em constante comunhão, oração, jejum, lágrimas. Era consequência de *ser* Filho.

Com isso bem claro, que já somos filhos como Ele é, herdeiros junto com Ele, agora sim podemos olhar de forma saudável para o outro lado. Embora Cristo já tenha reconectado a ponte destruída que leva à intimidade – de fato, nada mais é necessário fazer para sermos aceitos ou amados –, contudo amá-Lo requer tudo de nós. Também requereu de Cristo. Não, não é sobre mérito, mas sobre deixar de ser o que um dia fomos para vestir o novo! Como bem disse certa vez Dallas Willard, “a graça não é o oposto de esforço, mas sim do mérito”.

Portanto quanto maior nosso entendimento acerca do amor dEle por nós, maior é nosso amor por Ele. Isso não pode ser apenas filosofia. Não se engane: vai pedir de você morte interna. Custará tudo o que um dia você achou importante. A graça não é barata – é tão preciosa, tão preciosa, que nos fará vender tudo, se for necessário. Morrer, se preciso for. Custe o que custar. O ponto não é ter mérito para conquistá-la – já foi conquistada –, mas o quanto amamos e o que somos capazes de fazer por ela.

> *O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e, tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra.*
>
> *Mateus 13.45,46*

Sabe o que percebo deste tempo? Um basta. É como se uma onda espiritual já estivesse quebrando em várias partes do mundo gritando: “não é mais hora de meninice”. É hora de voltar a estar com Ele e, de tanto conviver, ter o Seu caráter.

Não precisamos de mais unção, boa pregação, boa música. O que precisamos é de pessoas que vivem em Jesus e são como Jesus. Não precisamos de mais dons, precisamos de menos carnalidade. Se sua vida não embasar o que você prega, você não é útil.

Sinta essa sequência de golpes:

Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnais, como a crianças em Cristo. Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnais.

1 Coríntios 3.1,2

Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos.

1 João 2.3

...aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou.

1 João 2.6

E o amor é este: que andemos segundo os seus mandamentos.

2 João 6

Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas? Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união, do crente com o incrédulo? Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.

Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso.

2 Coríntios 6.14-18

Sim, ser filho é ser parecido. Para ser como Ele, é preciso andar com Ele. Ou seja, essa vida cristã toda que você acredita só dá certo se você realmente estiver disposto a viver o Jardim e ter relacionamento íntimo com Deus, a ponto de ser um com Ele, de ser semelhante a Ele, de possuir características divinas e transbordá-las em seu próprio comportamento. Não se trata de ser perfeito, mas de estar colado no Perfeito o tempo todo.

Você já viu a imagem de um talmidim seguindo seu rabino? Na cultura judaica, os discípulos do rabino, chamados de talmidim, deviam seguir seu mestre para qualquer lugar que ele fosse, e seguir de perto. Então cenas como a de um rabino entrando em uma casa seguido por adolescentes enfileirados logo atrás, quase que pisando nas mesmas pegadas, é muito comum.

Um ditado era usado para representar a importância dessa proximidade no aprendizado: “Cubram-se com a poeira dos pés de seu rabino”. Basicamente, significava seguir o rabino tão perto que, no fim de um dia andando em solo desértico, o talmidim devia estar à milanesa. Só assim realmente ele aprenderia a ser como o seu mestre.

Oh! Como precisamos aprender a seguir o caminho do Mestre, do Cristo encarnado, o simples Jesus. O Filho de Deus, mas também Filho de José e Maria, o homem comum.

Como ser semelhante a Ele? Andando muito perto, estando com Ele, a ponto de a poeira de Seus pés cobrir-nos completamente. É assim que colocamos os pés sobre as pegadas de Cristo, aqueles rastros de amor que Asaph Borba retratou em música.

Se não há esse contato próximo, também não dá para esperar transformação de caráter. O resumo da ópera é que o Espírito Santo tem despertado uma geração ao relacionamento íntimo para que, mais uma vez, o homem possa ser visto como à imagem e semelhança de Deus. Conhecer e, então, ser: propósito Eterno de Deus.

Antes de continuar, que tal uma canção? De autoria de Fabiano e Jackeline Krehnke, “Reverente Submissão”:

Não podemos mais voltar atrás
Por Tua Palavra em nós
Que deixou de ser discurso
E se fez vida dentro de nós

Não é mais sobre aquilo que falamos
Sim é sobre o que estamos nos tornando

Em reverente submissão
Nós nos rendemos
Nos entregamos a Ti

Sacrifício, devoção, amor por ti
Que sejamos cartas vivas escritas Que manifestem

MÚSICA: *“Reverente Submissão”*
ÁLBUM: *Céus e Terra*

Agora, depois de muito apanhar, vamos falar de satisfação, pode ser?

Conhecer e ser bastam

Talvez você esteja em um dilema agora, duvidando das possibilidades. Talvez sua mente ainda tenha dificuldade de conceber que tudo isso não é penoso, muito menos impossível. Talvez essas verdades até conflitem com o que você imagina ser felicidade e satisfação. Como ser feliz com esse "peso" de ter que conhecer e ser como Jesus? Ou o que você enxerga olhando para si é tão distante que fica complicado vislumbrar um panorama diferente.

É claro que Deus não quer que você se acomode, mas Ele não o criou para viver infeliz. Ele planejou uma vida satisfeita, plena, abundante. Inclusive, acima das circunstâncias. Isso quer dizer que existe um ambiente plenamente feliz que não depende de fatos. Dá para viver paz em meio à guerra. Alívio sobrenatural quando o corpo natural adoece. Calma diante de uma situação de caos. Amor e perdão perante a pior ofensa.

O que encontramos na Bíblia não é um ajuntamento de desvairados, que vivem fora da realidade como loucos, desprezando o que acontece ao redor. Pelo contrário, são homens que, mesmo que plenamente racionais e conscientes, vivem uma plenitude muito acima do natural. Não são maníacos que amam sofrer, mas homens que encontraram a beleza de Cristo até na dor – e, apenas de olhar para ela, ficaram completamente satisfeitos.

Conhecer Jesus e ser como Ele é não podem ser vistos como fardo. É o extremo oposto: trata-se do melhor estilo de vida possível. Uma vez nele, é impossível achar qualquer outra coisa suficiente! Mais uma vez, cito Paulo:

> *Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para o conhecer, e o poder da sua ressurreição,*

> *e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos.*
>
> *Filipenses 3.8-11*

O tom de Paulo não é de alguém que cumpre uma tarefa por obrigação. Quando fala de perda, diz que perdeu por amor. Por amor, considerou tudo refugo, porque ganhar a Cristo e conhecê-Lo valem mais que a própria vida. Não consigo imaginar alguém fazendo o mesmo tipo de declaração se não for por pura paixão.

Esse ambiente de relacionamento íntimo com Deus foi feito pelo próprio Deus para jorrar satisfação. Não há nada, absolutamente nada, que precisemos perder nesta caminhada, que não seja absolutamente compensado com o prazer de conhecê-Lo. Se você nunca provou, é difícil que saiba a profundidade desse contentamento.

Quando falamos de perder, na verdade, estamos falando de ganhar. A Bíblia nos ensina que quem é maior é quem serve, vive quem morre, ganha quem perde.

Antes de falar mais disso, deixe-me lembrar o cenário em que fomos salvos. Cristo entra em sua vida e propõe fazer-lhe filho de Deus, dar-lhe salvação, vida eterna, dons espirituais, uma família. Você, em contrapartida, dá a Cristo seus pecados, suas mazelas, suas dores, seus vícios. Parece loucura. Já vi homens lutando para ter o dinheiro do próximo, a glória, o nome, o renome, o sucesso; mas o único que lutou para poder ter mazelas de outros foi o Filho do Homem Jesus.

Uma observação importante: como um só homem pode pagar pelos pecados de todos os homens juntos? Simples: o homem que foi crucificado vale mais do que todos os outros perdoados.

Voltando ao conceito de perder para ganhar, vemos isso em Cristo. Mas e nós, o que devemos perder? Em primeiro lugar, a

velha natureza, os sonhos pequenos que são formatados pela nossa própria mente. É abandonar o jeito passageiro de pensar, agir e ser para abraçar o eterno. O Cristo, o maior de todos, quer de nós o nosso pior. Deseja que aceitemos perder nossas misérias.

Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro.

Filipenses 1.21

Olhando por esse lado, é fácil, não é? Deveria ser. Porém, em alguns momentos, ser como Jesus leva-nos a perder aquilo que consideramos valioso – ou, pelo menos, aparenta valer muito. Primeiro, misérias; depois, o que parece valioso demais aos nossos olhos. O que acontece depois? Percebemos que tudo o que deixamos era tão pouco! Tudo fica tão pequeno quando colocado sob a perspectiva do eterno!

É aí que notamos que só amamos, de fato, esposa, filhos e amigos depois que descobrimos o Amor! Ao chegar nesse lugar, resta uma constatação: “Oh, sim! Valeu a pena!”.

No trecho que lemos de Filipenses 3, o apóstolo não está deixando para trás pecados – isso ele já havia feito. Esse abandono é necessário e já acontecera. Paulo se deu conta que *nada* se compara com o conhecimento de Cristo. Nada. Então ele estava decidido: deixaria tudo para trás, simplesmente tudo. Tudo que achava que sabia, todos os seus anos de teologia e farisaísmo. Tudo, tudo, tudo – pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus!

> *Eu, porém, na justiça contemplarei a tua face; quando acordar, eu me satisfarei com a tua semelhança.*
>
> *Salmos 17.15*

“Me satisfarei com a tua semelhança”. Contemplá-Lo satisfaz. Não sei se você está me entendendo, mas preciso repetir pela bilionésima vez: é tudo sobre Ele. É tudo sobre a beleza dEle, sobre as delícias de Sua presença, sobre o prazer de simplesmente estar

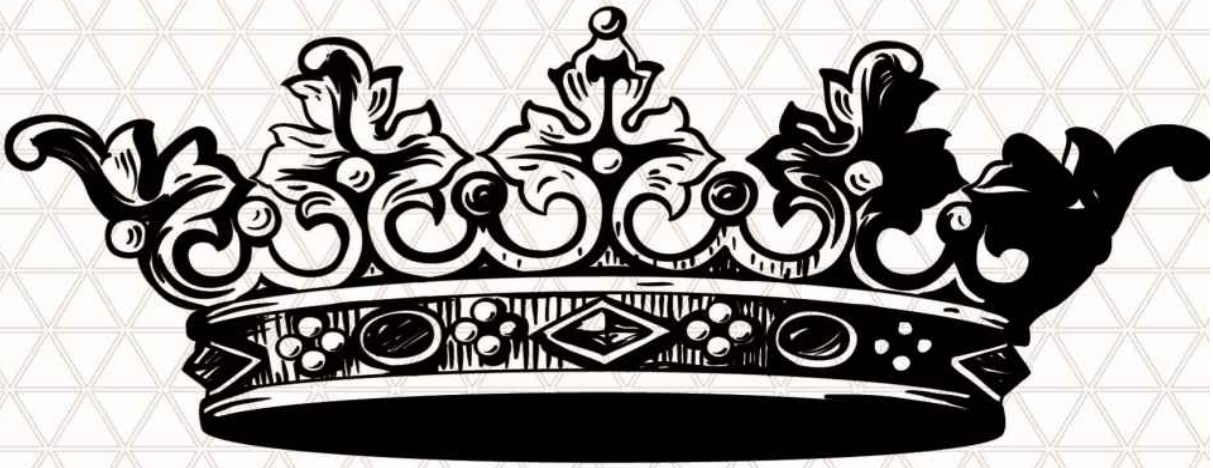
com Ele. Se, com este livro, eu empurrá-lo a provar um pouco dessa satisfação existente apenas nEle, acredito que cumpri meu papel. Depois de prová-Lo, como negar que não há nada melhor?

Não vejo negativamente a frase *“A minha graça te basta”* (2 Co 12.9). Muitas vezes ela é empurrada como se fosse um

“Cale a boca e pare de reclamar”. Que profundo desconhecimento do que é graça. Ela basta porque ela realmente é tudo – e quem a tem não precisa de mais nada!

O que eu estou querendo dizer aqui é que você não vai se arrepender se escolher conhecer Jesus intimamente a ponto de ser como Ele é. Não há como se arrepender de cumprir o propósito original. É impossível que Ele não satisfaça você. É impossível que não haja prazer. É impossível viver vida melhor.

Gostaria de poder abrir sua cabeça e colocar a caixinha toda destas verdades, mas clamo para que o Espírito Santo faça o trabalho. Eu não posso de mim mesmo, eu sei. Porém, até com certa ousadia, creio no poder do que estamos tratando nestas linhas e acredito que, se você chegou até aqui, você já foi impactado. Desejo a você um caminho sem volta.



O QUE DEUS FAZ NO CÉU?

Nós imaginamos Deus sob uma perspectiva terrena, apesar de Deus não ser terreno. O que pensamos sobre quem é Deus? É Aquele que cura, que liberta, que provê, que ama. Ele é todas essas coisas? Sim, mas muito mais. Se o céu não tem doente, preso, miserável ou carente, então é fácil perceber que os adjetivos que acabamos de citar são referentes apenas à atuação divina na Terra, onde há esse tipo de conflito. Sendo assim, cabe bem a pergunta: o que Deus faz no céu?

Mais uma vez: no céu tem doente? No céu tem endemoninhado? No céu tem miséria? Se não tem nada disso para Deus poder curar, libertar e prover, então o que Deus faz no céu?

O enquadramento terreno é extremamente limitador para decifrar o Ser que criou a própria Terra. Por isso devemos ampliar a visão para o eterno, porque Ele existe antes de existir qualquer coisa.

Vamos além do questionamento do que Deus faz no céu. Ou melhor, vamos *antes*. O que ele *fazia* no céu antes de criar o homem? Você acha que era monótono por lá, e as coisas só fizeram sentido depois que Ele criou a humanidade?

Em primeiro lugar, é muita presunção pensar que você e eu somos o centro da eternidade. Se Ele existia desde a eternidade *antes* de nós, podemos concluir que muito já havia acontecido. Já era formada uma cultura no céu, com a Trindade e todos os demais seres colocados no céu. Com certeza, havia uma rotina.

Isso significa que, quando a Terra passou a existir, e Deus mostrou Seu plano de reproduzir a Si mesmo em um homem, Ele já tinha um modelo bem formatado, bem vivido, bem experimentado no céu – a criação refletiria o que já era desde a eternidade.

Não se trata de qualquer informação. O que passamos a tratar agora é eterno, transcende as fronteiras passageiras desta

habitação terrena. O que pretendo mostrar é que precisamos conhecer o eterno, já que a grande promessa da salvação é a vida eterna. Podemos viver aqui o que já se vivia desde a eternidade antes de nós, bem como aquilo que será vivido daqui para frente, por toda a eternidade – muito além dos limites da Terra.

É com esses olhos que precisamos olhar para quem Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito sempre foram. É com lentes de eternidade que precisamos enxergar o que a Trindade já fazia antes e continuará fazendo. Afinal, o sacrifício de Jesus nos devolveu o caminho ao Pai e fez-nos filhos como Ele é Filho – isso significa nada mais nada menos que somos parte da Trindade.

Que pensamento arrebatador! Conhecer Jesus e ser como Ele é implica em entender da Trindade para ser parte dela, compartilhar de seus costumes – desde essa passageira vida na Terra.

Vive a Si mesmo

Quando o Senhor começou a levar-me a tais questionamentos sobre o comportamento do próprio Deus no céu, passei a orar especificamente por isso. Eu queria saber, eu precisava saber. “Deus, o que o Senhor faz no céu? O que o Senhor já fazia no céu antes da Criação?”.

Um dia, orando para entender tudo isso, o Senhor me falou: “Ale, eu vivo a mim mesmo”.

> *Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus.*
>
> *Salmos 90.2*

Ele sempre foi. Da mesma forma, entendemos que Ele sempre foi três, em um: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Nunca houve um momento em que Eles não fossem – coeternos, coexistentes de eternidade a eternidade. Quando Deus me disse que, no céu, Ele sempre viveu a Si mesmo, entendi que a Trindade vive a Si mesma desde sempre.

Ou seja, esse relacionamento, de um viver o outro, sempre existiu e sempre existirá. É uma das características da eternidade. É por isso que, até aqui, este livro deu foco ao relacionamento com o Senhor! É um princípio eterno, que existia antes de existir o homem. Fomos criados para vivê-Lo, reproduzindo o que já acontecia entre os membros da Trindade – tão próximos que são um só. Para entender a profundidade desse conceito, precisamos ir mais fundo.

Deus é eterno. Ele existe desde antes da fundação do mundo. Consequentemente, a triunidade divina sempre existiu. Isso significa que não existe nem um momento sequer em que Deus não foi Deus, com tudo o que a divindade representa – e ela se apresenta nas pessoas do Pai, do Filho e do Espírito.

Jonathan Edwards ensina a respeito, conforme conta W.

Gary Crampton em “A Conversation with Jonhathan Edwards”:

O Filho é a Deidade gerada pelo entendimento do Pai, ou tendo uma ideia de si mesmo; o Espírito Santo é a essência divina jorrando, ou soprada, em amor e deleite infinito. Ou, que é o mesmo, o Filho é a ideia do Pai de si mesmo, e o Espírito é o amor e o deleite de Deus em si mesmo.

Citação extraída do livro “Pense”, de John Piper

De maneira resumida, o que Edwards explica é que Deus Pai, que não é gerado, teve tanto prazer em Si mesmo que esse deleite gerou a pessoa do Filho – o Filho é gerado a partir do prazer que o Pai teve em Si mesmo. A pessoa do Deus Espírito procede do amor eterno e também do prazer que o Pai teve no Filho e que o Filho teve no Pai. Entretanto não houve nem um instante em que o Pai não fosse o Pai, que o Filho não fosse o Filho e que o Espírito não fosse o Espírito, pois o tempo não contém Deus. A Trindade não está confinada no tempo. Sim, Eles são coeternos.

Esse amor que Pai, Filho e Espírito têm um pelo outro são a causa da unidade plena, a ponto de os três serem um único Deus. E não existe um momento em toda a eternidade em que essa relação entre Eles não tenha existido. Se Deus não muda, então a Trindade simplesmente é, desde sempre e para sempre.

Na dimensão de Deus, por assim dizer, encontramos um Ser que são três pessoas sem deixar de ser um único Ser, da mesma forma que um cubo é a junção de seis quadrados sem deixar de ser um único cubo.

C. S. Lewis, em “Cristianismo Puro e Simples”

Eu não consigo colocar em palavras o quanto tais verdades me atingem! Deus é autoexistente e vive a Si mesmo, relaciona-se consigo mesmo. O amor que existe entre a Trindade já era antes de todas as coisas, e foi por esse amor que tudo o que existe se fez.

> *Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo.*

João 5.26

Uma forma elementar mas correta de pensar em Deus é como Aquele que contém todas as coisas, que dá tudo o que existe, mas nada tem a receber exceto aquilo que ele tenha dado em primeiro lugar.

A.W Tozer, em “O Conhecimento do Santo”

Querido, o que proponho a você é que pense profundamente no significado destas palavras: Deus vive a Si mesmo, na Trindade. Ele vive Sua própria existência eterna, e isso não é monótono ou egoísta – não há nada que importe longe dEle, já que Ele é o centro e o motivo de tudo.

O mais incrível nessa história é que Deus não sente falta de nada! Viver-se a Si mesmo é plenamente suficiente. E o Senhor nos convida a experimentar o mesmo nível de satisfação: Ele sendo tudo em nós faz-nos viver plenamente satisfeitos, assim como Ele próprio é pleno em Si mesmo.

Nosso pensamento terreno é tão pequeno que é difícil conceber uma eternidade de relacionamento sem tédio. Aqui, é normal ver alguém dizendo que cansou de ficar perto de outra pessoa, que a convivência desgastou. Vamos à Bíblia:

> *Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!*
>
> *Romanos 11.33-36*

Na tentativa de descrevê-Lo, Paulo usa expressões como “profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus”, “quão inescrutáveis, os seus caminhos”. O apóstolo, o mesmo que disse considerar tudo como perda pela excelência de conhecer a Cristo, considera profundo demais e rico

demais o conhecimento de Deus. Por fim, ele conclui que “porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente”. Só resta glória eterna ao Eterno.

Apesar de não caber bem em mentes humanas, é certo afirmar que conhecer a Cristo é infinito. Eles já viviam isso na Trindade antes, continuam vivendo e, por meio de Cristo, nós já podemos começar a viver, desde a Terra até a eternidade. O que Ele é não acaba, ou seja, nunca O conhecerei o bastante que não precise mais conhecer. Nunca viverei relacionamento suficiente para dizer que basta. Ó profundidade!

Fomos erguidos ao posto de filhos – filhos como o próprio Filho Jesus, com o mesmo acesso –, para desfrutar dessa vida da Trindade, que é plena e plenamente satisfeita em viver a Si mesma, em viver Um ao Outro. Não, não há monotonia nisso. É aí que mora o desafio: você nunca entenderá enquanto não experimentar. Porém, se provar, há um sério risco de nada mais nesta Terra ser suficiente para satisfazer você.

Vamos analisar com calma os seguintes versos das Escrituras, que acrescentam um importante fator:

> *O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada), o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Estas coisas, pois, vos escrevemos para que a nossa alegria seja completa.*
>
> *Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma. Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Se, porém, andarmos na luz, como ele*

está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.

1 João 1.1-7

O apóstolo João, aquele que deitou no colo de Cristo, aquele que O viu sendo crucificado, o discípulo amado, esse João viu, ouviu e tocou o Verbo da Vida. Não é só conhecimento, é *epignosis*, é conhecer por experimentar. Esse general no Reino de Deus e pai da igreja avisa que, em sua carta, anunciará algo que ele próprio ouviu e viu de Jesus Cristo. Epa! Meu radar apitou: o apóstolo do amor irá resumir o que aprendeu de Jesus. Meu Deus! Vamos lá! Tem alguém aí para vibrar com o impacto disso?!

Para que João escreveu a carta? Qual o objetivo? Ele explica: *"*para que vós, igualmente, mantenhais comunhão *conosco*. Ora, a nossa comunhão é *com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo*". Que profundidade! João sintetiza o motivo: comunhão. Sim! Que a igreja, que os irmãos tenham comunhão. Aí você pensa: "Ele está falando de quando a gente faz um churrasco e convida os irmãos para estar junto?". A resposta é não. João eleva o conceito de comunhão quando descreve com quem ele almeja que seus leitores comunguem: com o Pai e com o Filho – com quem ele mesmo diz manter comunhão.

Você percebe o ciclo? Primeiro, João fala que envia orientações visando à comunhão dos discípulos "conosco", ou seja, entre homens. Em seguida, acrescenta o fato de que a comunhão que ele próprio mantém é o com o Pai e o Filho. O que ele está tentando dizer? Que o objetivo de repassar aos discípulos tudo que aprendeu diretamente com Cristo era enfatizar que o estilo de vida deve ser não apenas de intimidade com Deus, mas de unidade entre os homens. Uau!

Precisamos retomar brevemente o que vimos aqui. Em suma, olhando para a eternidade, se sou chamado a ser semelhante a Deus, preciso viver a Deus. Da mesma forma como Ele vive a Si

mesmo, desde a eternidade, devo vivê-Lo aqui e para sempre. Com a mesma intimidade que Deus vive e convive consigo mesmo, sou chamado a desfrutar de intimidade com Ele. Entretanto há mais: viver em intimidade com Deus, alcançando plena satisfação no Pai, no Filho e no Espírito Santo, fará com que eu também desfrute de relacionamentos profundos com meus irmãos.

Não quero apenas jogar em você várias reflexões e revelações, ou uma carga de conhecimento. Desejo que cheguemos a um lugar juntos! Vamos caminhar um pouco mais?

Vive família

Na mesma busca, Deus também me disse: “Ale, eu vivo família”. O próprio conceito de Trindade é explícito: Deus não é um só.

Voltando ao profundo pensamento de Jonathan Edwards, citado anteriormente: houve um tempo em que Deus Pai teve tanto prazer em Deus Filho e no Deus Espírito Santo, assim como Deus Filho e Deus Espírito tiveram com o Pai e entre eles próprios, que eles passaram a existir como um só. Ao mesmo tempo, nunca houve um momento em que Deus não tenha vivido tal comunhão trina! Eles vivem esse amor intensamente, de eternidade a eternidade. Seja como for, o fato é que há prazer em não ser sozinho.

No próprio Jardim, Deus deixa clara a ordem a Adão de multiplicar-se. A ideia de Deus não era fazer de Adão o único, mas que, a partir dele, viesse uma grande família. Por quê? Porque esse já era o modelo existente no céu! Deus já vivia em família!

> *Então, lhes falou Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz. Porque o Pai ama ao Filho, e lhe mostra tudo o que faz, e maiores obras do que estas lhe mostrará, para que vos maravilheis.*
>
> *João 5.19,20*

Olhando para esse versículo, fica claro que Jesus só fez o que antes viu o Pai fazer. Então se Jesus edificou uma igreja (Mt 16.17), Ele o fez com base na igreja que viu o Pai edificar. É isso mesmo: Noiva passou a existir depois de Cristo, mas igreja já existia desde a eternidade. Que tipo de igreja é essa, a eterna! Família! A Trindade sempre foi família, a Trindade sempre foi igreja – e esse é o modelo que Deus quer reproduzir hoje.

Igreja é o jeito de Deus nos ensinar a ser família como Ele a vive.

Leandro Vieira

Atualmente, é raro achar um jovem cujos pais não são divorciados. Raro também é encontrar quem não seja ferido, de alguma forma, pela própria família. O resultado disso é que refletimos uma concepção distorcida de família para essa família eterna, que é plano de Deus. É por isso que temos facilidade de olhar para a igreja enquanto instituição, mas dificuldade de encará-la como uma família.

Quando você se converte, não é automático trocar de visão. O natural é continuar olhando para tudo com os mesmos olhos míopes, marcados por uma história, por circunstâncias. É preciso comprar de Jesus colírio para ver claramente (Ap 3.18). A concepção de família precisa ser vista não a partir desta Terra, mas a partir do eterno.

Não basta casar, ou ter filhos, para viver família. Você pode ter tudo isso, mas nunca ter experimentado uma família de acordo com as Escrituras, que reproduz a mesma intimidade que o Pai tem com o Filho, que o Filho tem com o Pai, que ambos têm com o Espírito Santo. Mas isso ainda é terreno, porque a família que temos naturalmente não é como a eterna, que é a igreja.

Preste bem atenção: já existia igreja antes de existir o homem. Sim, já existia culto e adoração.

Pode parecer forte demais o que escrevo aqui, mas deixe-me desenvolver mais esse raciocínio com você. Deus não muda, Deus não passa a ser algo, Deus não se torna. Deus simplesmente é!

Tudo aquilo que Deus é, ele sempre foi.
E tudo o que ele foi e é, ele sempre será.

A. W. Tozer

O que isso significa? Que Deus não decidiu, do nada, viver igreja como a família dos que creem. Não! O céu sempre foi uma grande família, uma grande congregação, na qual todos estão ao redor do

trono, ao redor da bondade de Deus. Deixe-me clarear: Deus *é* uma família. Então o que devemos ser e viver? Família!

> *Pai dos órfãos e juiz das viúvas é Deus em sua santa morada. Deus faz que o solitário more em família; tira os cativos para a prosperidade; só os rebeldes habitam em terra estéril.*
>
> *Salmos 68.5,6*

Não se trata de qualquer família, mas de um modelo eterno. A igreja deve seguir o padrão que sempre existiu no céu, deve ser como a família celestial composta pela Trindade e pelos anjos. É importante ressaltar que, sim, sempre existiu culto e adoração, mas o centro da igreja eterna é a intimidade, é o relacionamento, porque se trata de uma família. É por isso que é tão nocivo refletir o modelo terreno de família quando tentamos entender o que Deus espera da igreja – o relacionamento familiar na Terra é extremamente corrompido.

Quando Adão caiu, houve um rompimento no relacionamento entre o homem e Deus. Sim, disso já sabemos. O que esquecemos é que, quando Caim matou Abel, o homem também rompeu com o homem. Ou seja, o homem perdeu a natureza de ser família, quebrou o relacionamento familiar.

Lá na Cruz, a primeira restauração foi entre homem e Deus, mas um episódio leva a revelação um pouco além.

> *Ora, Jesus, vendo ali sua mãe e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse à sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa.*
>
> *João 19.26,27*

Você tem ideia do que isso representa? Quando Jesus estava no madeiro, pronto para religar homem e Deus, Ele também religou homem e homem! Ele confiou a João sua própria mãe, Maria, para que fossem família – mesmo que não do mesmo sangue. Que

definição de igreja! Isso é gerar família, isso é multiplicar. O homem religado com Deus também pode estar ligado ao homem, multiplicando em família, sendo uma igreja eterna.

Precisamos voltar à carta de João: *"O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo"* (1 Jo 1.3). Essa comunhão que vivo com Deus também deve ser vivida na mesma intensidade com meus irmãos.

> *Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.*
>
> *1 João 4.20*

A vida cristã não é medida apenas pelo relacionamento vertical, com Deus, mas também pelo relacionamento horizontal, com os irmãos. Diga-me quão profundo você é com as pessoas e elas com você, e eu direi o quanto de Deus você tem vivido. Deus é uma família, e não um ser isolado. Muitos afirmam: "Deus não une pessoas, Deus une propósitos". Que grande inversão de valores! Eu digo diferente: Deus une pessoas, esse é o propósito!

É urgente que sejamos iluminados com sabedoria e revelação do alto, para que possamos crescer no entendimento de quem Jesus é – Ele é família. Aí sim, de fato, a resposta para todos os nossos "por quê?" será Jesus.

Deus sempre viveu família e Seu desejo é reproduzir esse conceito na igreja. Diferente da experiência terrena – cheia de traumas, disfunções e desconfianças –, a celestial é baseada em intimidade, em amor. Quando Jesus confia Maria (Jo 19.26,27) aos cuidados de um novo filho, vemos uma conexão além do sangue terreno, mas com sangue eterno. Vemos uma história que envolveria cuidado e proteção. Mais uma vez, ressalto o fato de que

o centro da igreja eterna é *relacionamento*, é amor, é ser família assim como é a família do céu. Essa é a ideia eterna de Deus.

Vamos para um pequeno resumo dessas verdades bombásticas. Mesmo antes de existir a humanidade, a Trindade já existia. Ela é o modelo eterno – tudo que foi criado, o foi com o intuito de refletir essa realidade preexistente.

Em primeiro lugar, Deus sempre viveu a Si mesmo, e isso é infinito; nunca acaba nem há possibilidade de tédio. Essa intimidade, de Deus relacionar-Se consigo mesmo na Trindade, é o padrão de relacionamento que o Criador pensou, desde o início, para o homem. É assim, tão próximo a ponto de ser um, que o Senhor deseja caminhar com a humanidade. Por isso, como já vimos antes, Jesus desceu como unigênito e subiu como primogênito, para poder ter ao lado de si uma multidão de irmãos, que acessa o Pai da mesma forma que Ele próprio acessa. O caminho está aberto, já conquistado por Cristo, que o homem pode desfrutar sem mérito próprio – mas que custa tudo, e vale a pena.

Em segundo lugar, Deus sempre viveu família. O fato de não ser um só, mas trino, já prova tal ponto. Na cruz, vemos Jesus apontar para uma restauração também da ligação entre os próprios homens, perdida desde o assassinato de Abel. Essa conexão não é sanguínea, mas pelo sangue de Cristo, que une os homens à família divina: igreja – que já existia antes de o homem ser criado. Para Deus, igreja não é instituição, mas uma família eterna.

Agora vamos refletir sobre como a Trindade se relaciona em família e de quais atribuições é encarregada, assim podemos entender o que Deus deseja da igreja. Já sabemos que nossa visão é distorcida por causa do que experimentamos com a família terrena, mas a igreja do céu não pode ser entendida com olhos terrenos.

Governo. Esse é o primeiro ponto a considerar na família eterna: sempre existiu governo, mas de um jeito diferente do que estamos

acostumados aqui neste mundo. Mais uma vez, quando olhamos para as instruções divinas no Éden, temos pistas do que Ele pretendia reproduzir nos homens e já existia no céu. Logo após a ordem de multiplicar, que denota a vontade de Deus de que o homem reproduza e aumente a família, Ele também fala sobre domínio, sobre governo:

> *E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.*
>
> *Gênesis 1.28*

A Nova Versão Internacional utiliza a expressão “Encham e subjuguem a terra”, enquanto a Nova Versão Transformadora usa “Encham e *governem* a terra”. A ideia divina era que o homem exercesse governo sobre a Terra. Mas que tipo de governo é esse? Como funciona?

Nesse versículo, encontramos a primeira pista: “sobre todo animal que rasteja pela terra”. Algum animal rastejante específico veio à sua mente? Meu amigo, o primeiro governo citado na Palavra é sobre a serpente! Sim, é isso mesmo. A serpente só tem vez quando o homem para de governar.

Em termos bem práticos, vamos pensar em uma pessoa

que se converte e passa a orar, ler a Bíblia, jejuar, cultivar relacionamento com o Espírito Santo. Antes, era muito dominada por Satanás, em diversas áreas; mas, com o tempo, começa a experimentar uma vida livre.

Um belo dia, esse crente esquece de orar pelo alimento, e o tal era consagrado ao diabo. Outro dia, ele caminha na rua e acaba ouvindo uma música extremamente impura. Se fosse um tempo antes, o Fulano sofreria tormentos daqueles demônios de estimação; mas, dessa vez, nada de mal acontece. Então os demônios de antes não eram reais? Não é isso! A diferença está no

governo. Veja que não estou falando de religiosidade, mas de governo – não apenas sobre si mesmo, em uma vida de devoção e santidade, mas sobre a maldita serpente.

Vou repetir, em outras palavras: Satanás só tem vez e voz quando a igreja deixa de exercer governo.

> *Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.*
>
> *Mateus 16.18*

Opa! Não prevalecerão contra quem? Contra a igreja. Aqui, voltamos ao ponto: não eu, mas nós. Igreja é a família eterna, que não é feita de um só, mas de nós todos, juntos. Ao olhar para a Trindade, apesar de funções diferentes, observamos um governo *conjunto*. Deus Pai não governa sozinho, assim como Deus Filho sempre atribuiu tudo que fez a ter ouvido primeiro do Pai. O Espírito Santo não traz o homem para Si, mas o leva ao Pai, testificando no coração humano o que é ser filho de Deus.

Assim, a Trindade governa, rendendo sempre glória a Deus Pai. Mas veja: o fato de o Filho e o Espírito renderem-Se ao Pai não demonstra, em momento algum, autoritarismo por parte do Pai. Uau! Não há competição nem imposição.

Veja o que a Bíblia fala ser plano de Deus para o homem:

> *Vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa.*
>
> *Êxodo 19.6*

> *E nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai, a ele, glória e poder para todo o sempre. Amém!*
>
> *Apocalipse 1.6 (ARC)*

Deus falou a Moisés que Seu plano era que o povo fosse um reino de sacerdotes, não um reino debaixo de apenas um sacerdote. O mesmo se repete em Apocalipse, quando é dito que o Senhor nos

fez reis e sacerdotes. Trata-se de um governo de mais de um, certo? Se Deus não muda, o plano continua válido para hoje: refletir o tipo de governo da igreja do céu, que é baseado em muitos serem um só e governarem juntos – todos submissos ao Pai.

Imagine que João foi feito rei, assim como Roberto. Porém João possui muito mais autoridade, porque cultiva uma vida honesta. Roberto entende e respeita a autoridade que está sobre João, porque ela não é imposta sobre Roberto. Ela é real, mas não forçada. Você está comigo?

Existem as coisas que Deus Pai faz, assim como as que Deus Filho faz e as que o Espírito Santo é encarregado. São, sim, atribuições diferentes no governo de tudo. Entretanto há uma justa medida de consideração e respeito entre Eles, que deve ser refletida no governo da igreja. Deus quer que o homem governe a Terra *junto* com seus irmãos, não *acima* deles, em autoritarismo. Mesmo que as funções não sejam as mesmas, isso não impede que o governo seja horizontal, lado a lado, sem estrelismo ou imposição.

Ah, se a igreja compreendesse essa verdade! Não são homens simplesmente governando sobre homens, mas homens governando *em favor* de homens – isso sim é família e, portanto, o conceito correto de igreja.

Imagine se os homens, em um cenário de governo, mantivessem o mesmo comportamento da Trindade: com um amor transbordante um pelo outro, com respeito, um exaltando o outro, sendo tão íntimos a ponto de serem um só. Há um conhecimento pleno um do outro, há convivência familiar e conexão por um sangue eterno. Não há competição e divisão, não há tentativa de subir às custas de que outro desça. É isso que Deus sempre pensou sobre governar! É esse tipo de governo eterno, preexistente, que Ele deseja refletido em Sua igreja.

Somos uma família que governa, então há alegria em ver os frutos de meus irmãos. Não desejo a colheita deles para mim, quero que

eles colham mais que eu, porque somos um! A colheita deles é minha alegria! Isso é governar a Terra junto com meus irmãos.

Quando a igreja vive esse tipo de governo, os filhos dessa família eterna se comportam como Jesus, abrindo mão sempre que necessário. Jesus não usurpou o ser igual a Deus Pai, mas humilhou-se em favor de seus irmãos. Ele tinha direitos, mas não os reivindicou. Jesus abriu mão de Sua *glória* para aproximar seus irmãos do Pai. Sabe qual é o mistério? Filho genuíno, que se parece com o Filho Jesus, não é refém de glória!

Outro ponto é que no governo da Trindade há confiança. Jesus deixou tudo que tinha nas mãos do Pai e confiou que Deus não o roubaria, mas cuidaria de sua herança até o momento de reavê-la. Você deixaria nas mãos de seu irmão toda a sua fortuna para ir em missão para um país distante? “Cuide para mim, meu amigo”. Eu sei, é difícil imaginar esse cenário, porque temos uma visão distorcida do que é família e do que significa governar em família. Deixe Deus curar seus olhos!

Uma outra maneira de compreender tudo isso é analisar o evangelho. Sabemos que ele é fundamental para a existência da igreja. A pergunta que faço é: já existia evangelho antes da criação, da queda e da redenção?

> *Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo.*
>
> *Apocalipse 14.6*

Evangelho *eterno*! O evangelho não passou a existir porque o homem caiu, ou porque foi necessário morrer o Redentor. Ele já existia antes. Há um evangelho eterno.

Sabe o que isso implica? Enxergá-lo não mais como manual para resolver meus problemas – afinal, ele existe antes de existirem os problemas! Fulano tem uma doença, e a igreja ora pela cura. Isso é

incrível, muito legal, mas não pode ser o fundamento de um ministério, porque senão ele acaba assim que a cura se concretiza.

O fundamento da igreja não pode ser sanar problemas, isso não é a igreja eterna. Se a base de uma igreja são as dificuldades de seus membros, trata-se de um ministério passageiro.

Olhando para a Trindade, entendemos que o evangelho não existe para ser pregado, mas para ser vivido. No que consiste esse evangelho eterno? A resposta está, outra vez, na Trindade. Deus vive a Si mesmo e vive família – ser como Ele é, viver igreja como família e governar junto com meus irmãos: esse é o evangelho eterno.

Como igreja, não devemos nos reunir em torno de uma pregação, mas em torno de Cristo. Esse é o conceito eterno, é assim que acontece desde a eternidade. Se todas as coisas forem restauradas e todos os problemas sanados, o que restaria para um culto? Para que serviriam os ministérios? Não queira ser uma igreja aqui na Terra e acabar surpreendido com outra, completamente diferente, no céu.

Vale a pena repetir: evangelho não existe para ser pregado, para ser vivido. Baseia-se em intimidade até ser como Deus é, ter Seu caráter, esse é o primeiro chamado. A consequência será viver saudavelmente em família, no modelo eterno de igreja, em um governo compartilhado e sem competição. Isso ultrapassa qualquer promessa, isso é maior que qualquer dom!

O problema: criamos crentes dispostos a fazer o que for para alcançar as promessas, para viver uma vocação. Não geramos família, mas competição. Cultuamos em torno de pregações, e não ao redor do Senhor. Incentivamos que as pessoas queimem pela coisa errada.

Pergunte-se agora: por que você faz o que faz na igreja? Por que você executa essa e aquela funções? Você as faz como

consequência de ter decidido viver o evangelho eterno, que é conhecer intimamente Jesus a ponto de refletir Seu caráter, ou está fazendo para ganhar algo, em troca de uma promessa ou uma vocação de sucesso? Pense bem. Talvez você esteja gastando suas forças por uma coisa terrena e passageira, enquanto Deus anseia por lhe fazer experimentar o propósito eterno.

Eu acredito que Deus está fazendo Sua igreja retornar ao primeiro mandamento: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento” (Mt 22.37). Obedecendo a essa ordenança, em intimidade, damos o primeiro passo em direção ao plano eterno de Deus. Amando ao Senhor acima de tudo, vamos vivê-Lo e também viver família, com tudo que isso implica, da forma correta, do jeito saudável, da maneira divina e eterna. E não há nada mais alto que isso!

Antes de seguir, quero contar uma breve história que marcou minha vida. Sou casado com a melhor esposa do mundo. A mais bela, a mais meiga, a mais forte. O nome dela é Brunna Vilas Boas.

Quando nos casamos, eu trabalhava durante o dia e estudava à noite. Aos poucos, a rotina me sufocou. Todos os dias, eu chegava em casa à meia-noite e acordava às 6h. Além disso, já discipulava pessoas e liderava o que se tornaria a Igreja ONE.

Lembro-me, com lágrimas, do dia em que minha esposa me disse: “Por que você ainda está trabalhando?”. “Eu preciso, para vivermos” – respondi. Com a sabedoria que somente uma boa esposa possui, ela disse: “Você está vivendo o que Jesus quer de nós, e esse não é mais o tempo de você trabalhar. Você está morrendo”.

Recém-casado, morando num apartamento alugado, sem carro, sem canções conhecidas, recebi essa punhalada. Mais que isso, a recebi de alguém tão radical que deixara para trás o medo de sofrer. Para viver um ministério? Não! Por favor, não. O que minha esposa queria, e ainda quer, é simples: uma família parecida com a família do céu e que vive o que Deus deseja, *custe o que custar*.

Não estou dizendo que você deve deixar tudo. A pergunta mais adequada a fazer é: o que sobraria de sua vida cristã, se tudo o que você *faz* de "importante" fosse tirado? Seja na igreja ou fora dela: e se tudo o que você *faz* fosse dado para outra pessoa cuidar, sobrando apenas o que você realmente *é*? Como seria classificada sua vida com Deus e seu relacionamento com a igreja?

Naquela época, recém-casados, recebemos a visita de alguns amigos. Sabe como é casa de pastor, não é? Sempre cheia de gente e meio bagunçada. Quando eles chegaram, fiquei desesperado! Eu não sabia onde ficava uma xícara de café. Fui atrás da Brunna, claro. Onde ela estava? Com o rosto no chão, debruçada sobre sua Bíblia, chorando e repetindo: "Jesus, Jesus, Jesus…". Oh! Eu nunca esquecerei aquela cena. Minha heroína está em casa! Aquela que me lembrou que tudo é primeiro sobre Ele, e não sobre o que faço para Ele. Aquela que ama e vive o Pai, o Filho e o Espírito, além de sobressair-se em amor e cuidado no relacionamento familiar, refletindo o que de mais belo existe no céu.

Ande com Cristo e ande com aqueles que levam você a Cristo – isso é comunhão vertical e horizontal, isso é viver família. Em todo o tempo, seja você mesmo alguém que aponta o caminho da intimidade com o Senhor e também incentiva relacionamentos profundos com a família igreja.



QUANDO JESUS OROU POR MIM

Tudo que falamos até aqui pode ser resumido na oração de Jesus, registrada em João 17. Quando encontrei essa verdade, fui completamente inundado. Passo agora a compartilhar com vocês aquilo que o Espírito Santo falou comigo – graciosas verdades expressas quando Jesus orou por mim.

Leia comigo:

Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti, assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer; e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo. Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu nos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra. Agora, eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti; porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste.

É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus; ora, todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e, neles, eu sou glorificado. Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós.

Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura. Mas, agora, vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos.

Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.

E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade.

Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste.

Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim.

Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo.

> *Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste. Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja.*

João 17.1-26

Vida eterna é conhecer a Deus

> *E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.*

Certo dia, em meu quarto, Jesus falou comigo. “Se você quer saber mais de mim, saber mais de quem Eu sou, você precisa ler a minha oração”. E João 17, diferente do momento angustiante do Getsêmani, reflete um Jesus sóbrio, declarando uma oração sacerdotal.

João 17 nasceu em um contexto de despedida. “Vim do Pai e entre no mundo; todavia, deixo o mundo e vou para o Pai” (Jo 16.28). Jesus falava aos seus discípulos que chegara a hora de partir. Então flui de Cristo uma oração.

Ele começa apontando um norte, que guiaria os pedidos seguintes – o desejo de que os Seus vivessem a vida eterna. Mais do que dar vida eterna, Ele ensinou o que é essa vida eterna: conhecer a Deus, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, o enviado.

Jesus, com os olhos no alto, resume o que é vida eterna. “E a vida eterna é esta”. Quer dizer que vida eterna não é vida de montão, viver durante um tempão? Não. Vida eterna não é passear no arco-íris? Não é uma vida sem enfermidade? Não.

Talvez você tenha ido para Jesus porque não queria o inferno, mal sabendo o que é o céu. Depois, a verdade se revela. A vida eterna é conhecer a Cristo. É como se Jesus dissesse: “Pai, eu quero que eles entendam que a vida eterna é conhecer você!”.

Essa verdade nasceu no secreto de Jesus, quando Ele orava ao Pai. Existem aqueles que não oram porque acreditam que Deus já sabe de tudo, não precisa ser informado. Um recado a esses: imagine que, nessa história, Jesus orava a Deus. Deus falava com Deus. Acho que qualquer desculpa cai diante dessa dependência de Deus Filho em relação a Deus Pai.

Vida eterna é vida em Cristo, sem tempo. Nesse início de oração, Cristo vira nossa vida de ponta cabeça, chacoalha e alerta: vocês podem estar trabalhando em algo que não é eterno. Vocês se gastam ministerialmente, mas não buscam conhecer-me!

> *O baixo conceito de Deus, algo praticamente universal entre os cristãos hoje, é a causa de uma centena de males menores que nos rodeia.*
>
> A. W Tozer

Tozer relaciona os problemas de nossas vidas com a falta de conhecimento que temos do Senhor. Quer dizer, então, que uma vida perfeita é aquela cujo conhecimento que tenho de Deus é perfeito? Sim! Isso é vida eterna!

Não sei você, mas eu já fui o cara que tocava violão, fazia oferta, arrumava os bancos, apagava as luzes da igreja, fazia a obra, mas não conhecia o Deus da obra. Passei muitos dias lendo esse mesmo versículo e indagando: “Deus, o Senhor está dizendo que toda a minha eternidade, tudo que eu vou fazer na vida eternamente é conhecer você?”.

“Não estou dizendo que você vai *fazer* isso, estou dizendo que isto *é* a vida eterna: conhecer a Deus. Não estou dizendo que, no céu, você vai me conhecer – o céu *é* me conhecer”.

Quando essa verdade me batizou, não consegui mais pregar outra coisa. Minha mensagem passou a ser: Deus me livre de viver para escapar do inferno, Deus me livre de viver outra coisa que não seja conhecer a Cristo. Se conhecê-Lo é a vida eterna, quem não O conhece está morto. Não é que você deixa de existir, mas continua existindo eternamente sem vida. Morte eterna é uma vida eterna sem Cristo, sem conhecer a Deus.

Se quem nasce de novo, pela fé, recebe vida eterna, o que se espera dessa pessoa? Que viva a vida eterna, ou seja, que viva o conhecimento de Deus – simplesmente porque, como disse Jesus

em sua oração, conhecê-Lo é a própria vida eterna. Bum! Minha cabeça explodiu! Se não estou crescendo nessa experiência de conhecer ao Senhor, não recebi vida eterna – apenas passei por uma boa experiência.

Eu estava na Universidade e, junto com amigos, passava muito tempo, tanto na capela como fora dela, em evangelismo. Quando entendemos toda essa verdade, a postura mudou. Não queríamos mais só *fazer*, se não fosse fruto de conhecê-Lo.

Já tínhamos um culto por mês que reunia 300 pessoas. Muitos eram curados, restaurados, batizados com o Espírito Santo. Alunos caíam no campus, cheios de Deus. Mas, de repente, não queríamos mais nada daquilo. Por quê? Porque só fazíamos, não fazíamos *porque* conhecíamos a Cristo.

Então passamos a gastar tempo em oração. Abraçamos o que Jesus um dia disse de apenas fazer o que via o Pai fazer, então não nos movíamos sem ver o Pai mover. Não íamos mais para as ruas sem ver o Pai ir primeiro. Por um tempo, ficamos até radicais demais em não fazer nada que fosse fruto apenas de atividade, e não de conhecimento de Deus.

Quero brevemente mencionar e honrar um dos maiores exemplos de Cristo aqui na Terra, que é meu amigo, irmão e pastor juntamente comigo na igreja que Jesus nos confiou para servir. O nome dele é Gabriel Cantarino. Quantas noites eu o vi chorando, quando nos encontrávamos para orar em meu apartamento, repetindo uma única coisa: “Jesus, queremos te conhecer!”. Não é à toa que o Senhor lhe concedeu algo tão fresco e tão genuíno, que se expressa em amor por vidas, anseio por avivamento e desejo de viver e ser família. Juntos fomos perfurados por estas verdades: nossos feitos são nada se não partirem de conhecimento de Deus. Obrigado, amigo. Eu amo você!

Muitos perguntam: Ale, por que você ora? Porque Cristo orou. Por que você prega? Porque Cristo pregou. Antes de fazer qualquer

coisa, eu preciso saber quem é Jesus. Eu preciso conhecê-Lo. Depois, então, ser como Ele é.

Quem é Jesus? Quem é Jesus? Essa pergunta nos invadiu – e transbordou. Nossa pregação mudou. As conversões a partir de nossa pregação não eram mais baseadas apenas em resolver problemas, mas em um profundo desejo de conhecer Jesus, saber quem Ele é.

Quem se frustra, provavelmente não tinha como centro da vida o conhecer a Cristo. Quem vê e segue o Cordeiro por quem Ele é, e não pelo que Ele faz, esse não se decepcionará no caminho. Embora seja apertado, embora pareça difícil, no final da trilha está o próprio Deus.

A obra é Cristo em nós

> *Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer.*

Para entender bem esse verso, é necessário voltar à criação. Você se lembra de quando Deus descansou?

> *E, havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a sua obra que tinha feito.*
>
> *Gênesis 2.2*

Em um primeiro momento, pode parecer confuso pensar: “Deus cansa?”. Porém Ele não descansou porque estava cansado. A explicação está um pouco antes, em Gênesis 1.31: “Viu que tudo era muito bom”. O que entendemos com isso? Que Deus teve prazer no que fez e, por isso, descansou. Parou para contemplar sua própria criação e sentiu-se satisfeito.

Aqui, Deus deixa um princípio: descanso não é simplesmente sobre *parar* quando se está cansado, mas achar um lugar de satisfação e contemplação ao final de toda boa obra. É de extrema importância que aprendamos essa contemplação, porque também aprenderemos a trabalhar da maneira correta.

Diante desse princípio, fica mais fácil entender esse trecho da oração de Jesus, no qual Ele afirma ter glorificado a Deus na terra ao consumar uma obra que lhe havia sido confiada. Opa! Paramos em frente a um tesouro: uma forma de glorificar a Deus é quando se termina uma obra. Você deve ter pensado: “Depois de afirmar que o foco não é *fazer*, agora ele está dizendo que é necessário *fazer* algo?”. Sim e não.

Em João 15, o Senhor explica aos seus discípulos aquilo que glorifica o Pai: *“em que deis muito fruto”* (Jo 15.8). Quando falamos em fruto, está implícito que ele carrega a natureza daquela árvore da qual procede, certo? No trecho de João 15, a referência é a

Videira verdadeira, que é Jesus. O fruto proveniente da Videira carrega a mesma natureza de Cristo, que é a própria Videira.

Juntando as peças, dá para entender que a obra não é um fim em si mesma. A obra é um fruto, que carrega a natureza da Videira. O fruto não é nada sozinho nem pode possuir natureza diferente e independente. Ele vem porque a essência da árvore se manifestou, transbordou. Não se pode inverter essa ordem! Além disso, o que glorifica a Deus não é o trabalho em si, mas o fato de ele ser uma manifestação externa da natureza da Videira, o fato de ele ser apenas um fruto daquela vida que corre internamente, da árvore para os ramos.

Então preciso ou não *fazer* algo? Sim, porque Deus confia obras para que eu execute. Ao mesmo tempo, não, não devo fazer se não for resultado de carregar a natureza de Cristo – senão é puro ativismo, que só traz canseira e frustração. No entanto, se minha obra é resultado da vida de Deus que está fluindo de dentro de mim, então encontrarei descanso ao completá-la e contemplá-la. Mais que isso, o fruto glorificará o Pai, porque está marcado com a natureza da própria Videira.

Sendo assim, qual é a primeira "obra" que precisa ser consumada? Nada menos que Cristo em nós, nada menos que nos tornamos como Jesus, nada menos que compartilharmos a natureza da Videira. É o propósito desde o Éden! É o reflexo da eternidade!

> *Meus filhos, por quem, de novo, sofro as dores de parto,* ***até ser Cristo formado em vós****.*
>
> *Gálatas 4.19*

Como desenvolvo a natureza de Cristo? Em relacionamento prioritário e constante com Ele. Paralelo a isso, devo *fazer* tudo aquilo que Ele me dá para fazer – enquanto edifico Sua igreja na Terra, Ele me edifica por dentro.

Que incrível seria se aprendêssemos a fazer, ao mesmo tempo em que somos moldados ao caráter de Jesus, até que não reste dentro de nós outra ambição além de Cristo! É um privilégio viver assim, dando frutos porque a natureza da Videira não coube dentro de nós e simplesmente transbordou em frutos. Primeiro, Cristo em nós. Então, Cristo através de nós!

Que nosso objetivo seja chegar ao fim dos dias tendo certeza que a obra aconteceu dentro e fora de nós, para poder afirmar como Paulo:

Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé.

2 Timóteo 4.7

Glória de volta?

> *E, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo.*

Jesus pede para ser glorificado. O quê? Mas Jesus não é Deus? O que está acontecendo?

Em primeiro lugar, precisamos lembrar que Jesus abriu mão de Sua glória para descer como homem, em favor de toda a humanidade. Porém, o que vemos nesse trecho da oração de Jesus é que, perto da hora da cruz, Ele diz ao Pai: “Eu abri mão da glória para vir a esta Terra; agora, glorifica-me, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo”. Sim, Ele pediu a glória de volta. Por quê? Para quê? Vamos caminhar um pouco antes de chegar à resposta.

Não confunda, nem por um segundo, o fato de Cristo ter assumido a natureza de criatura com Ele ter deixado de ser Criador. Não, Ele nunca deixou de ser Criador, mesmo tendo se tornado criatura. Entretanto nunca pense que Jesus era menos homem que nós – Ele decidiu ser tão normal quanto você e eu, completamente vazio de Sua forma divina, mesmo sendo Deus. Eis o mistério da fé!

> *Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, **a si mesmo se esvaziou**, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, **a si mesmo se humilhou**, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai.*
>
> *Filipenses 2.5-11*

Muita gente acha que o Pai obrigou o Filho a descer ao mundo, mas não, não foi assim. O que vemos em Filipenses é que o Filho, por Si próprio, abriu mão de Sua glória. Ele escolheu esvaziar-Se,

Ele decidiu humilhar-Se. Isso nos lembra que ninguém é humilhado se já se humilhou, ninguém se sente ferido se já está morto, ninguém se sente jogado de lado se nunca teve um lugar, ninguém sente que devia estar no púlpito pregando se entende que nem merecia estar vivo. Deus Filho se esvaziou!

O Senhor da glória deixou a glória por nós – isso é quem Ele é, e Ele é bom. O dono se submeteu a ser herdeiro, para colocar-nos ao Seu lado como coerdeiros. Ele disse ao Pai: “Segure a glória aí. Logo eu voltarei com meus irmãos”.

Próximo do tempo de morrer e ressuscitar, Cristo diz ao Pai que completou a obra, então era hora de retomar a glória. Todo término de estação ou de uma boa obra gera um peso de glória, mas, meu irmão, Cristo estava falando de *toda* a glória!

Aguente mais um pouco e você entenderá *por que* Ele pediu novamente a glória.

Bom mesmo é o meu Pai

> *Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra. Agora, eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti; porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste.*

Jesus fala o tempo todo do Pai. “Manifestei o teu nome”, “eram teus”, “todas as coisas que me tens dado provêm de ti”, “palavras que me deste”, “saí de ti”, “tu me enviaste”. Quanto amor e dependência fluem do Messias ao Seu Senhor e Pai!

Certa vez, escutei uma ministração de Jason Upton a respeito do cálice mencionado por Jesus logo que foi preso. Quando chegaram os guardas romanos, lá no Getsêmani, e Pedro partiu para a briga, Jesus disse: *“Todos os que lançam mão da espada à espada perecerão”* (Mt 26.52). É uma frase forte, com certeza, e já torna a história extremamente interessante. Porém é outra que nos atravessa:

> *Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?*
>
> *João 18.11*

É como se Jesus dissesse: “Pedro, você não entende que é essa a vontade do Pai? Eu não brigo com a vontade dEle. Tudo é dEle, tudo é por Ele”.

Cristo se mostra livre em todo o tempo, porque *escolhe* ser prisioneiro. Mostra-se livre, porque *escolhe* ser servo. Mostra-se livre, porque *escolhe* devolver tudo ao Pai, fazendo toda a vontade do Pai, reconhecendo ter saído do Pai, ter sido enviado pelo Pai. Veja qual é a postura constante de Jesus:

> *Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, que é Deus.*
>
> *Marcos 10.18*

Meu Deus! Jesus está mostrando o que é ser Filho: é um lugar que basta. Ele não precisa ser chamado de bom, porque bom mesmo é o Pai... e ser Filho desse Pai já basta! Fazer a vontade do Pai é suficiente! Devolver glória ao Pai é o que importa!

Filhos não precisam ser afirmados. Eles se sentem afirmados quando o Pai é exaltado. Quando o Pai é exaltado, está tudo bem – porque bom mesmo é o meu Pai. Eu sou filho, e isso já é tudo.

Ainda quero salientar outra parte: “...porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste”. Amigo, isso me atinge!

Como esse trecho me atravessa. Jesus Cristo deu a nós o que aprendeu do próprio Pai. Oh! O que Ele ouviu de Seu Papai! Não, Ele não quis adicionar nada, não quis inventar nada – mesmo podendo, possuindo autoridade para tal. O Filho nos deu apenas as palavras de Seu Aba.

Ah! Ser filho basta. Simplesmente basta.

Para que sejam um como nós

> *É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus; ora, todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e, neles, eu sou glorificado. Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós.*

É a primeira vez, na oração, que Jesus diz: “para que”. Ele cravou o objetivo: “para que eles sejam um, assim como nós”. Ele diz que deseja que todos saibam que a vida eterna é conhecer a Deus, diz que a obra foi consumada e pede a glória de volta, reafirma que tudo vem do Pai – tudo isso *para que* nós sejamos um, assim como Jesus e o Pai o são.

Antes, vimos que ganhamos um lugar na Trindade, em Cristo. Também já vimos que conhecê-Lo é nosso chamado. Entendemos que a vida eterna *é* conhecer a Cristo e, de tão íntimos, tornarmo-nos parecidos. Sabe qual é o resumo e o motivo de nossa existência? Ser um – primeiro, com Ele; então, como igreja.

É claro que quando afirmo que ganhamos um lugar na trindade não quero dizer que *nos tornamos Deus*, mas que, de fato, fomos feitos um com Ele. Somos Seus filhos, Sua casa. Somos a igreja do Cordeiro, a esposa do Filho, o corpo do Amado. Ganhamos lugar *junto* com a Trindade, com acesso ao Pai, ao Filho e ao Espírito. Somos um!

E isso também reflete na vida como igreja. Jesus está dizendo: “Quero que eles vivam família como nós”, “Quero que eles aprendam o que é a intimidade que nós vivemos”. Jesus está intercedendo pelo plano eterno de que a igreja seja essa família que a própria trindade é, em comunhão com Ele e entre eles. É espetacular imaginar que o Cristo orou por isso!

Pai, dá-nos o mesmo clamor de Seu Filho Jesus! Batiza-nos com esta mesma oração: Pai, faz-nos um!”.

Como Tu me enviaste, envio

> *Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura. Mas, agora, vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos. Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.*

Jesus nos enviou do mesmo jeito que Ele próprio foi enviado, para que façamos a mesma coisa que Ele fez. Se Jesus abriu mão da glória, para que o homem fosse religado com Deus e, também, fosse restaurada a conexão entre os próprios homens, podemos concluir que somos enviados para quê? Para levar homens a Deus e multiplicar a família eterna.

É uma honra compartilhar dos mesmos objetivos de Cristo, assim como uma enorme responsabilidade. Nosso conforto se esconde nEle – Ele venceu e consumou a obra, abrindo caminho para que fizéssemos o mesmo. Isso é ser vencedor antes de ter começado a batalha!

Lembre que fazer o mesmo não significa apenas praticar as mesmas obras, mas ter a mesma natureza de Cristo ao fazê-las. Mais uma vez, digo: ser como Ele é, esse é o ponto!

A cada um de nós foi dado tudo, assim como Cristo tinha tudo. O que se espera de nós, que fomos enviados assim como Ele foi? Que também, por amor, deixemos tudo em prol de outros. Como filhos de um Pai amoroso. Se não tivermos grande convicção de quem nos enviou, como fomos enviados e para que Ele nos enviou, nos perderemos no caminho, com certeza.

Tenho viajado muito, praticamente todos os fins de semana. Aliás, aproveito para deixar registrado aqui meu carinho pelos amigos e

companheiros de ministério que me acompanham: Davi Zocal, Deleo Gualberto, Danismael Gouveia e Ricardo Lima. Vocês têm servido ao Senhor com grande zelo.

Em meio a viagens, pregações, discipulados, reuniões de presbitério, turnos de oração e evangelismo, ainda me pergunto o que estou fazendo. Ainda questiono se tenho me perdido ou não. As coisas que *faço* não dizem muito se estou mantendo a essência – a questão é *como* faço, se faço ou não *como Jesus faria*. E como Jesus faria? Com amor pela humanidade, com desejo de que todos sejam um, assim como Ele é um com o Pai... Jesus visa à edificação de família, e não mero sucesso ministerial.

A palavra hebraica traduzida como “filho” na Bíblia possui um sentido amplo. *Ben* vem de Banah, que significa “construtor de família”. Somos filhos! Somos construtores de família assim como o Filho! Jesus nos envia para construir exatamente o que a Trindade vive: família.

A favor deles, santifico-me

> *E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade.*

Espere um pouco, Cristo já não era santo? Por que ele se santificaria? Não há pecado a ser retirado! Jesus diz que, *a favor* de nós, santificava-se. Jesus se santificou *em meu lugar*.

Deixe-me contar algo. Quando você jejua, não o faz apenas por si próprio. Aliás, nada faz você mais santo que o sangue. Porém há um poder de substituição – você não se santifica só por você mesmo, porque esse é o papel de um sacerdote, e Deus nos fez reis e sacerdotes. Leia comigo:

> *Porque todo sumo sacerdote, sendo tomado dentre os homens, é constituído nas coisas concernentes a Deus, a favor dos homens, para oferecer tanto dons como sacrifícios pelos pecados, e é capaz de condoer-se dos ignorantes e dos que erram, pois também ele mesmo está rodeado de fraquezas. E, por esta razão, deve oferecer sacrifícios pelos pecados, tanto do povo como de si mesmo.*
>
> *ebreus 5.1-3*

O sacerdote pedia perdão por ele e pelo povo – nesse caso, ele até tinha pecados próprios para clamar por remissão. Já Cristo, nosso sumo sacerdote, que intercede junto ao Pai por nós, não tinha pecado; Ele se santificou pelos *nossos* pecados.

Você consegue entender o poder de um Deus se submetendo a ser santificado por outros? Jesus tendo o trabalho de orar, jejuar, ser batizado, tudo por você e por mim. Tudo para que, quando os céus chegassem até mim, não me achassem mais como culpado! Tudo para que você pudesse ser considerado justo diante do Justo Juiz!

“Ele está com o Cordeiro, ele está com o Filho de Deus” – dizem os anjos, quando os céus requerem sua culpa. Existe algo tão sublime?

É nesse sentido que Ele nos envia, para que façamos o mesmo e santifiquemo-nos pelos nossos irmãos. Isso porque, como indivíduos, temos tudo – todas as promessas já foram cumpridas quando nos tornamos filhos, herdeiros por adoção. Tudo que é promessa pessoal, Deus já lhe deu.

“Mas Deus prometeu que eu seria ministro, e isso não se cumpriu”. Mas quem disse que essa promessa é para você, pessoalmente? Ser ministro não edifica você, e sim o Corpo! Não é promessa pessoal, mas visa ao Corpo de Cristo, à igreja! É *a favor* deles que você será ministro, não a favor de si mesmo! Meu chamamento é para ser como Cristo, minha vocação é para servir aos irmãos.

Nunca mais esqueça: toda promessa individual foi cumprida – você já é filho de Deus, faz parte da Trindade, é membro da família eterna, herdeiro de simplesmente tudo que é do Pai Celestial que lhe adotou. Sendo assim, o que mais você precisa?

Santifique-se não apenas por si mesmo, mas pelos outros. Assim você será como Jesus e obedecerá à mesma ordem que Cristo obedeceu ao vir para este mundo. Você entenderá, cada vez mais, o poder de *um* com seus irmãos, assim como Jesus é um com o Pai.

Aqueles que oram mais, leem mais e jejuam mais deveriam servir mais. Os mais espirituais não apenas separam-se mais, mas reconhecem em quais mesas de publicanos devem sentar.

Você é espiritual o suficiente para sentar com o pecador? Você não é pastor para você mesmo, mas para mim. Eu preciso de seu pastoreio. Você entende isso? Como discutimos antes, é possível morrer sem ver a promessa, quando se trata de uma promessa para o povo. Individualmente, já nos foi dado tudo que precisamos: o direito de sermos chamados filhos e coerdeiros com Cristo. Mas há muito a fazer pelo povo!

Não jejue só por você – jejue para que uma nação se abra para ser salva pelo sangue de Cristo. Não se santifique apenas por você, mas por todos que serão tocados pelo que flui de você. Se entendêssemos isso, chacoalharíamos o planeta! Sim, podemos ver isso acontecer!

Que privilégio é seguir as pegadas de Jesus e santificar-me para que outros vejam a Luz brilhar. Que honra!

Jesus orou por mim

> *Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste.*

Jesus não orou apenas pelos 12 apóstolos, Jesus orou por mim. Jesus orou por mim. Jesus orou por mim... Ele parou aquela oração e pensou no Alessandro. “Pai, cuida do Ale, ele precisa”. Você tem noção que Jesus orou por você?

Em uma de minhas crises, Jesus disse: “Não tem nada na sua vida, nada que você possa passar, que eu não passei. Eu me fiz homem para identificar-me com todas as dores e poder dizer: Eu passei e eu venci”.

Se você já foi abandonado, Ele foi mais. Se você já apanhou, Ele apanhou mais. Se você já foi rejeitado, Ele foi mais. Se você nasceu em condição ruim, lembre que, se o bebê Jesus fosse encontrado, seria morto. Se seu pai morreu cedo, lembre que o dele também. Sua mãe não teve boas condições? Muito provavelmente foi Jesus que ajudou a sustentar a casa de sua família. Eu tinha 17 anos, e Ele me disse: “Ale, eu já tive a sua idade”. Você já parou para pensar nisso?

Esse Jesus, que se identificou com o homem comum, deu uma pausa em sua agenda lotada, no auge da carreira ministerial, para orar por mim. Ele não orou só pelos que estava vendo, mas pelos que ainda viriam. Que Deus é esse?

E o que Ele ora? “A fim de que todos sejam um”. Porém atente para o detalhe: Ele não ora para que nós sejamos um entre nós mesmos. A frase que Ele escolhe é a seguinte: “Como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles *em nós*”. Jesus faz a sentença retornar a Ele e ao Pai, sendo um.

Eu não me canso de falar disso! Jesus orou para que eu tivesse o mesmo nível de comunhão que Ele tem com o Pai. Isso é demais! A unidade que Cristo propõe é que eu viva no Pai, assim como o próprio Jesus vive desde antes de todas as coisas serem criadas. Ou seja, Ele quer que eu tenha a mesma comunhão eterna que Ele tem com Deus. Por meio disso, eu, agora também filho, posso ser um com meus irmãos. Quer ver como uma coisa afeta diretamente a outra?

Quando se vê o Senhor, a única reação plausível é sentir-se indigno. Eu me humilho, você se humilha, os grandes homens de Deus se humilharam.

> *Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza.*
>
> *Jó 42.5,6*

Assim, com a cara no pó, não há espaço para discutir quem é o maior – de joelhos temos a mesma estatura. Não há teologia. Não há competição ou comparação. Foi o que eu vivi com meus amigos, naquela faculdade, antes que nascesse a Igreja ONE. Depois de tanto tempo com a cara no pó, Deus destruiu o que nós críamos para ensinar o que deveríamos crer. Naquele lugar íntimo, em que nós – não eu, sozinho – estávamos nEle, estabeleceu-se unidade.

Só vive unidade quem está disposto a, primeiro, viver intimidade. “A fim de que todos sejam um... em nós”. Primeiro com Deus, depois com o próximo. Na mesma intensidade em que sou tocado por Deus, devo deixar pessoas me tocarem. Assim como toco a Deus, preciso tocar alguém e preciso ser tocado.

Cristo está dizendo que, aquilo que Ele mesmo vive com o Pai, Ele deseja que nós vivamos com o Pai e entre nós mesmos, em íntima profundidade. Ouça Jesus dizer: “Você sabe quem é o Pai? Eu sei, e eu lhe dou acesso a saber quem Ele é como Eu sei” – primeiro, oferece-nos acesso ao relacionamento eterno da Trindade.

Então diz: “Seja um comigo e com o Pai. Em nós, você saberá ser um com seus irmãos, assim como eu sou um com o meu Pai”.

Amar a Deus vem antes de família. É por isso que é difícil pregar sobre família, sem antes falar de amar ao Senhor. Antes, precisamos ser um com Ele e com o Pai, em intimidade e amor. Aí, então, saberemos, de fato, o que é ser um com o próximo. Eu não vou ser apenas um com você, mas um com você *no* Pai.

Você já chegou perto de alguém que não se ofende? Esse tipo de pessoa são verdadeiros agentes de unidade. Sempre está tudo bem. Falaram mal da música dela, mas está tudo bem. Roubaram tudo que ela tinha, mas está tudo bem. Como ela consegue? Estando *no* Pai – plenamente satisfeita em amar ao Pai. Nesse lugar de amor supremo por Deus, o ser humano ganha a capacidade de amar outro ser humano, imperfeito como ele próprio. Você compreende a ordem das coisas? Primeiro, estar nEle, ser um com Ele. Depois, ser um com o próximo – essa segunda parte fica muito mais fácil se a primeira foi cumprida.

Além disso, nossa unidade sempre será falsa se o que nos une são projetos, conferências, ideias e ideais. *Fazer* coisas juntos não é o mesmo que *andarmos* juntos. Continuaremos divididos enquanto o que nos une for passageiro. Amigos, devemos ser um *em Deus.*

Quando Jesus orou por mim, Ele foi além da identificação com minha história. Ele desejou que eu experimentasse dessa unidade tanto com Ele quanto com meus irmãos. Ah! Que verdade intensa.

A glória é para eles

> *Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos.*

Você lembra que conversamos há pouco sobre Cristo ter pedido a glória de volta? Agora, já no fim do capítulo 17 de João, revela-se o mistério. Ah! Eu não consigo esconder a empolgação quando falo disso: Jesus começou a oração pedindo de volta a glória e a termina *doando* a mesma glória a nós! Meu Deus! Ele não queria a glória para Ele! Não! Não! Não! Ele queria dividir!

O Senhor Jesus decide transferir a nós a glória que receberia de volta do Pai. Cristo fez o que fez para que, em Sua gloriosa ressurreição, a igreja passasse a desfrutar dessa realidade de glória.

> *A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da* ***glória dos filhos de Deus.***
>
> *Romanos 8.19-21*

> *E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também* ***glorificou****.*
>
> *Romanos 8.30*

Olhe só como está descrita a glória em Romanos: “glória dos filhos de Deus”. Uau! Nós fomos glorificados com Cristo em Sua ressurreição. Isso quer dizer que temos corpos poderosos? Não! Significa que, em nós, habita a *plenitude* de Cristo. Na igreja, está a *plenitude* de Deus. Veja:

> *Porque aprouve a Deus que, nele, residisse toda a* ***plenitude****.*
>
> *Colossenses 1.19*

> *Também, nele, estais **aperfeiçoados**. Ele é o cabeça de todo principado e potestade.*
>
> *Colossenses 2.10*

> *E pôs todas as coisas debaixo dos pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a **plenitude** daquele que a tudo enche em todas as coisas*
>
> *Efésios 1.22,23*

As três palavras sinalizadas são da mesma origem grega:

pleroma, que significa plenitude, totalidade. O que a Bíblia ensina é que, em Cristo, habitava a *totalidade* de quem Deus é. Agora, em nós, Seu corpo, habita a totalidade de Cristo! Isso é poderoso! Mostra que somos herdeiros dessa glória que Jesus abriu mão, recebeu de volta e decidiu entregar a nós.

Que glória? A glória de ser um com Deus. Jesus diz: "...a glória que me tens dado, *para que sejam um, como nós o somos*". Mais uma vez, tudo se trata de ter sido unificado com Deus, por meio de Cristo. Essa é a glória. Não me foi dado o direito de morar no céu, mas de morar *em* Deus.

> *Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e **faremos nele morada**.*
>
> *João 14.23*

Jesus não dizia que ia voltar ao céu, mas repetia que estava voltando ao Pai. Sempre foi sobre o Pai! Sempre foi a respeito dEle. Ser um com Deus é o cerne, é a essência, é a glória que nos foi dada por Jesus. Para que mais vivemos, a não ser para ser um com Ele e, então, sermos um como igreja, como família?

Como amaste a mim

> *Eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim.* ***Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo*** *os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste. Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer,* ***a fim de que o amor com que me amaste esteja neles,*** *e eu neles esteja.*

Deus ama você como ama a Cristo. Não sei como fazer para que essa verdade atinja Seu coração. Jesus termina sua oração com uma expressão de amor, em desejo profundo de que você e eu saibamos que o mesmo amor com que Deus Pai amou Deus Filho, Deus Pai nos ama.

Vamos imaginar o que Jesus estava orando: “Que eles saibam que podem viver o que eu vivo com você, Pai”. Que mensagem ecoa até hoje? “Ei, você que está longe! Você pode viver o que eu vivo. O Pai ama você da mesma forma que me amou. Eu abri mão da minha glória, para poder levar você comigo até o Pai e reavê-la junto com você. Eu lhe dou a glória de ser um com o Pai, como Eu mesmo o sou”.

Querido, preste atenção, esta é a vida em abundância: a vida de Cristo. Não é a vida que Cristo pode me dar aqui na Terra, mas a vida que o próprio Cristo vive no Pai! Essa vida, eu posso viver. Sim, eu posso – desde eu esteja nele, e Ele esteja em mim. E o melhor: essa é a vontade de Jesus. Ele orou por isso.

Depois de caminhar por essa oração maravilhosa, acredito que alguns versículos farão mais sentido para você, assim como fizeram para mim.

> *Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado;*

mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.

Filipenses 3.12-14

Que prêmio é esse, para o qual prossigo sem olhar para trás? Conhecer a Cristo.

Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória.

Colossenses 3.1-4

Qual é o meu lugar? Escondido nEle. Minha glória é estar com Ele, hoje e para sempre. A Terra ficou pequena demais, preciso do alto.

Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos.

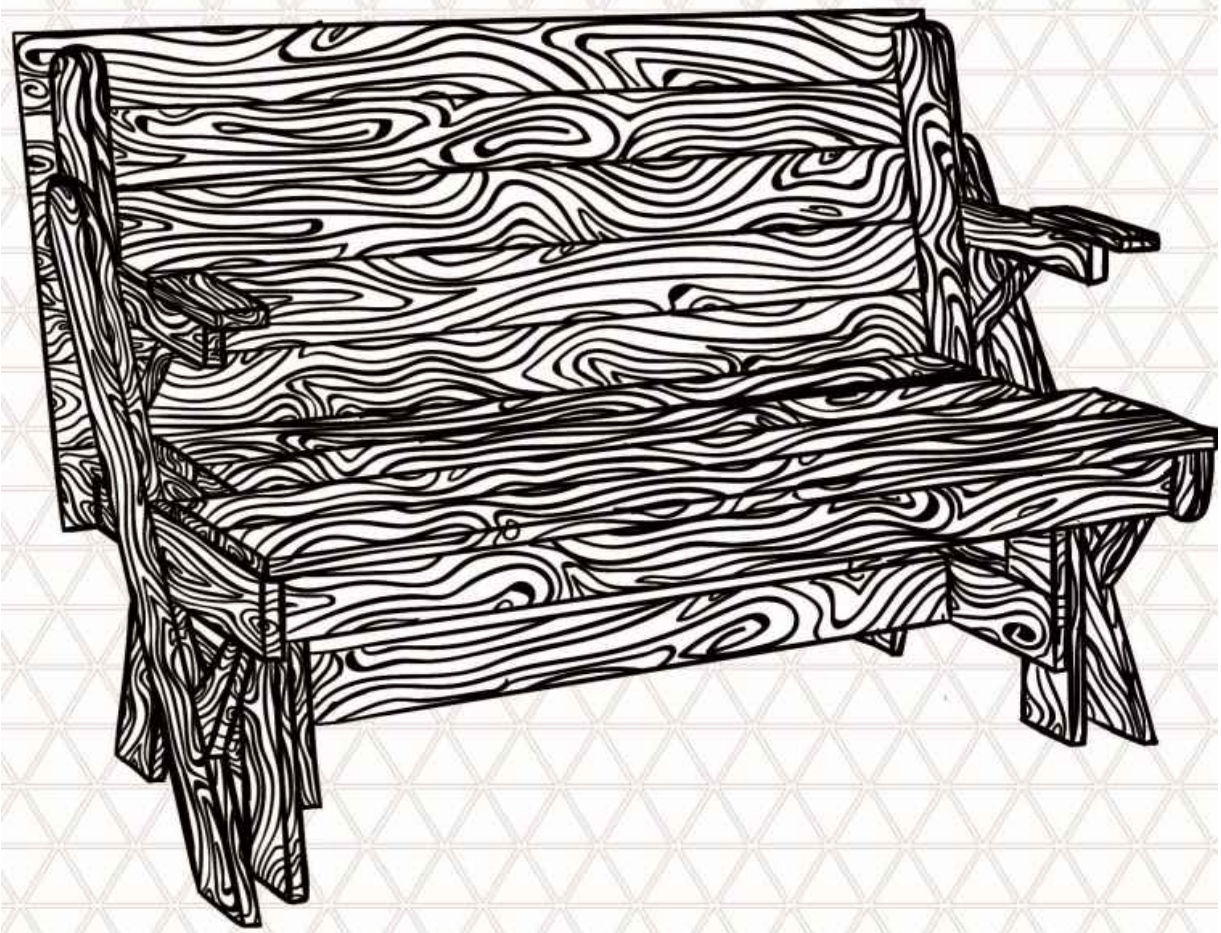
Filipenses 3.7-11

Só há uma palavra para resumir este livro: Jesus. O que estamos fazendo aqui? Jesus. O que mais? Jesus. O que eu quero com minha vida? Jesus. Jesus. Jesus.

E o que Jesus espera? Que sejamos um, como Ele é um com o Pai. Tudo que precisamos para cumprir isso já foi feito.

Que estas palavras lhe firam mortalmente – *“Fira-me o justo, será isso mercê”* (Sl 141.5). Que estas linhas saltem direto ao seu coração e deixem em pedaços tudo que é apenas humano, e não o propósito eterno. Que esta obra não se acomode à sua estante, mas lhe incomode por todos os seus dias.

Quem é Jesus? Eu preciso saber, eu quero conhecer – e quero que você vá comigo.



QUERO CONHECER JESUS

Meu orgulho me tirou do Jardim
Sua humildade colocou o Jardim em mim
Se eu vender tudo que tenho em troca do amor
Eu falharia

Pois o amor não se compra
Nem se merece
O amor se ganha
De graça o recebe

Eu quero conhecer Jesus
Eu quero conhecer Jesus E ser achado nEle

Yeshua

Meu amado é o mais belo
Entre milhares e milhares
Meu amado é o mais belo
Entre milhares e milhares

MÚSICA: *Quero Conhecer Jesus* ***ÁLBUM:***
O Fogo Nunca Dorme (2017)

Por trás da música

Seria impossível terminar este livro sem ao menos citar minha canção “Quero Conhecer Jesus”. Foi ela que deu vida à mensagem que você leu aqui. Ela tornou todo esse conteúdo acessível à igreja de Jesus em muitos lugares do Brasil e do mundo.

Eu fui batizado por Jesus com a mensagem sobre João 17 em meados de 2012, no entanto a canção só veio no início de 2016. Durante esses sete anos – de 2012 até os dias em que escrevo estas páginas, em 2019 –, a mensagem amadureceu dentro de mim, mas também foi refletida: gerou uma família, uma igreja, movimentos de rua, missões. Além disso, inspirou muitas outras músicas. Tudo ao redor da mesma busca por responder à pergunta “Quem é Jesus?”. Minha vida e as coisas ao meu redor passaram a ser construídas a partir do anseio por conhecê-Lo, acima de tudo.

Lembro-me exatamente onde estava quando cantei pela primeira vez as palavras “Quero conhecer Jesus e ser achado nEle”. Em um de nossos retiros, em Mogi das Cruzes (SP), eu liderava um turno de oração. Há algum tempo, Deus falara comigo a partir do texto de Filipenses 3.8-11, que citei desde o início do livro:

> *Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e* ***ser achado nele****, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé;* ***para o conhecer****, e o poder da sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos.*
>
> *Filipenses 3.8-11*

De maneira espontânea, as palavras começaram a sair de minha boca. Passamos alguns minutos cantando só esse pré-refrão. Nossa igreja sabia o que aquelas palavras representavam, porque já havíamos pregado centenas de vezes. Conforme eu cantava, as

lágrimas jorravam, incontroláveis – não apenas as minhas. Foi um momento especial. A mensagem se tornara canção, a revelação enchera nossos lábios. Particularmente, acredito que é assim que tudo deve ser: primeiro, temos a revelação; depois, a manifestação. Do contrário, o que fazemos não carrega vida.

No mesmo fim de semana, surgiu a melodia de “Yeshua”, que se tornaria outro trecho da mesma canção. Enquanto minha esposa Brunna pregava, eu estava com meu violão, tangendo. Nasceu ali.

Depois daqueles dias poderosos, eu tinha apenas pedaços da música, embora soubesse que algo poderoso estava por vir. Em algumas ministrações, eu liberava somente a melodia de “Yeshua”, enquanto aguardava o momento de completá-la. Aqui fica uma pequena dica de composição: não tenha pressa. Compor não é o mesmo que fazer pasteis – não existe molde e padrão. Até que o incrível aconteceu. Amigos me convidaram a ministrar na conferência ADT Worship, que acontece no Morro do Sabão, em São Paulo (SP). O culto foi fantástico e, no final, as pessoas simplesmente não paravam de adorar. Resolvi voltar ao teclado e continuar cantando. Então veio. Como da outra vez, palavras fluíram espontaneamente, fechando o refrão: “Quero conhecer Jesus e ser achado nEle”. Em seguida, minha boca cantou um dos trechos de Cantares que há tempos fazia meu coração tremer: “Meu amado é o mais belo entre milhares e milhares”.

Parece surreal, mas não estou aumentando nem forçando: aquelas pessoas cantavam comigo como se conhecessem a música! Eu mesmo cantava como se ela já existisse. Certa vez, ouvi algum compositor afirmar que é assim que brotam as boas canções. Eu vivi isso – e quem estava lá viveu comigo. O que nunca fora cantado saiu de nossos lábios em uníssono, resgatando da memória o que jamais esteve lá. Sobrenatural, meu amigo!

Cantamos por muitos minutos. Quando cansávamos dessa parte, era hora de voltar para “Yeshua”. Foi assim com instrumento, sem instrumento, todos juntos. Que experiência! É difícil descrever, mas

realmente um fruto nasceu a partir do que já habitava dentro de nós: o entendimento de que tudo que importa é conhecê-Lo, além de que, na busca por saber quem é Jesus, encontramos como resposta o mais belo entre milhares!

Até aí, eu tinha o pré-refrão, o refrão e a melodia. Faltava completar os versos e organizar a canção. Então, pouco tempo depois, sentei com meu celular, um papel, uma caneta e o violão. Aliás, faço questão de descrever esses detalhes para que você visualize e experimente exatamente como aconteceu comigo – e acontece em muitas composições.

Naquele meu momento, sozinho, palavras começaram a bombardear minha mente. E eu as cantei, praticamente de primeira, assim como elas são hoje. Foi como um trovão, que liberou seu som. “Quero Conhecer Jesus” estava completa.

Recebi críticas. Alguns me enviaram questionamentos como “Jesus não colocou o Jardim em mim” e “não foi a humildade de Cristo que me salvou, mas Sua morte na cruz”. Entendo as críticas, embora ache-as tolas. Com todo respeito, mas só poderia criticar dessa forma alguém que fez uma força descabida para não entender nada. Mesmo assim, eu explico.

No início, “Meu orgulho me tirou do jardim” tem como intenção mostrar a queda do homem. Usei a palavra “orgulho” porque acredito que resume bem: o homem olhou para si mesmo, amou a si mesmo – e amou mais que amava a Deus. Trocou o eterno relacionamento por um resultado: ter conhecimento como Deus tinha, ser “igual” a Deus.

O extremo oposto do que levou à queda trouxe salvação: humildade. O segundo Adão fez o contrário do que fez o primeiro Adão, e esse foi o sucesso do Calvário. Se o homem odiou, Cristo amou. Se Adão pecou, Cristo venceu o pecado. Usei antônimos para tornar simples a explicação de que Cristo venceu não com super poderes, mas com um super caráter. A humildade do Rei que

se tornou homem devolveu-me o acesso ao jardim. Na verdade, colocou o céu em mim. Uau! Essa verdade ainda me transpassa.

E o mais incrível: foi de graça! Eu não mereço nem nunca merecerei. Pela fé, a salvação de Cristo veio a mim quando ninguém mais viria. Mais uma vez, Cantares explodiu dentro de mim:

> *Nem mesmo as muitas águas conseguem apagar o amor; os rios não conseguem arrastá-lo correnteza abaixo. Quisesse alguém dar tudo o que possui para comprar o amor, qualquer valor seria absolutamente desprezado.*
>
> *Cantares 8.7 (KJV)*

Então cantei:

Pois o amor não se compra
Nem se merece
O amor se ganha
De graça o recebe

Cristo não nos amou porque merecemos, mas porque isso é quem Ele é. Ou seja, minha vida é baseada no que Jesus é e naquilo que Ele fez na cruz. Isso faz de mim alguém firmado na Rocha, que não vive para ser aceito, mas vive *porque* foi aceito!

Sim! Eu fui amado de graça!

> *Nós amamos porque ele nos amou primeiro.*
>
> *1 João 4.19*

Agora que fui salvo, redimido, adotado... eu quero conhecer Jesus! Oh! Eu quero saber quem Ele é e tornar-me como Ele! Oh! Eu quero deixar tudo para trás e segui-Lo até os confins da Terra! Cristo, eu quero ser achado em você!

Eu quero conhecer Jesus

Eu quero conhecer Jesus

E ser achado nEle

Yeshua

Preciso confessar que algumas críticas me assustaram como: “Como assim ‘quero conhecer Jesus’? Eu já O aceitei como Salvador!”. Outras me fizeram rir: “Quando se canta ‘Yeshua’ parece ‘exu’. Tá amarrado!”. Sei que muitos constróem a existência sobre o firme fundamento de “comentar a vida alheia”, ao mesmo tempo que respeito o gosto de cada um; porém não posso esconder meu espanto.

Quero encorajá-lo a buscar em meu canal no Youtube a primeira versão dessa música, quando eu não tinha nem previsão de gravar um álbum. Gravei de um celular. Naquela época, muitos já cantavam a canção sem saber que era de minha autoria. Alguns até haviam gravado. Foi só depois de um tempo que ela criou asas e voou – pelo Brasil e pelas nações.

Sou grato por ter recebido essa canção do Espírito. Sou realmente grato. Porém minha eterna gratidão será por ter entendido a importância e a profundidade do que é conhecê-Lo. Minha vida existe e encontra satisfação na busca por responder “Quem é Jesus?”; não teoricamente, mas por experiência diária. É só isso que importa.

Faltam-me palavras para descrever o impacto da mensagem que essa canção carrega – então escrevi o livro que está em suas mãos! Coube mais do que em uma música, apesar de eu ter certeza que o conteúdo não se esgotaria nem em milhares de obras.

“Quem é Jesus” é a pergunta da minha vida. Vivo pela resposta. Meu anseio é que, depois deste livro, você nunca mais se contente com menos do que *ser achado nEle*. Ontem, hoje e para sempre, é tudo sobre Ele.

Com amor e lágrimas, suplico ao Senhor que estas verdades mudem sua vida como mudaram a minha. Ou melhor, que você possa ir muito além do que eu fui na experiência de conhecê-Lo.

Se não for pedir demais, antes de fechar o livro, ore comigo:

> *Senhor Jesus, nós te amamos. Não existe ninguém como o Senhor. Faça que nossos corações sejam batizados com uma fome insaciável por saber quem Tu és. Renove nossa mente para sermos transformados à Tua semelhança! Também ensina-nos a andar em unidade com os irmãos como o Filho e o Pai são um. Mude nossa vida mais uma vez. Marque-nos para sempre. Em Teu precioso nome, oramos. Amém.*